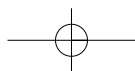


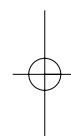
Cartas, Manifestações, Reflexões e Reproduções
espiritualidade e cidadania



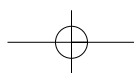


Sebastião Botelho Júnior
In memoriam

Cartas, Manifestações, Reflexões e Reproduções
espiritualidade e cidadania



Editora Travessia



Copyright © Sebastião Botelho Júnior, 2006

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Adalberto Pereira

REVISÃO

Núcleo de Editoração Valer

Editora Travessia

Rua Ramos Ferreira, 1195

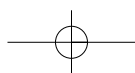
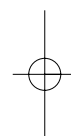
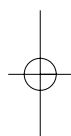
69010-120, Manaus-AM

Fone: (92) 3633-6565

www.editoravaler.com.br

Este recanto – o Botelhão manteve por algum tempo uma coluna intitulada “Recanto Espírita”, no *Amazonas em Tempo* – visa a uma discreta divulgação da Doutrina Espírita, sem preocupações de polêmica, pois todas as religiões caminham para DEUS, embora existam diferenças fundamentais entre elas.

Sebastião Botelho Júnior



Sumário

Nota do Organizador	11
Prefácio	13
Reproduções	15
Não Vim Destruir a Lei	15
Aliança da Ciência e da Religião	20
Há muitas Moradas na Casa de meu Pai	24
Mundos Inferiores e Mundos Superiores	28
Mundos de Expições e de Provas	32
A Parentela Corporal e a Parentela Espiritual	36
O Cristo Consolador	40
Honrai a Vosso Pai e a Vossa Mãe: piedade filial	45
Utilidade Providencial da Riqueza	48
Trabalhar Sempre	52
O Problema do Destino	54
Reflexões	57
A Afabilidade e a Doçura	57
A Fé Humana e a Divina	59
A Palavra de Emmanuel	62
A Pátria do Evangelho	76
A Reencarnação e a Pluralidade das Existências	80
AVE! MARIA	86

BOA NOVA (obra mediúnica)	90
Cidade do Além	92
É Difícil Compreender o Espiritismo?	95
Finalidade do Espiritismo	100
O Fenômeno da Morte	102
Os Exilados da Capela	108

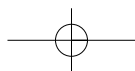
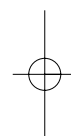
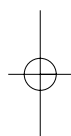
Manifestações 111

A Tragédia do Challenger	111
A Corrupção e a próxima Assembléia Constituinte	115
Constituinte <i>versus</i> Dívida Externa	120
Cristianismo Renascente	123
Um País Doente	126
Homenagem a Álvaro Maia	132
Relembrando a grande figura de Álvaro Maia	136
Umberto Calderaro Filho	139
Congresso Internacional de Espiritismo	141

Cartas 145

Aos Filhos	145
Ao Presidente da República – A	150
Ao Superintendente de Relações Institucionais do BNDES	151
Ao Ministro da Economia	154
Ao Ministério da Fazenda aos cuidados da Secretaria de Administração Geral – A	156
Ao Ministério da Fazenda aos cuidados da Secretaria de Administração Geral – B	157
Ao Presidente da República – B	158
Ao Senador da República	163
Ao Comandante Militar da Amazônia	166
À Ministra da Economia	172
Ao Presidente da República – C	177
Ao Ministério da Fazenda aos cuidados da Secretaria de Administração Geral – C	180
A um amigo – A	182

Ao mesmo amigo – B	186
Ao mesmo amigo – C	189
Ao mesmo amigo – D	191
Ao mesmo amigo – E	194
Ao mesmo amigo – F	196
Ao mesmo amigo – G	198
Ao mesmo amigo – H	203
Ao mesmo amigo – I	205
Ao mesmo amigo – J	207
A um filho	208
A outro amigo	213
Posfácio	216
Apêndice	223
Vida Social, Profissional e Familiar	223
Autobiografia	223
Curriculum Vitae	234
Galeria de Fotos	237
Homenagens	247



Nota do Organizador

Esta é uma singela homenagem à militância religiosa e cidadã de nosso pai, Sebastião Botelho Júnior, abraçada, com dedicação e devoção, ao longo de mais de 50 anos de vida no Planeta Terra.

Botelhão, como nós o chamávamos carinhosamente na intimidade, desencarnou em 2005, aos 88 anos de idade. Nasceu numa localidade de Humaitá, Amazonas, chamada Huepuranga, hoje pertencente a Rondônia. Foi um grande homem, honrado e digno, que ajudou sua família ascendente, organizou sua própria família, apoiou as famílias de seus descendentes, cumpriu sua profissionalidade com competência e honestidade, contribuiu para sua comunidade, permanecendo atento ao seu lar e à sua esposa, Maria Eliza, nossa Elizoca, até o último momento de sua existência neste planeta Terra.

A digitalização e estudo das reflexões e reproduções espíritas, quase todas publicadas em veículos de comunicação de Manaus, a título de divulgação do Espiritismo, foi um meio adotado para mitigar a saudade que sinto de sua ausência física. Ademais, resgato uma sugestão dada ao Botelhão, e por ele aceita, de que seus escritos fossem publicados a partir deste meu esforço. Adicionei, por conta própria, mas contando com o apoio de meus irmãos, as manifestações e cartas, todas formuladas com base em sua posição religiosa, que indicam a substantividade de sua cidadania, a qual foi permanentemente escudada na sua concepção religiosa. É importante registrar que todos os seus escritos são posteriores à sua longa carreira como professor, servidor público e profissional liberal.

Ao longo de minha existência ao seu lado, embora não tenha me tornado espírita, assimilei muito dos conceitos dessa doutrina, os quais foram ratificados nessa empreitada. Talvez o principal seja a fé na imortalidade do espírito. Nesse sentido, posso afirmar que não sinto dor pela partida do Botelhão para uma outra dimensão. Em nível profano, buscamos adotar sua correção junto ao Estado e à sociedade, permanecendo fiel aos valores universais da liberdade, da independência e do desenvolvimento.

Não há dor, porque, como dissemos eu e meus irmãos, no seu santinho da missa de sétimo dia, aceitamos a partida de nosso querido pai para uma outra dimensão porque o entendemos imortal. Além do que, adotamos seu exemplo como nosso norte. Sua fé, como nossa esperança. Afirmamos tal adoção, eu e meus irmãos, em conjunto, na sua missa de sétimo dia. Na oportunidade, confessamos, ainda, nosso profundo amor e gratidão por tudo que foi e representou para nós.

Hoje, na missa de um ano, as saudades permanecem na lembrança de sua memória, que celebramos cotidianamente em nossa caminhada aqui na Terra, até que um dia, quem sabe, mereçamos voltar a abraçá-lo e beijá-lo.

A título de ilustração da vida social e profissional de meu pai, adicionamos ao fulcro desta brochura uma pequena biografia e um rápido *curriculum vitae*. Ambos, embora escritos pelas próprias mãos do Botelhão, estão incompletos. Objeto, talvez, de refinamento futuro. Adicionamos, ainda, uma seleção de fotos, representando suas relações familiares, sociais, profissionais e religiosas, bem como depoimentos e testemunhos de seus filhos e netos.

Não poderia finalizar sem antes agradecer as palavras do também espírita militante, amigo de nosso pai, Benedito da Gama Monteiro, que elaborou o prefácio. Igualmente meus agradecimentos vão para o médico Ronaldo Pinto, também militante espírita, que acompanhou o Botelhão e acompanha a Elizoca como profissional, durante a terceira idade deles, que escreveu o posfácio. Essa pequena brochura, do grande Botelhão em memória, também resta engrandecida com a amizade que ambos dedicaram ao meu pai.

Antônio José Botelho



Prefácio¹

Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus (Jesus; Mateus, 5: 16).

Retornou à Pátria Espiritual aos 88 anos de idade em 2005 o dedicado trabalhador das lides espíritas Sr. Sebastião Botelho Júnior, natural de Humaitá-AM, deixando um rastro luminoso de trabalhos edificantes e significativos, de bons exemplos, como chefe de família, dedicação e competência doutrinária do espiritismo, tendo colaborado na difusão da Doutrina Espírita com publicações nos diversos veículos de comunicação, especialmente na Cidade de Manaus (AM), entre estes destacamos: Jornal "Amazonas em Tempo": em junho de 1992, 28.05.1992, 25.11.1995, 25.12.1995, 23.08.1998, 30.08.1998, 11.10.1998, 29.11.1998, na Coluna "Recanto Espírita"; Jornal "O Mensageiro", da Federação Espírita Amazonense – FEA: janeiro, fevereiro e março (publicação trimestral) de 1993 e janeiro, fevereiro e março (publicação trimestral) de 1994, entre outros.

O irmão Botelho militou intensamente no Espiritismo durante 50 anos consecutivos, tendo desempenhado vários cargos em diversas atividades relevantes, em várias Instituições como na própria

1. Poucos dias após receber este Prefácio, o amigo Benedito veio a desencarnar. Registramos, aqui, nossos sentimentos à família da Gama Monteiro.

Casa Mater do Espiritismo do Amazonas, a Federação Espírita Amazonense, no período de nossa gestão, como palestrante esclarecido, articulista competente, além de ter ajudado na campanha de construção da nova sede da FEA, tendo participado da reunião de Inauguração do salão Dr. Bezerra de Menezes, no nova sede no dia 28.08.1998, compondo a mesa junto com a Presidência e Vice-Presidência da Diretoria, Presidência e Vice-Presidência do Conselho Superior, conforme fotografia adiante. Ministrou cursos, seminários, como também participou ativamente em outras Casas Espíritas, entre estas, o Centro Espírita Fraternidade e o Grupo espírita Amor e Luz.

Benedito da Gama Monteiro,

Ex-presidente da FEA (01.01.1982; 11.01.1998)

fevereiro de 2006

Reproduções

Não Vim Destruir a Lei²

1. Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los: – porquanto, em verdade vos digo que o Céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto (S. Mateus, Cap. V, vv. 17 e 18).

Moisés

2. Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável: a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

- I Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. – Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que

2. Reprodução extraída do Capítulo I, do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 11.10.98.

está acima no Céu, nem abaixo na terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. – Não os adorarei e não lhes prestareis culto soberano.

- II Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.
- III Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.
- IV Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.
- V Não mateis.
- VI Não cometais adultério.
- VII Não roubeis.
- VIII Não presteis testemunho falso contra vosso próximo.
- IX Não desejeis a mulher do vosso próximo.
- X Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua terra, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme todos os legisladores dos povos primitivos.

A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas só a idéia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, nas quais ainda pouco desenvolvidos se encontravam o senso moral e o sentimento de uma justiça reta. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: “Não matareis; não causareis dano ao vosso próximo”, não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam, pois, um caráter essencialmente transitório.

O Cristo

3. Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumprila, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptala ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depa-ra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés, propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma.

Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar, do que as reduzindo a esta única prescrição: "Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo", e acrescentando: "Aí estão a lei toda e os profetas".

Por estas palavras: "O Céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota", quis dizer Jesus ser necessário que a lei de Deus tivesse cumprimento integral, isto é, fosse praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todas as suas ampliações e conseqüências. Efetivamente, de que serviria haver sido promulgada aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens, ou sequer, de um único povo? Sendo filhos de Deus todos os homens, todos, sem distinção nenhuma, são objeto da mesma solicitude.

4. Mas, o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento: a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do ser espírito e da sua missão divina. Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que se é vivida no reino dos céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos.

Entretanto, não disse tudo, limitando-se, respeito a muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos implícitos. Para ser apreendido o sentido oculto de algumas palavras suas, mister se fazia que novas idéias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, idéias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade.

A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais idéias. Importava, pois, dar à Ciência tempo para progredir.

O Espiritismo

5. O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.
6. A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificação nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual,

cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera.

7. Assim como Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução”. Nada ensina em contrário ao que ensina Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir nos termos preditos, o que Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

Aliança da Ciência e da Religião³

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra a do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fossem as negações uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de idéias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuos concursos. Então, não mais desmentida pela Ciência, e Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

3. Reprodução extraída do Capítulo I, do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 18.10.98.

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que se separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as conseqüências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações; às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é lei de Deus.

Instruções dos Espíritos: a nova era

Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só pelos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo destinava-se a chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade.

Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o gérmen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não a teriam então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser um como frontispício brilhante, qual farol destinado a clarear a estrada que a Humanidade tinha de percorrer.

A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se pro-

punha regenerar, e esses povos, semi-selvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo. Notável do ponto de vista da matéria e mesmo do das artes e das ciências, a inteligência deles muito atrasada se achava em moralidade e não se houvera convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, qual a que apresentava então a religião hebraica. Os holocaustos lhes falavam aos sentidos, do mesmo passo que a idéia de Deus lhe falava do espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos: que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma perfeita moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance.

São chegados os tempos em que se hão de desenvolver as idéias, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as idéias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas idéias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, que então abraçarão em ciência que lhes dá a chave da vida futura eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, voltaram as trevas. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos

se puseram a falar e a nos advertir. O mundo está balado em seus fundamentos; reboará o trovão. Sedes firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da natureza e estai certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabeis, cristão, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. O reino de Cristo, ah! passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não vieram. Cristãos, voltai para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil àquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons espíritos vo-lo dizem sobejamente; dobre-vos à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não serdes derribados, isto é, preparai-vos e não imiteis as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se apresta é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa voz humilde, porquanto sois o grão de areia; mas, sem grãos de areia, não existiriam as montanhas. Assim, pois, que estas palavras – “somos pequenos” – careçam para vós de significação. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. Não constrói a formiga o edifício de sua república e imperceptíveis animálculos não elevam continentes? Começou a nova cruzada. Apóstolos da paz univer-sais, que não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhem e marchem para frente; a lei dos mundos é a do progresso.

Há muitas Moradas na Casa de meu Pai⁴

Não se turbe o vosso coração. – Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar lugar. – Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejais.

Diferentes Estados da Alma na Erraticidade

A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos

4. Reprodução extraída do Capítulo III, do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 25.10.98.

culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes insulado, sem consolação, separado dos que constituem objeto de suas afeições, pena sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas.

Diferentes Categorias de Mundos Habitados

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há-os em que estes últimos são inferiores aos da terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reina soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da metéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

Nos mundos intermediários, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais adiantados, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expirar haurem novas forças, repouso das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.

Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingirem a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes depa-ram elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se vêem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal.

Destinação da Terra e Causas das Misérias Humanas

Muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana bem triste coisa é. Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocam os que o emitem e que lhes dá uma falsa idéia do conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade toda, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros orbes do Universo. Ora, que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena nada tem que espante, desde que leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.

Faria dos habitantes de uma grande cidade falsíssima idéia quem os julgasse pela população dos seus quarteirões mais ínfimos e sórdidos. Num hospital, ninguém vê senão doentes e estropiados; numa penitenciária, vêem-se reunidas todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, os habitantes, em sua maioria, são pálidos, franzinos e enfermiços. Pois bem: figure-

se a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um sítio malsão, e ela é simultaneamente tudo isso, e compreender-se-á por que as aflições sobrelevam aos gozos, porquanto não se mandam para o hospital os que se acham com saúde, nem para as casas de correção os que nenhum mal praticaram; nem os hospitais e as casas podem ter por lugares de deleite.

Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira. E, do mesmo modo que do hospital saem os que se curaram e da prisão os que cumpriram suas penas, o homem deixa a Terra, quando está curado de suas enfermidades morais.

Mundos Inferiores e Mundos Superiores⁵

A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores nada têm de absoluta: é, antes, muito relativa. Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva.

Tomada a Terra por termo de comparação, pode-se fazer idéia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição de raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, resto do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, são de certo modo rudimentares os seres que os habitam. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. A força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Deus entretanto, a nenhuma de suas criaturas abandona; no fundo das trevas da inteligência jaz, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ente supremo. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e para lhes preparar a ascensão a uma vida mais completa, porquanto eles não são seres degradados, mas crianças que estão a crescer.

5. Reprodução extraída do Capítulo III, do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 01.11.98.

Entre os degraus inferiores e os mais elevados, inúmeros outros há e difícil é reconhecer-se nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, os que foram esses seres primitivos, do mesmo modo que o homem adulto se custa a reconhecer o embrião.

Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimas diversas das vidas na Terra. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem de materialidade terrestre e não está, conseguintemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorizações que a predominância da matéria provoca. Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseira da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Os homens conservam, a seu grado, os traços de suas passadas migrações e se mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, porém, irradiando uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores hão figurado no nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta e quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir. Durante a vida, a alma, já não tendo a constringi-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento.

Nesses mundos venturosos, as relações entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre. Não senhores, nem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade merece respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo; aperfeiçoando-se. Seu objetivo é galgar a categoria dos espíritos puros, não lhe constituindo um tormento esse desejo, porém, uma ambição nobre, que induz a estudar com ardor para os igualar. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios, os mesquinhos ciúmes, as baixas cobanças da inveja; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos, por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe.

No vosso, precisais do mal para sentireis o bem; da noite, para admirares a luz, da doença, para apreciares a saúde. Naqueles outros não há necessidade desses contrastes. A eterna luz, a eterna beleza e a eterna serenidade da alma proporcionam uma alegria eterna, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material, ou pelo contato dos maus, que lá não têm acesso. Isso o que o espírito humano maior dificuldade encontra para compreender. Ele foi bastante engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pode imaginar as alegrias do céu. Por que? Porque, sendo inferior, só há experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; não pode, pois, falar do que não conhece. A medida, porém, que se eleva e depura, o horizonte se lhe dilata e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que lhe está atrás.

Entretanto, os mundos felizes não são orbes privilegiados, vis- to que Deus não é parcial para qualquer de seus filhos; a todos dá os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem a

tais mundos. Fá-los partir todos do mesmo ponto e a nenhum dota
melhor do que os outros; a todos são acessíveis as mais altas
categorias: apenas lhes cumpre a eles conquistá-las pelo seu tra-
balho, alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por
séculos no local da Humanidade.

Mundos de Expições e de Provas⁶

Que vos direis dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta que observeis o em que habitais? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso, mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expirarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias de vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.

Entretanto, nem todos os espíritos que encarnaram na Terra vão aí em expiações. As raças que chamais selvagens são formadas de espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contacto com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais hão podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

6. Reprodução extraída do Capítulo III, do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 08.11.98.

Os espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos adquiridos. Daí vem que os espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidades sendo portanto, mais provas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.

A Terra, conseqüentemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como carácter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do espírito.

Mundos Regeneradores

Entre as estrelas que cintilam na abóbora azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também os há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que ampla

faculdade é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada.

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos; mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita eqüidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhes as leis.

Nesses mundos, portanto, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito à vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que dele se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanações do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emana.

Mas, ah! nesses mundos, ainda falível é o homem e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam.

Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbora azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra.

Progressão dos Mundos

O progresso é lei da natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que aos homens pareceu termo final de todas as coisas, é apenas um meio de se chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento.

Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progredem normalmente, progredem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançavam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada na Natureza permanece estacionário.

Quão grandiosa e digna é essa idéia da majestade do criador. Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!

Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a lei de Deus.

A Parentela Corporal e a Parentela Espiritual⁷

Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto, o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito do seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os que encarnam numa família sobretudo como parentes próximos, são, as mais das vezes, Espíritos simpáticos, ligadas por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por mútuo antagonismo que aí lhes serve de provação. Não são os da consangüinidade os verdadeiros laços de família e sim os da simpatia e da comunhão de idéias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações.

Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se fossem pelo sangue. Podem então se atrair, buscar-se sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consangüíneos podem repelir-se, conforme

7. Reprodução extraída do Capítulo IV, do *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 29.11.98.

se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências.

Há, pois, duas espécies de famílias; as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolve moralmente, já existência atual.

Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo aos seus discípulos: "Aqui estão minha mãe e meus irmãos pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe".

A hostilidade que lhe moviam seus irmãos se acha claramente expressa em a narração de São Marcos, que diz terem eles o propósito de se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que este perderá o Espírito. Informado da chegada deles, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: "Eis aqui meus verdadeiros irmãos".

Embora na companhia daqueles estivesse sua mãe, ele generalizava o ensino que de maneira alguma implica haja pretendido declarar que sua mãe segundo o corpo nada lhe era como espírito, que só indiferença lhe merecia. Provou suficientemente o contrário em várias circunstâncias.

Instrução dos Espíritos: a ingratidão dos filhos e os laços de família.

A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos. Mas, a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. É, em particular, desse ponto de vista que a vemos considerar, para lhe analisar as causas e os efeitos. Também nesse caso, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou

permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto se vão cheios de ódios violentos e insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles porém, mais adiantados do que os outros, é dado entrevejam uma partícula da verdade; aprendem então as funestas conseqüências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante inaudito esforço, conseguem tais Espíritos observar os a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade se lhes desperta no íntimo; revoltam-se à idéia de perdoar, e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, sobretudo à de amarem só que lhes destruíram, quiçá, os haveres, a honra, a família. Entretanto, abalado fica o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predominarem a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes dêem forças, no momento mais decisivo da prova. Por fim, após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contacto com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será amigo ou inimigo daquele entre os quais foi chamado a viver. É como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Nada com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apresentar causas, necessário se torna volver o olhar ao passado.

Ó espíritas! Compreendei o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa

alma; tal a missão que a vós está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a provação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado a vossa guarda? Se por culpa vossa ele se conservou atrasado tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedi-reis vos seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós a para ele, outra encarnação em que os cerquei de melhores cui-dados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com seu amor.

O Cristo Consolador⁸

O Jugo Leve

Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo (S. Mateus, cap. XI, vv. 28 a 30).

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: "Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei".

Entretanto, faz depender de uma condição a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas, esse jugo é leve e a lei é suave pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.

8. Reprodução extraída do Capítulo VI, do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Publicada pela coluna "Recanto Espírita", no *Amazonas em Tempo*, em 15.11.98.

Consolador Prometido

Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O Espírito de Verdade, que o mundo não vê e absolutamente o não reconhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. – Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos enviará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito (S. João, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26).

Jesus promete outro Consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo: se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei: ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os que tem ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados”. Mas, como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crise salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o

sofrimento. Sabe que este lhe auxiliar o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para ver os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

Instruções dos Espíritos: advento do espírito de verdade

Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: a Deus bom, o Deus grande, que faz germinar as plantas e se levantar as ondas. Revelei a doutrina divina. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: “Vinde a mim, todos vós que sofreis”.

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundos a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! Pois que a morte é ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca

nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misé-rias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão em socorro aos infelizes transviados que vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se energizam. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: "Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impunidade".

Venho instruir e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem, porquanto a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras; mas, que esperem, pois que também a eles os anjos consoladores lhes virão enxugar as lágrimas.

Obreiros, traçai o vosso sulco; recomeçai no dia seguinte o afanoso labor da véspera; o trabalho das vossas mãos vos fornece aos corpos a pão terrestre; vossas almas, porém, não estão esquecidas; e eu, o jardineiro divino, as cultivo no silêncio dos vossos pensamentos. Quando soar a hora do repouso e a trama da vida se vos escapar das mãos e vossos olhos se fecharem para a luz, sentireis que surge em vós e germina a minha preciosa semente. Nada fica perdido no reino de nosso Pai e os vossos suores e misérias formam o tesouro que vos tornará ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desnudo dentre todos vós será talvez o mais resplandecente.

Sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que vos há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos. Venho salvá-los. Vinde, pois, a mim vós que sofreis e vos achais oprimidos, e sereis aliviados e consolados. Não busqueis alhures a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações, por meio do Espiritismo. Escutai-o. Extirpa-

dos sejam de vossas almas doloridas a impunidade, a mentira, o erro, a incredulidade. São monstros que suga o vosso mais puro sangue e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que, no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua lei divina. Amai e orai; sede dócil aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo de vossos corações. Ele, então, vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras: Eis-me aqui; venho até vós, porque me chamastes.

Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que a pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda a parte, junto de cada lágrima, colocou ele um bálsamo que consola. A abnegação e o desenvolvimento são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em vez de clamarem contra as dores, contra os sofrimentos morais que neste mundo vos cabem em partilha. Tomais, pois, por divisas estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humanidade vos impõem. O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao Espírito e resignação. O coração bate então melhor, a alma se asserena e o corpo se forra aos desfalecimentos, mais profundamente golpeado é o Espírito.

Honrai a Vosso Pai e a Vossa Mãe: piedade filial⁹

O mandamento “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe: mas, o termo “honrai” encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Quis Deus mostrar por essa forma que ao amor se deve juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral. Este dever se estende naturalmente às pessoas que se fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar a seu pai e a sua mãe, não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância.

Sobretudo para com os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade filial. Obedecem a esse mandamento os que julgam fazer grande coisa porque dão a seus pais o estritamente

9. Reprodução extraída do Capítulo XIV, do “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Publicada pela coluna “Recanto Espírita”, no *Amazonas em Tempo*.

necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam, atirando-os para os cômodos mais ínfimos da casa, apenas por não os deixarem na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má vontade e não os obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles o peso do governo da casa! Será então aos pais velhos e fracos o que cabe servir a filhos jovens e fortes? Ter-lhes-á a mãe vendido o leite, quando os amamentava? Contou porventura suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos que deram para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem a seus pais pobres só o estritamente necessário, devem-lhes também, na medida do que puderem, os pequenos nada supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento da dívida sagrada. Unicamente essa é a piedade filial grata a Deus.

Ai, pois, daquela que olvida o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para lhe garantir o bem-estar. Ai do ingrato: será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, algumas vezes já na existência atual, mas com certeza noutra, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

Alguns pais, é certo, descaram de seus deveres e não são para os filhos o que deviam ser; mas, a Deus é que compete puni-los e não a seus filhos. Não compete a estes censurá-los, porque talvez hajam merecido que aqueles fossem quais se mostram. Se a lei da caridade manda que se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de outrem, se não diga mal do próximo, se lhe esqueçam e perdoem os agravos, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações, em se tratando de filhos para os pais! Devem, pois, os filhos tomar como regra de conduta para com seus pais todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo e ter presente que todo procedimento censurável, com relação aos estranhos, ainda mais censurável se torna relativamente aos pais; e que o que talvez não passe de simples falta, no primeiro caso, pode ser considerado crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

Deus disse: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim viveres longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará". Por que promete Ele como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação se encontra nestas palavras: "que Deus vos dará", as quais suprimidas na moderna fórmula do Decálogo, lhe alteram o sentido. Para compreendermos aqueles dizeres, temos de nos reportar à situação e às idéias dos hebreus naquela época. Eles ainda nada sabiam da vida futura, não lhes indo a visão além da vida corpórea. Tinham, pois, de ser impressionados mais pelo que viam, de que pelo que não viam. Fala-lhes Deus então numa linguagem que lhes estavam mais ao alcance e, como se dirigisse a crianças, põe-lhes em perspectiva o que os pode satisfazer. Achavam-se eles ainda no deserto; a terra que Deus lhes dará é a Terra da Promissão, objetivo das suas aspirações. Nada mais desejam do que isso; Deus lhes diz que viverão nela longo tempo, isto é, que a possuirão por longo tempo, se lhe observarem seus mandamentos.

Mas, ao verificar-se o advento de Jesus, já eles tinham mais desenvolvidas suas idéias. Chega-te a ocasião de receberem alimentação menos grosseira, o mesmo Jesus os inicia na vida es-piritual, dizendo: "Teu reino não é deste mundo; lá e não na Terra é que receberéis a recompensa das vossas boas obras". A estas palavras, a Terra Prometida deixa de ser material, transformando-se numa pátria celeste. Por isso, quando os chama à observância daquele mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe", já não é a terra que lhes promete e sim o céu.

Utilidade Providencial da Riqueza¹⁰

Provas da Riqueza e da Miséria

Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, idéia que repugna à razão. Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamentos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Mas, do fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que dela sabe servir-se, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaze-te de todos os teus bens e segue-

10. Reprodução extraída do Capítulo XVI, do “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Publicada pela coluna “Recanto Espírita”, no *Amazonas em Tempo*, em data não identificada.

me”, não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à idéia de abandonar os bens que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até ao extremo de adquiri-la com sacrifício.

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a por a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas, não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até à sua abnegação. Fazia uma aplicação do princípio: “Fora da caridade não há salvação”.

A consequência dessas palavras, em sua acepção rigorosa, seria abolição da riqueza por prejudicial à felicidade futura e como causa de uma imensidade de males na Terra; seria, aos demais, a condenação do trabalho que a pode granjear; consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é a lei de Deus.

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que mais útil lhe poderia ser. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, preciso se faz aumentar a produção. Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre

os povos constituem uma necessidade. A fim de mais facilitar, cumpre sejam destruídos os obstáculos materiais que os separam e tornadas rápidas as comunicações. Para trabalhos que são obra dos séculos, teve o homem de extrair os materiais até das entranhas da terra; procurou na Ciência, os meios de os executar com maior segurança e rapidez. Mas, para os levar a efeito, precisa de recursos: a necessidade fê-lo criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. A atividade que esses mesmos trabalhos impõe lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o meio primordial de execução, sem ela não maiores trabalhos, nem atividade, nem estimulante, nem pesquisas. Com razão, pois, é a riqueza considerada elemento de progresso.

Desigualdades das Riquezas

A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. É, aliás, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que vive, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitindo disse ele a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitindo isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí

está uma prova da sabedoria de Deus. Dando-lhe o livre-arbítrio, quis Ele que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que não mais fora senão instrumento passivo e irresponsável como os animais. A riqueza é um meio de experimentar moralmente. Mas, como, ao mesmo tempo, é poderoso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutivo, pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem de possuí-la, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não a tem hoje, já teve ou terá noutra existência; outro, que agora a tem, talvez não a tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

Deploram-se, com razão, o péssimo uso que alguns fazem das suas riquezas, as ignóbeis paixões que a cobiça provoca, e pergunta-se: Deus será justo, dando-as a tais criaturas? É exato que, se o homem só tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. Carece, pois, o pobre de motivo assim para acusar a Providência, como para invejar os ricos e estes para se glorificarem do que possuem. Se abusam, não será com decretos ou leis suntuárias que se remediará o mal. As leis podem, de momento, mudar o exterior, mas não logram mudar o coração; daí vêm serem elas de duração efêmera e quase sempre seguida de uma reação mais desenfreada. A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

Trabalhar Sempre¹¹

Se teus encargos te parecem pesados em demasia, não te abandones à impressões negativas e sim ergue-te em espírito ante a luz da compreensão.

Comparemos a existência, quando na Terra, a um campo que o Senhor nos concede cultivar. Cada criatura permanece na gleba que lhe coube.

Companheiros existem a se queixarem de quaisquer climas e, temendo trabalho, se marginalizam na expectativa. Esses amigos, no entanto, não se surpreenderão, na hipótese de se verem, um dia, cercados de pragas invasoras, no quinhão de terra que a Divina Providência lhes haverá confiado.

Na imagem a que nos reportamos, se destaca um símbolo ainda que pálido de nossa passagem no Plano Físico.

É imperioso, de nossa parte, educar instintos, sublimar impulsos, estabelecer o autodomínio e aprimorar-nos, quando possível, no transcurso do tempo em que usufruamos a gleba de nossas realizações no mundo, em regime de comodato.

Se aguaceiros de desenganos te encharcam os dias, se tempestades de sofrimento te compelem a mudanças difíceis, se provas inesperadas te induzem à tribulações e crises de variada espécie, não te abatas e continuas nas tarefas que a vida te reservou.

11. Reproduzida de *Amigo*, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, a partir do Espírito EMMANUEL. Publicada no *A Notícia*, em 04.09.83.

Haja o que houver, adianta-te e fazes o melhor que possas.

Recorda que é preciso semear o bem, por dentro de nós e por fora de nós, onde estivermos, de vez que, nessas diretrizes, o bem se nos fará alegria e paz, coragem e esperança, nas áreas de cada hora.

Se algo te fez parar no serviço do bem a que te impusestes, recebendo o empréstimo da existência no mundo, refazes as próprias energias, levanta-te das sombras da tristeza e não te acomodes com a inércia.

O Problema do Destino¹²

O problema do nosso destino não se reduz a evitar pseudocastigos e obter imaginárias recompensas, neste ou noutros mundos. Semelhante conceituação é de cunho genuinamente egoísta.

Ora, aquele problema, que tão de perto nos afeta, só pode ser solucionado mediante o cultivo do sentimento oposto, que é o amor.

Para viver bem, precisamos ter uma certa compreensão da finalidade da vida. Essa finalidade é o amor. Os tropeços e percalços, as refregas e as lutas, a dor sob seus multiformes aspectos, como também os prazeres e triunfos mais ou menos efêmeros que logramos alcançar, são ensinamentos e experiências, são processos educativos, geralmente mal interpretados, os quais têm por escopo conduzir-nos ao Amor, portanto, à finalidade da vida.

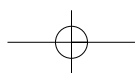
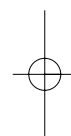
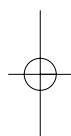
O “porquê” da vida é o amor; e o “porquê” do amor é DEUS. A vida leva ao amor e o amor conduz a DEUS. Essa trajetória chama-se evolução. Evolução é renovação. A parte individual que nela tomamos denomina-se educação, ou melhor, auto-educação.

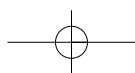
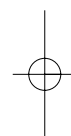
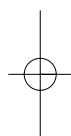
Uma vez descoberto esse objetivo, o destino vai-se cumprindo, desde então conscientemente; e nós, longe de embarçar o seu curso natural, como ora sói acontecer, dar-lhe-emos todo o nosso apoio a fim de que o mesmo se consuma, na eternidade do tempo

12. Reproduzida de *O Mestre da educação*, obra psicografada por Pedro de Camargo, a partir do Espírito Vinícius. Não encontramos sinais de sua publicação, mas sim os rascunhos nos arquivos do Botelhão, consignado, num canto, o seguinte “Recanto Espírita: Responsabilidade de Sebastião Botelho Jr.”.

e na infinidade universal.

Esclarecido assim o senso da vida, teremos desvendado o mistério do destino, encontrando, a seu turno, a desejada felicidade.





Reflexões

A Afabilidade e a Doçura¹³

A afabilidade e a doçura com nossos semelhantes é uma forma de caridade, pois faz parte do mandamento divino que manda “amar o próximo como a nós mesmos”.

É a antítese da violência, que é a falta de caridade. Não é fácil ser dedicado com o nosso próximo, porque guardamos ainda fortes marcas de egoísmo. Sobretudo, quando somos ofendidos, ou contrariados em nossos desejos, partimos para o revide, esquecendo aquele mandamento de DEUS, que manda-nos amar o nosso semelhante.

É preciso que eliminemos de nossa personalidade o rancor, a má vontade, tornando brandos os nossos corações com o nosso próximo. No trabalho, na direção de uma empresa, na chefia de um escritório, no exercício de uma função elevada, no nosso lar, quantas vezes o homem ou a mulher se torna violentos, se encolerizam, tratando mal os seus subordinados?

Há inúmeras formas de despotismo. O déspota é aquele que quer que a sua vontade prevaleça de qualquer maneira, humilhando os mais fracos ou aqueles que se encontram sob sua dependência. Há os déspotas do lar, que tratam com grosseria as suas esposas, os seus filhos, as empregadas domésticas e que desejam demonstrar a sua autoridade com violência, esquecendo-se das palavras de JESUS: “Todo aquele que se exalta será

13. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelhão.

humilhado”. “Todo aquele que se humilhar, será exaltado no reino dos céus”.

JESUS CRISTO nos deu o exemplo constante da afabilidade e da doçura, quando conversava e ensinava os seus discípulos, quando atendia a qualquer pessoa necessitada que o procurava. Jamais exerceu a violência por atos ou palavras.

O exemplo final da sua afabilidade e do seu magnânimo coração foi o Calvário. Preso, espancado, vilipendiado, carregando uma cruz, crucificado, jamais deixou escapar dos seus lábios uma pala-vra de ofensa ou de recriminação aos seus algozes. Ao contrário, antes de expirar na cruz, elevou o pensamento no Pai Misericordioso e pediu que os perdoasse porque eles não sabiam o que estavam fazendo!

Devemos, portanto, seguir o exemplo do Divino Mestre, para que o nosso ser imortal afaste de si as nódoas da violência, do egoísmo, e irradie sempre sentimentos de simpatia, de bondade, para com o nosso próximo.

Sejamos sinceros nos nossos atos, usando sempre a benevolência. Quando ofendidos, não revidamos a ofensa. Guardemos silêncio e façamos uma prece em favor do nosso irmão que nos ofendeu, pedindo a JESUS que o ampare e o esclareça, que faça renascer dentro dele a paz e a tranquilidade.

Irradiemos sempre bons pensamentos em torno de nós, para que recebamos da Espiritualidade a ajuda de que necessitamos para cumprirmos com as nossas tarefas aqui na Terra.

A Fé Humana e a Divina¹⁴

No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros, é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.

Até o presente, a fé não foi comprometida senão pelo lado religioso, porque CRISTO a exaltou como poderosa alavanca.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso.

Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. A fé não se prescreve, não se impõe. Ele se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la.

A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é deste século.

Hoje, a espírito humano tornou-se ainda mais exigente. A fé cega está abandonada. Reina descrença nas Igrejas que a impunham. As massas humanas vivem sem ideal, sem esperança em outra vida e tentam transformar o mundo pela violência. As lutas

14. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelhão.

econômicas engendram as mais exóticas doutrinas. Duas guerras mundiais assolaram o planeta, numa ânsia furiosa de predomínio econômico.

Toda a esperança da Humanidade terrena hoje se apóia no Espiritismo, na restauração do Cristianismo. Essa restauração, todavia, é demorada, far-se-á através dos séculos ou milênios, com a ajuda dos Espíritos Superiores.

As religiões tradicionais, aos poucos, modificarão os seus dogmas seculares, e pregarão, dos púlpitos, a reencarnação, a lei de causa e efeito, as responsabilidades pessoais, a que todos os terrícolas estão sujeitos, de acordo com as leis iminentes do Criador.

Saberemos, todos os habitantes da Terra, que somos espíritos imortais, que o nosso Planeta é qual um educandário, para onde viemos com o objetivo principal de corrigir os nossos erros, prestando ao mesmo tempo a nossa colaboração para o progresso geral da sociedade. É fora de dúvida que reincarnam na Terra espíritos de escol (missionários, cientistas, intelectuais), vindos até de mundos mais adiantados, com a elevada missão de ajudar no progresso geral do nosso Planeta.

Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração. Fé inabalável só o é a que pode encarar frente à frente a razão, em todas as épocas da humanidade, afirmou ALLAN KARDEC, o codificador do Espiritismo.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Todos os sistemas, todas as doutrinas, que nenhum bem para a humanidade houverem produzido, cairão, reduzidos a nada. Todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entre-

tanto, revelem, quando perscrutados, algo de substancial para os corações. Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*; Cap. XIX; Parábola da Figueira que Secou).

A Palavra de Emmanuel¹⁵

I Parte

Um dos livros admiráveis do insigne espírito de EMMANUEL – *Há 2.000 anos* – psicografado pelo notável médium Francisco Cândido Xavier, revela os episódios vividos pelo orgulhoso senador romano Públio Lentulus, na época em que Jesus de Nazaré, realizava as suas pregações na Palestina.

Esse livro é um dos monumentos da literatura espírita, que se expande cada vez mais em nosso País, trazendo ensinamentos valiosos para todos nós e nossas famílias, espíritos eternos que somos, ora reencarnados no planeta Terra.

É importante que compreendamos a finalidade de nossa permanência na humanidade terrena, cumprindo os nossos deveres perante a família e a sociedade, corrigindo erros passados e presentes, burilando os nossos espíritos, colaborando com todos os nossos irmãos, ajudando os sofredores e infelizes, porque estes também são filhos do mesmo Pai, misericordioso e bom, criador do Universo.

Somos espíritos imortais, cabe-nos trabalhar continuamente pelo nosso progresso, intelectual, moral e espiritual, dando nossa parcela de esforço e de trabalho, mesmo modesto, para que nosso planeta Terra galgue mais um degrau evolutivo: passe da categoria de mundo de expiação e provas para a de mundo de

15. Publicada no *Amazonas em Tempo*, em junho de 1992.

regeneração. No nosso mundo atual, prevalece o mal. Existe o bem, mas prevalece o mal. Nos mundos de regeneração, existe ainda o mal, mas prevalece o bem.

Vejam-se os ensinamentos contidos no “Evangelho Segundo o Espiritismo” – Mundos Inferiores e Mundos Superiores.

O livro *Há 2.000 anos* está dividido em duas partes. Interessante, agora, somente alguns acontecimentos relatados na primeira parte, tais sejam a conversão íntima entre o senador Públio Lentulus, em sua residência, em Roma, capital do Império, e o velho amigo de muitos anos, Flaminio Severus, também senador, e o encontro do senador Públio Lentulus, com Jesus, o Messias de Nazaré, em Cafarnaum (pequena cidade da Palestina), a quem o senador havia procurado, a insistente pedido de sua esposa Lívia, para obter a saúde de sua filhinha, que estava atacada de lepra, doença para qual não havia remédio naquele tempo. Esse encontro é um dos momentos emocionantes do livro.

Na conversa íntima com Flaminio Severus, Públio Lentulus dizia-lhe:

Como podemos explicar a diversidade da sorte neste Mundo? Por que a opulência dos nossos bairros aristocráticos e as misérrimas do Equilino? A fé no poder dos deuses não consegue elucidar esses problemas torturantes. Vendo minha desventurada filhinha com a carne dilacerada e apodrecida, sinto que o teu escravo está com verdade. Que teria feito a pequena Flávia, nos seus sete anos incompletos, para merecer horrendo castigo das potestades celestiais? Que alegria poderiam encontrar as nossas divindades nos soluços de uma criança e nas lágrimas dolorosas que nos calcinam o coração? Não será mais compreensível e aceitável que tenhamos vindo de longe com as nossas dívidas para com os poderes do Céu?. Tenho sacrificado aos deuses segundo os nossos hábitos e ninguém mais do que eu se orgulha das gloriosas virtudes de nossas tradições familiares. Entretanto, minhas observações não surgem tão-somente a propósito da filhinha. Há muitos dias ando torturado com e espantoso enigma de um sonho.

No sonho, o senador Públio Lentulus via-se revestido das insígnias de cônsul, ao tempo da República. Parecia-lhe haver retrocedido à época de Lucius Sergius Catalina, pois o via ao seu lado, bem

como a Cícero, que se lhe figurava duas personalidades, do mal e do bem.

Num relâmpago, revivi toda a tragédia, sentindo que minhas mãos estavam nodoadas do sangue e das lágrimas dos inocentes. Contemplei, atemorizado, como se estivesse regressando involuntariamente a um pretérito obscuro e doloroso, a rede de infâmias perpetradas com a revolução, em boa hora esmagada pela influência de Cícero, e o de-talhe mais terrível é que eu havia assumido um dos papéis mais importantes e salientes na ignomínia... Todos os quadros hediondos do tempo passaram, então, à frente dos meus olhos espantados...

Públio Lentulus tinha os olhos úmidos e a voz trêmula, como se profundas emoções o dominassem naquelas circunstâncias. Aproximando-se de uma imagem de cera entre as muitas que ali se enfileiravam, chamou a atenção de Flaminio com uma simples palavra: “Reconheces?”

Sim – respondeu o amigo, estremecendo – reconheço essa esfinge. Trata-se de Públio Lentulus Sura, teu bisavô paterno, estrangulado há quase um século, na revolução de Catilina. Fazem precisamente noventa e quatro anos que o pai de meu avô foi eliminado nessas tremendas circunstâncias – exclamou Públio. Repara bem os traços desta figura para verificares a semelhança perfeita que existe entre mim e esse longínquo antepassado. Não estaria aqui a chave do meu sonho doloroso?. Repara estes papiros! São notas de meu bisavô, acerca dos seus projetos no Consulado. Encontrei neste acervo de pergaminhos diversos, minutas de sentenças de morte, as quais já havia observado nas minhas digressões do sonho inexplicável. Confronta estas letras! – Não se parecem com as minhas? Que desejáramos mais, além destas notas caligráficas? Há muitos dias vivi este obscuro dilema no íntimo do coração...Serei um Públio Lentulus Sura reencarnado?.

Ainda durante o sonho, Públio Lentulus lobrigou a figura celeste de Lívia que lhe estendia as mãos fúlgidas e carinhosas.

Afigurava-se-me que minha esposa me era familiar de épocas remotíssimas, porque não hesitei um instante em lhe tornar as mãos, que me conduziram a um Tribunal, onde se alinhavam figuras estranhas e venerandas.

Lívia devia ser o meu anjo tutelar nesse conselho de magistrados intangíveis, porque sua destra pairava sobre minha cabeça, como a impor-me resignação e serenidade, a fim de ouvir as sentenças supremas". Desnecessário será dizer-te do meu espanto e do meu receio, diante desse tribunal que eu desconhecia, quando a figura daquele que me pareceu a sua autoridade central me dirigiu a palavra, exclamando: – Públio Lentulus, a justiça dos deuses, na sua misericórdia, determina tua volta ao turbilhão das lutas do mundo, para que laves as nódoas de tuas de tuas culpas nos prantos remissores. Viveras numa época de maravilhosos fulgores espirituais, lutando com todas as situações e dificuldades, não obstante o berço de ouro que te receberá ao renasceres, a fim de que edifiques tua consciência denegrada, nas dores que purificam e regeneram.

No final da conversa com o amigo, Flaminio Severus sugeriu a Públio Lentulus uma viagem à Palestina, levando a família para uma estação de repouso. Salientou a existência de regiões de clima ado-rável, onde talvez conseguisse a cura da filhinha.

Através do sonho e daquelas provas materiais (a efígie e a letra dos papiros), a conclusão era de que o senador Públio Lentulus representava a reencarnação do seu bisavô. Eram, portanto, o mesmo espírito!

EMMANUEL (Espírito) é o protetor do médium Francisco Cândido Xavier e orientador dos seus trabalhos de psicografia há mais de quarenta anos, realizados na pequena cidade de Pedro Leopoldo, no Estado de Minas Gerais.

II Parte

Vamos encontrar o senador Públio Lentulus e sua comitiva desembarcando em pequeno porto da Palestina. O seu destino era Jerusalém.

Esperavam-no além do legado do procurador, alguns lictores e numerosos soldados pretorianos, comandados por Sulpicio Tar-

quinius, munidos de todos os aprestes e elementos exigidos para uma viagem tranqüila e confortável, pelas estradas de Jerusalém.

Ia a caravana a bom termo quando, nas proximidades de Jerusalém ocorre um imprevisto. Um corpo sibilante cortou o ar, alojando-se no palanquim do senador, ouvindo-se ao mesmo um grito estridente e lamentoso. Minúscula pedra ferira levemente o rosto de Lívia, determinando grande alarme na massa enorme de servos e cavaleiros”.

Sulpicio Tarquinius cavalvou e prendeu imediatamente o jovem judeu autor do arremesso da pedra. Públio Lentulus determinou que vergastassem sem comiseração o rapaz, pela sua leviandade.

Todos os servos acompanhavam, compungidos, o estalar de chicote no dorso seminu daquele homem ainda moço, que gemia, em soluções dolorosos, sob o látigo despótico e cruel. A uma pergunta de Sulpicio, quanto ao novo destino do infeliz, o senador falou em tom rude e irritado: – “Para as galeras!”.

Os presentes estremeceram, porque as galeras significavam a morte ou a escravidão para sempre.

A chegada a Jerusalém ocorreu sem outros fatos dignos de nota. Pilatos e sua mulher encontravam-se nas solenidades de recepção ao senador, que ia, como legado de Tibério junto da administração da província, encarnando o princípio da lei e da autoridade.

No segundo dia de sua permanência em Jerusalém, o senador Públio Lentulus foi procurado por um homem humilde e relativamente moço, que apresentava como credencial, tão-somente, o coração aflito e carinhoso de pai.

Ilustríssimo senador, sou André, filho de Gioras, operário modesto e paupérrimo. Ouso vir até vós, reclamando o meu filho Saul, preso há três dias por vossa ordem e remetido diretamente para o cativeiro perpétuo das galeras...

Peço-vos clemência e caridade na reparação dessa sentença de terríveis efeitos para a estabilidade de minha pobre casa. Saul é o meu primogênito e nele deponho toda a minha esperança paternal.

Como ousas discutir minhas determinações, quando guardo a consciência de haver praticado a justiça? Não posso modificar minhas deli-

berações, estranhando que um judeu ponha dúvida à ordem e à palavra de um senador do Império.

Mas, senhor, sou pai... Não me cabe examinar as razões do teu sentimento, porque a minha palavra está dada irrevogavelmente.

André de Gioras mirou Públio Lentulus de alto a baixo, ferido na sua emotividade de pai e no seu sentimento de homem, esfuziando de dor e de cólera reprimidas.

“Acabais de comprar, com a dureza do coração, um inimigo eterno e implacável!... Plantaste, agora, uma árvore de espinhos, cujo fruto um dia amargará sem remédio o vosso coração duro e insensível, porque a minha vingança pode tardar, mas, como a vossa alma inflexível e fria, ela será também indefectível e tenebrosa”.

Uma série de reflexões penosas enfileirou-se no seu mundo íntimo, assinalando os mais fortes conflitos de sentimentos. Também ele não era pai e não procurava reter os filhinhos perto do coração? Aquele homem possuía as mais fortes razões para considerá-lo um espírito injusto e perverso.

Recordou o sonho inexplicável que, relatado a Flaminio, fora a causa indireta da sua vinda para a Judéia e considerou as lágrimas de compunção que derramara, em contato com o turbilhão de lembranças perniciosas da sua existência passada, em face de tantos crimes e desvios. Ordenou que trouxessem o jovem Saul à sua presença, com a urgência que o caso requeria, a fim de recambiá-lo à casa paterna, e modificando, dessa forma, as penas impressões que havia causado ao pobre André.

Todavia, o jovem Saul desaparecera do cárcere, fazendo crer numa fuga desesperada e imprevista. Os informes foram transmitidos à autoridade superior, sem que Públio Lentulus viesse a saber que os maus servidores do estado negociavam, muitas vezes, os prisioneiros jovens com os ambiciosos mercadores de escravos.

Informado de que o prisioneiro se evadira, o senador sentiu a consciência aliviada das acusações que lhe pesavam o íntimo. Afinal, tratava-se de caso de somenos importância, porquanto o rapaz, distante do cárcere, procuraria imediatamente a casa paterna.

Na verdade, o moço judeu fora vendido, clandestinamente, a poderosos escravocratas de Roma, em companhia de muitos outros, e embarcados no antigo porto de Jope, com destino à capital do Império.

Públio e Lívia se encontravam em Cafarnaum, sentido uma onde de vida nova, que seus pulmões aspiravam a longos haustos. O mesmo não acontecia à pequena Flávia, cujo estado geral piorava ao extremo, contra todas as previsões. Agravam-se as feridas que lhe cobriam o corpo magrinho e a pobre criança não conseguia mais arredar pé do leito, onde se conservava em profunda prostração.

Acentuava-se, desse modo, a angústia paterna que, em balde, recorrem a todos os meios para melhorar as condições da doentinha.

Um mês havia transcorrido em Cafarnaum, onde já não lhes era desconhecida a fama das obras e das pregações de Jesus.

Veze inúmeras pensou Públio em dirigir-se ao Taumaturgo, a fim de solicitar a sua intervenção a favor da filhinha, atendendo a um apelo secreto do coração. Reconhecia, no íntimo, porém, que semelhante atitude representava humilhação para a sua posição política e social, aos olhos dos plebeus e vassalos do Império.

Uma tarde, porém, os padecimentos da pequenina haviam atingido o auge. Além das feridas que, de muitos anos se haviam multiplicado no corpinho gracioso, outras úlceras surgiram nas regiões da epiderme, transformando-lhe os órgãos delicados numa pústula viva.

Públio Lentulus debruçou-se sobre o leito da filha, com seus olhos rasos em pranto: “Filhinha, que queres hoje para dormir melhor?” – perguntou com a voz estrangulada. “Comprar-te-ei muitos brinquedos e muitas novidades... Dize ao papai o que desejas...”.

Ao cabo de visível esforço, pôde a pequenina murmurar com voz cansada e quase imperceptível. “Papai... eu quero... o profeta... de Nazaré...”.

O senador baixou os olhos, humilhado e confundido, em face do imprevisto daquela resposta, enquanto Lívia e Ana, como se fossem tocadas por força invisível e misteriosa, pelo inopinado da cena, escondiam o rosto inundado de pranto.

No dia seguinte, em conversa íntima com Públio Lentulus, Lívia dirigiu-se-lhe em vos de súplica e afetuosa:

Considero, querido, que devias atenuar um pouco os rigores da posição em que o destino nos colocou, procurando esse homem generoso, para benefício de nossa filha. Todos se referem às suas ações, empolgados por sua bondade edificadora, e eu acredito que o eu coração se apiedará da nossa desditosa situação”.

“Pois bem, Lívia, acederei aos teus desejos, mas só a angústia que nos vai na alma me faz transgredir, de maneira tão rude, com os meus princípios.

III Parte

“Muito bem!” – disse Lívia. “Guardo na alma a mais sincera e profunda fé. Ficarei rogando a bênção dos céus para a nossa iniciativa. O profeta, que agora surge como verda-deiro médico das almas, saberá que, atrás de tua posição de senador do Império, há corações que sofrem e choram!”.

O senador deixou que as horas movimentadas do dia se escoassem com as claridades do poente e, quando o crepúsculo entornava as suas meias-tintas na paisagem maravilhosa, saiu fingindo distração e alheamento, como se desejasse conhecer de perto a antiga fonte da cidade, motivo de atração para os forasteiros.

Uma hora passou sobre as suas amargas cogitações íntimas. Um velório imenso de sombras invadia toda a região, cheia de vitalidade e de perfumes.

“Onde estava o profeta de Nazaré naquele instante? Não seria uma ilusão a história dos milagres e da sua encantadora magia sobre as almas? Não seria um absurdo procurá-lo ao longo dos caminhos, abstraído-se dos imperativos da hierarquia social? Em todo caso, deveria tratar-se de homem simples e ignorante, dada a sua preferência por Cafarnaum e pelos pescadores”.

Dando curso às idéias que lhe fluíam da mente incendiada e abastida, Públio Lentulus considerou difícilíssima a hipótese do seu encontro com o mestre de Nazaré. Como se entenderiam?

O senador sentiu o coração perdido num abismo de cogitações infinitas, ouvindo-lhe o palpitar descompassado no peito oprimido. Dolorosa emoção lhe compungia agora as fibras mais íntimas do espírito. Apoiara-se, insensivelmente, num banco de pedras de deixara-se ali ficar, sondando o ilimitado do pensamento.

Nunca experimentara sensação idêntica, senão no sonho memorável relatado unicamente a Flaminio.

Recordava-se dos menores feitos da sua vida terrestre, afigurando-se-lhe haver abandonado, temporariamente, o cárcere do corpo material. Sentia profundo êxtase, diante da natureza e das suas maravilhas, sem saber como expressar a admiração e reconhecimento aos poderes celestes, tal a clausura em que sempre mantivera o coração insubmisso e orgulhoso.

Das águas mansas do lago de Genesaré parecia-lhe emanarem suavíssimos perfumes, casando-se deliciosamente ao aroma agreste da folhagem.

Foi nesse instante que, com o espírito como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouviu passos brandos de alguém que buscava aquele sítio.

Diante de seus olhos ansiosos, estacará a personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misteriosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos, levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Públio Lentulus não teve dificuldades em identificar aquela criatura impressionante, mas, no seu coração marulhavam ondas de sentimentos que, até então, lhe eram ignorados. Nem a sua apresentação a Tibério, nas magnificências de Capre, lhe havia imprimido tal emotividade ao coração.

Lágrimas ardentes rolaram-se dos olhos, que raras vezes haviam chorado, e força misteriosa e invencível fê-lo ajoelhar-se na relva lavada em luar.

Desejava falar, mas tinha o peito sufocado e oprimido. Foi quando, num gesto de doce e soberana bondade, o meigo Nazareno caminhou para ele, qual visão concretizada de um dos deuses de suas antigas crenças, e, pousando carinhosamente a destra em sua fonte, exclamou em linguagem encantadora, que Públio entendeu perfeitamente, como se ouvisse o idioma patricio, dando-lhe a inesquecível impressão de que a palavra era de espírito para espírito, de coração para coração.

Senador, por que me procuras? Fora melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição sublime da fé e da humildade...

Mas, eu não vim ao mundo para derogar as leis da natureza e venho ao encontro do teu coração desfalecido!...

Públio Lentulus nada pode exprimir, além de suas lágrimas copiosas, pensando amargamente na filhinha.

Sim... Não venho buscar o homem de Estado, superficial e orgulhoso, que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de meu Pai.

Venho atender às súplicas de um coração desditoso e oprimido, e, ainda assim, meu amigo, não é o teu entendimento que salva a filhinha leprosa e desvalida da ciência do mundo, porque tens ainda a razão egoística e humana.

É, sim, a fé e o amor de tua mulher, porque a fé é divina... Basta um raio só de suas energias poderosas para que se pulverizem todos os monumentos das vaidades da terra...

Comovido e magnetizado, o senador considerou, intimamente, que seu espírito pairava numa atmosfera de sonho, tais as comoções desconhecidas e imprevistas que se lhe represavam no coração.

Não meu amigo, não estás sonhando..” – explicou, meigo e enérgico o Mestre, adivinhando-lhe os pensamentos. “Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontra hoje um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida.

Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora ou daqui a alguns milênios. Se o desdobramento da vida humana está subordinado às circunstâncias, és obrigado a considerar que elas existem de toda a natureza, cumprindo às criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes.

Soa para teu espírito, neste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar tua liberdade para que seja ele, em teu coração, doravante, um cântico de amor, de humildade e de fé, na hora indeterminável da redenção, dentro de eternidade.

Mas, ninguém poderá agir contra a tua própria consciência, se quiseses desprezar indefinidamente este minuto ditoso!

Pastor das almas humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!

Públio fitou aquele homem extraordinário, cujo desassombro provocava admiração e espanto.

Humildade? Que credenciais lhe apresentava o profeta para lhe falar assim, a ele senador do Império, revestido de todos os poderes diante de um vassalo?

Num minuto, lembrou a cidade dos cézares, coberta de triunfos e glórias, cujos monumentos e poderes acreditava, naquele momento, fossem imortais.

Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis...

As magnificências dos cézares são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios, como todos os guerreiros, são chamados no momento oportuno aos tribunais de justiça de meu Pai que está no Céu.

Um dia, deixarão de existir as suas águias poderosas, sob um punhado de cinzas miseráveis.

Suas ciências se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso. Suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso destes séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem – a lei do amor, instituída por meu Pai, desde o princípio da criação... Agora, volta ao lar, consciente das responsabilidades do teu destino... Se a fé instituiu na tua casa o que consideras a alegria com o restabelecimento de tua filha, não te esqueças que isso representa um agravamento de deveres para teu coração, diante de nosso Pai, Todo-Poderoso!

IV Parte

O senador quis falar, mas a voz tornara-se-lhe embargada de comoção e de profundos sentimentos. Desejou retirar-se, porém, nesse momento, notou que o profeta de Nazaré se transfigurava, de olhos fitos no céu.

Aquele sítio deveria ser um santuário de suas meditações e de suas preces, no coração perfumado da Natureza, porque Públio adivinhou que ele orava intensamente, observando que lágrimas copiosas lhe lavavam o rosto, banhado então por uma claridade branda, evidenciando a sua beleza serena e indefinível melancolia.

Nesse instante, contudo, suave torpor paralisou as faculdades de observação do patrício, que se aquietou estarecido. Deveriam ser vinte e uma horas, quando o senador sentiu que despertava.

Guardando na memória os mínimos pormenores daquele minuto inesquecível, Públio sentiu-se humilhado e diminuído, em face da fraqueza de que dera testemunho diante daquele homem extraordinário.

Deveria ele abandonar as suas mais caras tradições de pátria e família para tornar-se um homem humilde e irmão de todas as criaturas?

Sorria consigo mesmo, na sua presumida superioridade, examinando a inanidade daquelas exortações que considerava desprezíveis.

Entretanto, subiam-lhe do coração ao cérebro outros apelos comovedores. Não falara o profeta da oportunidade única e maravilhosa? Não prometera, com firmeza, a cura da filhinha à conta da fé ardente de Lívia?

Mergulhado nessas cogitações íntimas, abriu cautelosamente a porta da residência, encaminhando-se ansioso ao quarto da enferma e, oh!, suave milagre! A filhinha repousava nos braços de Lívia, com absoluta serenidade.

Sobre-humana e desconhecida força mitigara-lhe os padecimentos atrozes, porque seus olhos deixavam entrever uma doce satisfação infantil, iluminando-lhe o semblante risonho.

Lívia contou-lhe, então, cheia de júbilo maternal, que em dado momento, a pequenina dissera experimentar na fronte contato de mãos carinhosas, sentando-se em seguida no leito, como se energia misteriosa lhe vitalizasse o organismo de maneira imprevista.

Alimentara-se, a febre desaparecera contra todas as expectativas. Ela revelara atitudes de convalescente, palestrando com a mãezinha, com a graça espontânea da sua meninice.

Lívia continuou o relato a Públio Lentulus:

– Desde que saíste, eu e Ana oramos com fervor junto da nossa doentinha, implorando ao profeta que atendesse ao teu apelo, ouvindo os nossos rogos e, agora eis que a nossa filhinha se restabelece!...

– Poderá, querido, haver felicidade maior do que esta?... Ah! Jesus deve ser um emissário direto de Júpiter, enviado a este mundo em gloriosa missão de amor e de alegria para todas as almas!...

Ana, porém, que escutava comovida, interveio num gesto espontâneo e incoercível;

– Não, minha senhora!... Jesus não veio da parte de Júpiter. Ele é filho de Deus, seu Pai é nosso Pai que está nos céus, e cujo coração está sempre cheio de bondade e misericórdia para todos os seres, conforme o Mestre nos ensina. Louvemos, pois, o Todo-Poderoso, pela graça recebida, agradecendo a Jesus com uma prece de humildade...

Públio Lentulus exclamou:

- Por que essa demasiada confiança no profeta de Nazaré, quando ele não é superior aos magos e feiticeiros de Roma? E, além disso, onde colocas as tradições de nossas divindades familiares, se não sabes guardar a fé em torno do altar doméstico?
- Não concordo contigo, querido, nestas ponderações. Tenho plena convicção de que nossa Flávia foi curada por esse homem extraordinário... No instante da sua melhora súbita, quando ela nos falava das mãos sublimadas que a acariciavam, vi, com meus olhos, que o leito da doentinha estava saturado de luz diferente, como nunca visto, até então...
- Luz diferente? Por certo desvairas, depois de tantas fadigas; ou então estás contagiada das alucinações deste povo de fanáticos, em cujo seio tivemos a pouca sorte de cair...
- Não meu amigo, não se trata de desvario. Não obstante as tuas palavras, que reconheço partidas do coração que mais adoro e admiro na Terra, tenho a certeza de que o Mestre de Nazaré acaba de curar nossa filhinha.

A Pátria do Evangelho¹⁶

No seu livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, psicografado pelo conhecido médium Francisco Cândido Xavier, o eminente Espírito Humberto de Campos descreve os acontecimentos espirituais, os quais, sob a excelsa supervisão de Jesus, ocorreram para a escolha do Brasil para ser a Pátria do Evangelho.

Prefaciando o livro, Emmanuel, que é o protetor e orientador do Chico Xavier, recorda o cientista alemão Humboldt, que, visitando o extenso vale do Amazonas, exclamou, extasiado, que ali se encontra o celeiro do mundo. São palavras desde eminente Espírito, no prefácio do livro:

O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas também a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro... Se a Grécia e a Roma da Antigüidade tiveram a sua hora, como elementos primordiais das origens de toda a civilização do Ocidente; se o império português e o espanhol se alastraram quase por todo o planeta; se a França, se a Inglaterra têm tido a sua hora proeminente nos tempos que assinalam as etapas evolutivas do mundo, o Brasil terá também o seu grande momento, no relógio que marca os dias da evolução da humanidade.

Define Emmanuel, na síntese dessas expressões, a missão

¹⁶. Publicada no *Amazonas em Tempo*, em 25.11.1995 e em 30.08.1998.

destinada ao Brasil pela Espiritualidade Superior, sob a orientação de Jesus.

Foi o Brasil escolhido pelo Divino Mestre para ser a Pátria do seu Evangelho, muito antes da descoberta da terra do Cruzeiro pelas naus portuguesas.

Para essa escolha, na Espiritualidade Superior, Jesus convocou Helil, espírito de grande evolução, o qual veio a reencarnar em Portugal, em 1394, como filho de D. João I e de Filipa de Lancastre, tornando-se o herdeiro Infante de Sagres, que operou a renovação das energias portuguesas, expandindo a navegação para além dos mares com a Escola de Sagres.

No dia 7 de março de 1500, estava preparada a grande expedição de Cabral ao novo roteiro das Índias. Nessa ocasião, a preocupação das autoridades portuguesas era atingir as Índias, para descobrir os seus tesouros. As caravelas de Cabral, todavia, afastaram-se do roteiro previsto e foram atingir as praias de Porto Seguro. Estava descoberta a Terra do Cruzeiro, que seria depois chamada de Vera Cruz e Santa Cruz, e finalmente Brasil. As caravelas atingiram Porto Seguro em abril de 1500.

O Espírito Humberto de Campos relata, naquele livro, os fatos históricos da Terra do Cruzeiro, desde a escolha para ser a Pátria do Evangelho de Jesus, até a Proclamação da República e, 15/11/1889. Descreve, em capítulos sugestivos e brilhantes, com seu estilo inconfundível, os acontecimentos vividos pelo Brasil durante o domínio português. Estuda e descreve com riqueza de detalhes os eventos que relacionamos a seguir:

- A descoberta do nosso País pelos navegadores portugueses, em abril do ano de 1500;
- A situação dos escravos negros trazidos da África, que, apesar do cativo, contribuíram com o seu trabalho para o progresso do Brasil;
- A invasão holandesa;
- A restauração de Portugal, que estava sob a dominação da Espanha;
- As Bandeiras, salientando-se a bravura dos paulistas;

- Os movimentos nativistas;
- A Inconfidência Mineira;
- O enforcamento de Tiradentes, que representa hoje um símbolo de heroísmo para os brasileiros;
- A vinda de D. João VI para o Brasil;
- Os primórdios da emancipação política do Brasil;
- A independência do Brasil com D. Pedro I;
- A Monarquia com D. Pedro II;
- A Guerra do Paraguai;
- O movimento abolicionista;
- A Proclamação da República em 15/11/1889.

São páginas de encantamento, sobretudo de esclarecimento histórico em torno da evolução do Brasil, a partir de sua descoberta, até a emancipação política, com a fundação da República.

Um acontecimento extraordinário, relatado pelo Espírito Humberto de Campos, foi a declaração de “Independência ou Morte” por D. Pedro I, às margens do rio Ipiranga, quando retornava de São Paulo em direção ao Rio de Janeiro. Tiradentes, em espírito, acompanhou D. Pedro no seu regresso ao Rio de Janeiro, influenciando-o para o grito da Independência.

Como sabemos, Tiradentes, em vida, conspirou com outros brasileiros para conseguir a Independência do Brasil na célebre Inconfidência Mineira, no ano de 1792, cujo palco foi a cidade de Vila Rica, em Minas Gerais. A conspiração foi denunciada por Silvério dos Reis. Todos os inconfidentes foram presos. Somente Tiradentes foi executado. Os demais companheiros, depois de presos, foram indultados pela rainha D. Maria I, que então governava Portugal.

Se pudéssemos dar conselhos, aconselharíamos aos proficientes de todas as religiões que existem no Brasil a lerem esse admirável livro de Humberto de Campos (Espírito).

Não só os proficientes de todas as religiões deveriam ler esse livro magnífico, que é um hino de glória a todos os brasileiros e não brasileiros que contribuíram para o progresso da Terra do Cruzeiro, mas também os políticos de nosso País, especialmente os que compõem o Congresso Nacional, a fim de refletirem sobre a sua

atuação: se realmente trabalham com amor, com patriotismo, pelo progresso cada vez maior do Brasil, eliminando as doenças, o analfabetismo e a miséria.

Os seres humanos, nossos irmãos, especialmente os brasileiros e os que de outras pátrias vivem no Brasil, precisam compreender que todos nós (espíritos reencarnados no planeta Terra), temos uma responsabilidade a cumprir, consoante as leis divinas do Criador, não só quanto ao nosso próprio progresso individual, senão também perante a coletividade em que estagiamos.

Quando passamos para o Mundo dos Espíritos, após a fenômeno da morte física do corpo de carne, lá prestaremos contas dos nossos atos perante os espíritos Superiores. Então, as riquezas materiais que amontoamos no plano terrestre nada significarão para o nosso progresso, se não ajudamos os nossos semelhantes, se não colaboramos com o nosso trabalho para a melhoria da sociedade, se não tivermos um procedimento correto nas atitudes, se não praticamos a caridade.

HUMBERTO DE CAMPOS, maranhense, que viveu no Brasil, foi um dos grandes escritores brasileiros. Pertenceu a Academia Brasileira de Letras. Escreveu vários livros. A sua bagagem literária é enorme. Militou na imprensa do Rio de Janeiro. Dono de uma cultura invulgar, em torno, sobretudo, da mitologia grega. Após seu desencarne, já no Mundo espiritual, começou a escrever para o Brasil através da psicografia do valoroso médium FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER. Vieram os livros *Crônicas de Além-Túmulo*, *Boa Nova*, *Novas Mensagens*, *Reportagens de Além-Túmulo*, *Brasil*, *Coração do Mundo*, *Pátria do Evangelho*.

A Reencarnação e a Pluralidade das Existências¹⁷

ALLAN KARDEC, o codificador do Espiritismo ou Doutrina dos Espíritos, no livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, explica claramente o que é a reencarnação.

Esclarece, inicialmente, que a reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo.

Criam eles que um homem que vivera e podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá idéia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos.

E continua KARDEC: “A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo”.

17. Encontramos o recorte de jornal nos arquivos do Botelhão, com título reduzido (“Reencarnação”) sinalizando a publicação. Todavia, não foi possível identificar em qual jornal, nem em que data ocorreu a publicação.

KARDEC relembra, ainda, Nicodemos, senador dos judeus, que veio à noite ter com JESUS CRISTO e lhe disse: “Mestre, sabemos que vindes da parte de DEUS para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se DEUS não estivesse com ele” (S. João, Cap. III, vv. 1 a 12).

JESUS CRISTO respondeu a Nicodemos: “Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o reino de DEUS se não nascer de Novo” (Idem).

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho?. Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?” (Idem).

Retorquiu-lhe JESUS CRISTO: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de DEUS. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito” (Idem).

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” JESUS CRISTO lhe observou: “Pois que! És mestre em Israel e ignoras estas coisas?” (Idem).

Nesse estudo de KARDEC, a reencarnação foi claramente definida por JESUS CRISTO quando sentenciou: “Ninguém poderá ver o reino de DEUS se não nascer de novo”.

Adicionalmente, KARDEC transcreve a declaração do profeta ISAÍAS, constante do Cap. XXVI, v. 19, do Antigo Testamento, para demonstrar que os antigos profetas hebreus já admitiam a reencarnação. São palavras de ISAÍAS:

Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a DEUS, vós que habitais no pó; porque o orvalho que vai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis Terra e o reino dos gigantes.

KARDEC transcreve também as palavras do profeta JÓ (Cap. XIV. vv. 10 e 14, do Antigo Testamento):

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, onde está ele? Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação?

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da sua existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltará de novo.

A reencarnação ou pluralidade das existências é um dos princípios basilares em que se assenta a Codificação dos ensinamentos dos Espíritos, lavada a efeito por ALLAN KARDEC. Através desse princípio, compreendemos que todos nós, os humanos da Terra, já tivemos inúmeras vidas pregressas neste planeta e que o objetivo dessas vidas, dessas reencarnações, é corrigir os nossos erros passados, educar, burilar e aperfeiçoar nosso espírito, a nossa personalidade imortal, pois o progresso é infinito.

KARDEC reuniu, nas obras da Codificação, dezenas de comunicações dos espíritos desencarnados, isto é, daqueles que já deixaram o corpo físico, demonstrando que a vida continua na erraticidade, em outros planos diferentes do mundo em que nos encontramos. Nas suas comunicações, no intercâmbio com KARDEC, os espíritos desencarnados se identificavam e explicavam as suas dores, os seus erros, as suas alegrias ou as suas dificuldades.

Este intercâmbio com os espíritos desenfaixados da carne é, hoje, comum nos Centros ou Grupos que disseminam os ensinamentos de JESUS CRISTO.

É indispensável que os homens de todos os credos e religiões entendam o princípio da reencarnação, através da qual a Justiça Divina se faz presente, permitindo que o Espírito devedor corrija os erros do passado mediante o próprio esforço e do trabalho incessante, aqui, na Terra, na faina diuturna com se semelhantes. A lei da reencarnação é também conhecida como lei de causa e efeito.

O nosso irmão, nascido com aleijão físicos ou atacado do mal de Hansen, sofre a constrição da lei de causa e efeito. Através da

dor, do sofrimento, purifica o seu espírito: corrige, melhora, aperfeiçoa, a sua personalidade imortal.

Quando os homens compreenderem perfeitamente a lei da reencarnação, as guerras entre os povos, os crimes, a miséria, a falta de escolas, de hospitais, a exploração do homem pelo homem, enfim, em todas as comunidades do globo terrestre, deixarão de existir, para dar lugar aos sentimentos de fraternidade e de ajuda a todos os necessitados.

Quem não sonha – sejam espíritas, católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, budista, umbandista – com um mundo terreno mais justo e mais feliz?

Porque a lei da reencarnação nos obriga a pensar, a meditar; por igual, nos dois maiores mandamentos”. Amar a DEUS sobre todas as coisas” e “ao próximo como a si mesmo”.

Olhando o porvir, todos nós, espíritos endividados com a Justiça Divina, em aprendizagem no planeta Terra, estaremos assim contribuindo para que a humanidade terrena melhore a sua evolução espiritual.

É oportuno transcrever, nesta ligeira digressão em torno da reencarnação, as palavras admiráveis de EMMANUEL e ANDRÉ LUIZ, recebidas por Francisco Cândido Xavier (*Opinião Espírita* - 4.^a edição, 1973, p. 60/61), que se aplicam não só aos espíritas, mas também aos proficientes de todas as religiões:

Refere-te ao céu, mas explica que o céu é o espaço infinito, em cuja vastidão milhões de mundos obedecem às leis que lhes foram traçadas, a fim de que se erijam em lares e escolas para as criaturas mergulhadas na evolução.

Menciona os anjos, mas esclarece que eles não são inteligências privilegiadas no Universo e sim espíritos que adquiriram sabedoria e a sublimação, à custa de suor e a preço de lágrimas.

Reporta-se à redenção, mas observa que a bondade não exclui a justiça e que o espírito culpado é constringido ao resgate de si próprio, através da reencarnação, tantas vezes quantas sejam necessárias, porquanto, à frente da Lei, cada consciência deve a si mesma a sombra da derrota ou o clarão do triunfo.

Salienta os benefícios da fé, mas demonstra que a oração sem as boas obras assemelha-se à dolosa atitude nos negócios da alma, de

vez que se a prece nos clareia o lugar de trabalho, é preciso apagar o mal para que o mal nos esqueça e fazer o bem para que o bem nos procure.

Então, por que a reencarnação do Espírito? A reencarnação pode realizar-se no nosso planeta Terra ou em outros mundos. A Terra é considerada, pela Espiritualidade Superior, um mundo de expiação e provas. Na situação atual, o mal ainda predomina na Terra.

O ser humano que viveu na Terra e desencarna, passa para o mundo dos Espíritos, para a erraticidade, onde existem inúmeras estações de repouso e tratamento espiritual, e onde existem também as zonas umbralinas, para as quais o espírito devedor, criminoso, é atraído ou levado compulsoriamente.

O umbral é área de dores e sofrimento atroz, onde convivem milhares de espíritos sofredores, mergulhados no mal, que domina as suas consciências. Até que se arrependam dos seus crimes, poderão passar dezenas ou milhares de anos no umbral. Nas estações de tratamento espiritual, são organizadas caravanas de espíritos benfeitores, dedicados ao bem, que visitam periodicamente as zonas umbralinas, recolhendo os espíritos arrependidos que desejam sair das áreas de sofrimento. Esses espíritos são levados para as estações de tratamento e aí recebem a assistência necessária, com o objetivo de eliminar, dos seus perispíritos e da sua personalidade imortal, as raízes do mal que hajam praticado contra os seus semelhantes na Terra.

O ser humano (espírito) é imortal. A finalidade do espírito é progredir sempre, aperfeiçoando os seus conhecimentos, burilando o seu caráter, até se tornar um espírito puro. Como espírito puro, passará para mundos mais adiantados que a Terra.

O nosso planeta Terra é considerado uma Escola pela Espiritualidade Superior. O espírito reencarna na Terra inúmeras vezes, dezenas ou milhares de vezes, até extirpar completamente a sua personalidade os vícios e os erros, pois a sua finalidade é a perfeição.

É importante compreendermos a finalidade da reencarnação e da pluralidade das existências, pois são mecanismos divino, que

visa o aperfeiçoamento do ser humano, mas que também pune o espírito devedor pelos erros cometidos, através de reencarnações muitas vezes com defeitos físicos (idiotia, cegueira, aleijão, surdez, etc.).

Impõe-se, portanto, a todos nós, espíritos reencarnados no planeta Terra, a observância, no dia a dia, das máximas sublimes de JESUS CRISTO: "Amar a DEUS sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo", para que sejamos também um artífice de um mundo melhor.

AVE! MARIA¹⁸

A palavra AVE é uma saudação, ao mesmo tempo de respeito e admiração.

O livro *Maria: A Rainha dos Anjos*, editado em 1993 pela Livraria Editorial Ltda., de São Paulo-SP, reúne uma coletânea de preces e depoimentos em torno da angelical figura de MARIA, que foi a Mãe de JESUS. O autor de livro é um Samaritano de Maria, que não revela seu nome.

Dada a sua condição elevadíssima de Espírito Superior, pertencente à esfera dos "AMADORES", conforme esclarecimento de RAMATIS (eminente espírito) no seu livro *O Sublime Peregrino*, JESUS não poderia encarnar no nosso planeta Terra senão através de um espírito angelical, como era o de MARIA.

O livro contém inúmeras passagens da vida de MARIA na Palestina, desde a sua escolha pela Espiritualidade Superior para ser a mãe de JESUS, até o seu desencarne (morte física do corpo), quando foi visitada pelo seu Filho bem-amado (em espírito).

Na ocasião da visita, MARIA pode identificar JESUS vendo estampados no seu corpo espiritual os ferimentos que recebera na crucificação. Num ímpeto de amor, quis ajoelhar-se. Queria abraçar-se aos pés do seu Filho e osculá-lo com ternura. Ele, porém, levantando-a, cercado de um halo de luz celestial, ajoelhou-se aos seus pés, beijando-lhe as mãos, dizendo com imenso carinho:

18. Publicada no *Amazonas em Tempo*, em 23.08.98.

– Sim, minha mãe, sou eu! Venho buscar-te, pois meu pai quer que sejas no meu reino a Rainha dos Anjos.

O livro engloba os seguintes capítulos:

1. O Anjo Gabriel visita Maria;
2. José;
3. Maria visita Isabel;
4. O Cântico de Maria;
5. Nascimento de Jesus;
6. Os pastores;
7. Jesus no Templo;
8. Os Magos do Orientes;
9. A fuga para o Egito;
10. A volta do Egito;
11. Jesus e os Doutores;
12. Isabel visita Maria;
13. 18 Anos;
14. Bodas de Caná;
15. No Calvário;
16. Ressurreição;
17. Maria Santíssima;
18. O Evangelho de Maria;
19. Despedidas de Paulo;
20. Rainha dos Anjos.

Numeramos os capítulos para facilitar a descrição. Os relatos se baseiam nas dissertações de Lucas e Mateus, constantes do Novo Testamento, isto é, do Evangelho de JESUS. Todos revelam aspectos impressionantes da vida de MARIA. Descrevemos algumas passagens:

– A visita que o Anjo Gabriel lhe fez, antes do seu consórcio com José, quando a saudou: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres”. Nesse momento, o Anjo Gabriel lhe revelou que conceberia e daria à luz um filho, a quem poria o nome de JESUS.

- Disse Maria ao anjo: - “Como se fará isto, se não conheço varão?” O anjo respondeu: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, pelo que também o Santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus”.

- Bodas de Caná. Deu-se um banquete de noivado em Caná, na Galiléia, e a mãe de JESUS estava presente. Como houvesse falta de vinho ao correr da festa, MARIA dirigiu-se a JESUS, pedindo ajuda. JESUS mandou que os servos enchessem de água seis talhas que lê existiam. As talhas que os servos enchessem de água se transbordou de vinho, que foi servido aos comensais presentes. Realizara-se o primeiro milagre de JESUS!

- O nome de Maria vem do hebraico *Myrian*, que tem duas significações: “Sublime” e “Escolhida por Deus”.

- Rainha do Céu. Raramente os poderes da Terra socorrem o desgraçado. Rejeitados pelo auxílio humano, os pobrezinhos voltam-se para os poderes do Céu, e buscam MARIA, Rainha dos Anjos, espírito sublimado e poderosos por sua pureza e fidelidade a DEUS.

- Mãe das Mães. A todos MARIA atende, mas seu carinho se debruça com mais doçura sobre as mães aflitas. O AMOR MATERNO É POR ORA A COLUNA-MESTRA DA SUSTENTAÇÃO DO SENTIMENTO NA TERRA.

- Mãe Santíssima. Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de “Casa da Santíssima”. O fato tivera origem em certa ocasião, quando um miserável leproso, depois de aliviado em suas chagas, lhe osculou as mãos, murmurando:
 - Senhora, sois a mãe de nosso Mestre e nossa Mãe Santíssima.

A grande utilidade do livro *MARIA: A Rainha dos Anjos* é que reúne muitos episódios que se encontram em capítulos diferentes no Novo Testamento.

É importante para os proficientes do Cristianismo, especialmente as mães, o conhecimento da vida de MARIA, porque ela, Anjo Angelical, foi escolhida por DEUS para dar a luz a JESUS, Espírito Sublime, que encarnou em nosso Planeta para ensinar os homens a amarem-se uns aos outros, eliminando dos seus corações as chagas do egoísmo do orgulho.

BOA NOVA (obra mediúnica)¹⁹

Este livro, editado pela Federação Espírita Brasileira, de autoria do espírito Humberto de Campos, recebido mediunicamente pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, reúne trinta (30) episódios da vida de JESUS CRISTO, acontecidos durante sua pregação do Evangelho na Palestina, especialmente na cidadezinha de Cafarnaum, onde o Divino Mestre estabelecera o seu recanto de trabalho, em companhia dos seus discípulos.

Os brasileiros, sobretudo os intelectuais e homens de letras, conhecem sobejamente o nome de HUMBERTO DE CAMPOS, eminente intelectual, nascido no Estado do Maranhão, no Brasil, por muitos anos membro da Academia Brasileira de Letras, com uma produção bibliográfica assombrosa.

Dono de um grande estilo expositivo, muito peculiar da sua personalidade, os seus livros demonstram conhecimento profundo da Mitologia grega, revelando o escritor inteligente e culto.

A Doutrina Espírita foi criada e ditada a ALLAN KARDEC, na França, pelos Espíritos Superiores, com a finalidade de se tornarem mais claros e compreensíveis os ensinamentos do Divino Mestre Jesus. Representa o Consolador prometido por Jesus.

Um dos aspectos importantes do belíssimo livro é esclarecer aos incrédulos sobre a imortalidade do espírito ou de nossa Alma, como se queira considerar. Todos nós seres humanos fomos cria-

19. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelhão.

dos por DEUS “simples e ignorantes”. Cada ser humano, incarnado ou reencarnado no nosso planeta Terra, já viveu inúmeras existências, cuja finalidade principal para o espírito é progredir sempre seja no plano espiritual, seja no terreno científico.

O espírito humano é eterno. Esses ensinamentos são dados pelos Espíritos Superiores em todos os livros da Codificação Kardequiana (*Livro dos Espíritos; Evangelho Segundo o Espiritismo; Livro dos Médiuns; Céu e Inferno e Gênese*)

O eminente escritor, que foi HUMBERTO DE CAMPOS, viveu muitos anos no Brasil. Passando para a Espiritualidade, continuou a escrever, dando seu contributo intelectual à difusão do Evangelho de Jesus Cristo. Trabalho grandioso, pois visa ensinar os homens a observar os ensinamentos de Jesus.

Disse Jesus aos seus discípulos: “Há muitas moradas na casa de Meu Pai”. As moradas são os vários mundos disseminados pelo Universo. O planeta Terra é um desses mundos, considerado pelos Espíritos Superiores um mundo de “provas e expiações”. É considerado um educandário pelos espíritos Superiores, pois a grande maioria dos espíritos que aqui reiniciaram não demonstra um sentimento elevado de fraternidade, de amor ao próximo, de igualdade.

A BOA NOVA, com relato dos 30 episódios da vida de JESUS na Palestina deve ser lido principalmente pelos que professam as religiões (católica e protestante), em fase dos ensinamentos do Divino Mestre, que representam um roteiro permanente para todos nós encarnados.

Hoje, no mundo ocidental, não existem mais divergências, mais animosidades, entre os vários cultos religiosos, pois a finalidade de todos eles é encaminhar os seres humanos em direção a DEUS, nosso Pai, criador de todas as coisas, criador dos nossos espíritos, criador do Universo, e a quem devemos a obrigação, como filhos diletos, de trabalhar cada vez mais em favor do nosso progresso e em favor dos nossos semelhantes.

Cidade do Além²⁰

A grande maioria dos seguidores da Doutrina Espírita deve conhecer, sem dúvida, o livro *Nosso Lar*, da autoria de André Luiz (espírito), psicografado por Francisco Cândido Xavier. Mas a grande maioria talvez não tenha lido ainda o pequeno opúsculo *Cidade no Além*, com 80 páginas, escrito pelo médium Hugorina Cunha, contendo o plano-piloto da cidade “Nosso Lar”.

A cidade espiritual “Nosso Lar” foi fundada por portugueses, desencarnados no Brasil no século XVI, segundo informa André Luiz. Possui, portanto, mais de 400 anos de existência. Na época em que André Luiz escreveu o livro *Nosso Lar* (1943), a cidade teria cerca de um milhão de habitantes.

É de grande importância a leitura da *Cidade no Além*, porque temos, diante de nós, mais uma prova, inconcusa, da vida depois da morte do corpo, vida espiritual, na qual o espírito desencarnado trabalha e se esforça para aprimorar as suas qualidades morais, através da reforma íntima e do serviço incessante em favor dos nossos irmãos mais ignorantes ou infelizes, que vivem em vários locais com dores e sofrimentos.

O Divino Mestre já dissera: “Há muitas moradas em casa de nosso Pai”. A Astronomia demonstrou, há muito tempo, que existem milhares de constelações, galáxias, estrelas e planetas em todo o universo. A conclusão lógica é de que todos esses mundos siderais são dirigidos ou controlados por Espíritos Superiores,

20. Publicada no *Amazonas em Tempo*, em 28.05.92.

representantes ou emissários do Supremo Criador. A perfeição do movimento cósmico demonstra que há uma causa inteligente responsável pelo sincronismo perfeito dos astros. É uma evidência que não se pode discutir, mas aceitar.

A cidade espiritual “Nosso Lar” é dirigida por uma governadoria, constituída de 6 Ministérios, a saber: “Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Cada Ministério é dirigido por 12 Ministros”.

A cidade tem a forma de uma estrela de seis pontas, localizando-se a governadoria no centro do círculo em que está inscrita a estrela.

Circulando toda a cidade, está a grande muralha protetora, onde se acham assestadas as baterias de projeção magnética, para defesa contra as arremetidas dos Espíritos Inferiores, que se não deve estranhar, porque, como sabemos, a cidade está situada numa esfera espiritual de transição, abrindo Espíritos que ainda devem reencarnar.

O pequeno opúsculo *Cidade no Além* consigna informações preciosas, altamente elucidativas, a respeito da campo magnético da Terra, que é dividido pelos Espíritos em sete esferas.

A primeira esfera comporta o Umbral ‘grosso’, mais materializado, de registros purgatoriais mais dolorosos e de cujas organizações comunitárias, conquanto estejam tão próximas, temos poucas notícias.

A segunda esfera abriga o Umbral mais ameno, onde os Espíritos do Bem localizam, com mais amplitude, sua assistência, e onde estão situadas as ‘Moradias’.

A terceira esfera, a rigor, ainda faz parte do Umbral, pois sendo transição, abriga Espíritos necessitados de reencarnação.

Nessa terceira esfera se localiza a cidade ‘Nosso Lar’, num ponto situado sobre a cidade do Rio de Janeiro e com a altura que não podemos definir, mas que se encontra na ionosfera.

Sobre estas três esferas, os livros de André Luiz nos dão notícias, retratando edificações e organizações mantidas pelos Espíritos do Bem, tendo em vista o socorro e a assistência a Espíritos mais atrasados, bem como nos dizem das condições em que vivem os Espíritos sofredores fora do amparo dessas organizações.

Cidade no Além, contendo as observações e esclarecimentos de André Luiz, é mais um motivo de alegria, de contentamento, de estudo permanente das verdades espirituais, que todos nós, seres humanos, espíritas e não-espíritas, devemos levar a efeito, a benefício de nós mesmos, do nosso progresso espiritual, a fim de que, quando deixarmos o nosso corpo de carne, como consequência do fenômeno da morte, sejamos levados os encaminhados, pelos Espíritos Benfeitores, para uma dessas colônias espirituais, que existem às centenas, em torno da crosta terrestre, a exemplo de “Nosso Lar”.

É Difícil Compreender o Espiritismo?²¹

A doutrina espírita foi codificada por ALLAN KARDEC, pseudônimo de Leon Denizard Hipolite Rivail, nascido em Lion, na França, no ano de 1804, e desencarnado em 1869.

No intróito de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, uma das obras-primas que compõe a codificação, disse KARDEC:

A doutrina espírita ou Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiseram, os espíritistas.

Hoje é tão grande a difusão do Espiritismo Cristão, sobretudo no Brasil, através de obras mediúnicas e não-mediúnicas, cujas publicações aumentam dia a dia, que não constitui mais a doutrina espírita aqueles tabus inexpugnáveis, difíceis de entender, despidendo-se, assim, da roupagem do miraculoso. É verdade que muitas pessoas encaram ainda a doutrina com certo medo, preferindo não estudar os seus ensinamentos.

Segundo o *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, assenta a doutrina espírita nos seguintes postulados básicos:

- a) Existência de um único DEUS, onipotente, onipresente, supremo criador do Universo e de todas as coisas, soberanamente justo e bom;

21. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelhão.

- b) Imortalidade do espírito;
- c) Reencarnação do espírito, no planeta Terra ou em outros mundos, para purificar-se e progredir, tantas vezes quantas forem necessárias;
- d) Pluralidade dos mundos habitados;
- e) Lei de causa e efeito;
- f) Livre-arbítrio do espírito para fazer o bem ou o mal;
- g) Todos os espíritos são filhos de DEUS.

Ensina KARDEC, ou melhor, os Espíritos Superiores que ditaram o *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, que o homem, na Terra, é um espírito reencarnado, possuindo as seguintes características:

1. Personalidade imortal (que é o próprio espírito ou alma encarnada);
2. Perispírito, envoltório sutil, de matéria rarefeita, não conhecida dos humanos, que envolve o espírito e o liga ao corpo físico;
3. Corpo somático, transitório, do qual o espírito se despoja, quando desencarna, isto é, quando parte para o mundo espiritual através do fenômeno físico, material, que comumente se denominou "morte".

Possuindo o livre-arbítrio, o espírito que reencarna na Terra traz uma responsabilidade definida, um programa a realizar ou a cumprir, para o seu progresso. Pode o espírito carregar, no corpo somático, defeitos físicos de nascença, que representam quiçá uma punição por atos ilícitos praticados em existências anteriores (é o caso dos cegos de nascença, surdos-mudos, paralíticos, etc.). Não é comum, mas existem casos inúmeros de consortes que gozam de excelente saúde e geraram filhos com defeitos físicos, para os quais não há uma justificativa plausível no campo da hereditariedade biológica.

Compreende-se perfeitamente que o homem possua livre-arbítrio para fazer o bem ou o mal; para esforçar-se ou não no cumprimento de suas tarefas na terra. Concluí-se, assim, que o homem é o artífice de seu próprio destino, embora traga consigo,

de existências anteriores, a “carma” (impurezas do espírito), mais carregado ou menos carregado de imperfeições.

Portanto, não é difícil entender que as desigualdades de inteligência, de saúde, de disposição para o trabalho ou para o estudo, resultam do plano evolutivo em que se situa cada um. Essas desigualdades resultam do progresso de cada ser ou de cada espírito: uns progrediram mais, evoluíram mais, nas existências passadas.

A imortalidade do espírito demonstra que não existe morte, no sentido vulgar do termo. A morte é do corpo, que se desintegra pela falta do tônus vital, libertando-se o espírito, que volta à verdadeira pátria: a pátria espiritual, onde prestará contas dos atos praticados na Terra.

A tese da pluralidade de mundos habitados no Universo, dá-nos a certeza de que a Terra não é o único planeta habitado por seres inteligentes. JESUS já afirmara nas suas pregações: “...há muitas moradas em casa de meu Pai”.

Ensinam os Espíritos Superiores, que ditaram *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, que essas moradas são os diversos mundos habitados pelos espíritos ou seres inteligentes, conforme o seu progresso, conforme a sua evolução, que se processa dia a dia, no caminho das reencarnações sucessivas.

Sabemos, através de obras mediúnicas, que MARTE e VÊNUS, por exemplo, são planetas habitados por espíritos ou seres mais evoluídos do que nós, os terrenos. Nesses planetas os seus habitantes possuem maior progresso científico e maior progresso espiritual, em comparação com o planeta Terra. Lá não mais existem as guerras, não existem as fronteiras entre as comunidades, como acontece com os povos da Terra.

A lei de causa e efeito significa que o homem, espírito reencarnado, está sujeito aos efeitos, bons ou maus, dos atos que praticou na Terra ou em outros mundos. Se cometer atos maus, se prejudicou os semelhantes ou a coletividade, é responsável por esses atos perante a lei imutável de DEUS. Um dos exemplos dessa lei é o renascimento de aleijados, cegos, surdos-mudos, ou portadores de doenças congênitas, para as quais a medicina ainda não pode dar uma explicação lógica e definitiva.

Outro exemplo da lei de causa e efeito; os esforços incessantes que os pais despedem com a educação dos filhos. Preocupam-se em dar o melhor aos seus filhos, e estes nem sempre correspondem a esses esforços, quando não cometem desatinos, prejudicando muitas vezes o seu próprio futuro, a sua carreira profissional. No geral, os filhos são seres aos quais, em vidas anteriores, os atuais progenitores causaram prejuízo, ou vice-versa. Reencarnam no mesmo lar para que haja o resgate de dívidas recíprocas!! Quantos filhos são rebeldes, não obedecem aos pais, constituindo grave problema de família! Tudo isso explicado pela lei de causa e efeito.

Quando acompanhamos o féretro de um amigo ao cemitério, quando nos deparamos com o fenômeno físico da morte, a nossa personalidade estremece, porque verificamos que também nós outros estamos sujeitos ao mesmo processo de desencarne, quando chegar a hora de nossa partida para o mundo espiritual.

Muitos, que desconhecem a doutrina espírita, exclamam: para que tanto estudo, tanto esforço, tanto trabalho, que realizamos, se, no final, desaparecemos?

A primeira reação benéfica que devemos ter, nessas ocasiões, é de pensarmos que não existe morte. O espírito que desencarna parte para o plano espiritual, onde prestará contas dos seus atos. Se praticou boas ações, se foi bom para os seus semelhantes, se não causou prejuízo a ninguém, se cumpriu com o seu dever na sociedade e com os compromissos assumidos na espiritualidade antes de reencarnar, será recebido, no mundo dos Espíritos, com as homenagens sinceras que um triunfador merece. Mas o espírito não fica inativo no mundo espiritual: terá novas lutas, novas missões, novos afazeres, na Terra ou em outros mundos, para o aperfeiçoamento constante de sua personalidade imortal.

Vivemos um século de formidáveis realizações materiais e científicas. Cada vez mais verificamos que o homem não pode viver afastado da crença no SER INFINITO, que é DEUS, criador do Universo, soberanamente justo e bom.

O leitor pode perguntar: qual a utilidade do espiritismo como religião? Respondemos: a certeza de que o progresso moral e intelectual depende de cada um, dos seus esforços no trabalho,

nos estudos, no cumprimento de suas obrigações perante a família e a sociedade; a certeza de que o Supremo Criador não instituiu penas eternas e que todos aqueles que erram são responsáveis pelos seus atos perante a justiça divina e terão que ressarcir, nesta vida atual ou em futuras existências, os prejuízos causados aos seus semelhantes.

O espiritismo, é, acima de tudo, uma doutrina consoladora. É o Consolador prometido por JESUS.

Finalidade do Espiritismo²²

O Espiritismo é a nova luz que, através da Codificação, veio derramar-se sobre a humanidade terrena para que possa compreender os caminhos que levam ao reino de Deus.

Reino de Deus não é mais o paraíso idílico, onde os seres ficam em êxtase, a contemplar as bem-aventuras celestes, estáticos, numa imobilidade premente. Reino de Deus é o Universo, onde existem milhares de mundos, que se distinguem uns dos outros pelo seu progresso e moral, maior ou menor, conforme o grau de evolução dos seres (espíritos) que os habitam.

Há muitas moradas em casa de meu Pai, disse Jesus.

Kardec, no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, ministra-nos os seguintes esclarecimentos:

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reina soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

22. Trecho publicado no *A Notícia*, em 04.09.83.

O Espiritismo veio explicar que o homem terreno é um espírito imortal, que se encontra na Terra numa reencarnação, que já encarnou na Terra inúmeras vezes, para aprender e para progredir, e também para retificar erros ou prejuízos que haja causado aos seus semelhantes em vidas passadas.

Não existe “morte” no sentido vulgar do termo. A morte é do corpo físico, ao se esgotarem as forças do organismo.

O Fenômeno da Morte²³

I Parte

Através do tempo, os cientistas, os filósofos, os homens de saber têm debatido o fenômeno da morte. Especialmente os médicos, quase sempre materialistas, não acreditando na vida espiritual, isto é, que todos nós somos espíritos imortais, encarnados ou reencarnados no planeta Terra para aprendizagem ou em missão, entendem que a criatura desaparece, quando ceifada a sua organização física pela morte. A criatura humana, assim, deixa de existir com o decesso do corpo físico.

Os Espíritas, que professam a Doutrina Espírita, acreditam na imortalidade da alma; nas vidas sucessivas ou reencarnação: na lei de causa e efeito que rege os destinos humanos.

Quando ocorre o fenômeno da “morte”, o que morre é o corpo físico da criatura, desprendendo-se o seu espírito, retornando então à erraticidade ou ao mundo dos Espíritos, que é a nossa verdadeira pátria espiritual.

É importante para a humanidade, para todos os seres humanos, a compreensão sobre a imortalidade da alma ou do espírito, que anima o nosso corpo de carne. É de grande valor essa compreensão, gerando conseqüências benéficas para todos aqueles

23. Reflexão publicada no *O Mensageiro*, órgão doutrinário e noticioso da Federação Espírita Amazonense, em duas partes: nas publicações trimestrais números 178 e 181, respectivamente, jan. fev. mar. de 1993 e jan. fev. mar. de 1994.

que habitam o nosso Planeta. Por que de grande valor? Porque as pessoas que perdem parentes (mães, pais, filhos, irmãos, amigos, etc.) não ficariam, por ocasião da morte ou dos funerais, como que alucinados, pensando que esses parentes desapareceram para sempre.

Como espíritas, aconselhamos as pessoas não-espíritas, inclusive os proficientes de outras religiões, que procurem ler as obras que compõem a Doutrina Espírita, a fim de compreenderem, com segurança, a finalidade da presença do ser humano no nosso Planeta. Naturalmente, não será possível a qualquer um, da noite para o dia, lendo as obras principais da Doutrina Espírita, tornar-se senhor de todas as peculiaridades dos fatos denominados espíritas.

A leitura será proveitosa, porque as pessoas compreenderão que todos nós, seres humanos, nos encontramos na Terra em aprendizagem, em evolução, aperfeiçoando os nossos conhecimentos ou em missão. Compreenderão a diversidade dos caracteres, das aptidões intelectuais e morais dos seres humanos. Diversidade que decorre precisamente da maior ou menor evolução, da maior ou menos progresso científico ou intelectual de cada um.

Todos os seres humanos possuem livre-arbítrio. Desta forma, podem praticar o bem ou o mal; ser um elemento trabalhador, dinâmico e útil à sociedade; ou ser um marginal, praticando atos danosos e prejudiciais à coletividade.

Sobretudo, verificarão que a Terra é um minúsculo Planeta, em relação aos milhares de mundos que existem no Universo; verificarão que nosso Orbe, pertencendo ao Sistema Solar, está sujeito a leis físicas perfeitas que regem o Cosmo.

Compreenderão, assim, mais facilmente, que há uma "Inteligência Supremas", causa primária de todas as coisas, que é Deus, Criador do Universo, cujas leis sábias e inteligentes, são cumpridas através dos seus emissários, que são os Espíritos Superiores.

II Parte

Conforme os esclarecimentos contidos nas obras de Allan Kardec, o codificador do ensino dos Espíritos Superiores, o nosso corpo físico se constitui de três partes:

- 1) Alma ou Espírito;
- 2) Perispírito;
- 3) Corpo de carne.

O perispírito é a roupagem que envolve e acompanha o espírito, através do tempo, nas suas peregrinações pelo planeta Terra ou por outros mundos.

Quando ocorre o decesso do corpo físico, com o fenômeno da “morte”, o espírito do ser humano abandona o corpo e retorna à Espiritualidade ou Mundo espíritos.

Na medida do seu merecimento, o espírito vai para estações de repouso ou para colônias de trabalho no Mundo Espiritual, onde realizará, através de sua consciência, uma auto-análise dos atos praticados na Terra. Por intermédio desse exame consciencial, verificará quais os erros cometidos, quais os atos prejudiciais aos semelhantes ou à coletividade onde viveu.

Se praticou crimes, se foi um magistrado, se ensejou prejuízos à coletividade ou a qualquer semelhante, sem dívida será atraído para zonas de sofrimentos, onde existem “prantos e ranger de dentes”, as quais também funcionam na erraticidade ou mundo dos Espíritos, envolvendo o nosso Planeta.

É fácil concluir que o ser humano, o espírito, que é uma personalidade imortal, se praticou erros graves, não pode ser levado ou atraído para locais de repouso, de refazimento espiritual, onde descansaria das labutas da Terra com alegria e prazer.

A Justiça Divina se realiza, se revela, através da consciência do próprio culpado. Passando para a erraticidade, após o fenômeno da “morte”, o ser humano despe-se de todas as fantasias e ilusões da vida terrestre, descobre-se a si mesmo. A sua consciência abre-se totalmente: analisa os atos bons e os maus atos que praticou na Terra. E então solicita aos Espíritos Superiores que o

ajudem para uma nova reencarnação na Terra, onde possa solver os débitos contraídos. É a Lei de Causa e Efeitos funcionando de modo irreversível.

Por isso, JESUS CRISTO advertiu;

Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto todos estais a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da Justiça e não sejais metido em prisão. Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto, não houverdes pago o último ceitil. (S. Mateus, Cap. V, VV. 25 e 26).

Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. X – Reconciliação com os Adversários).

O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições (Idem, idem).

Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo, dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão"... O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre, vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu preceder (Id. Idem).

A advertência de JESUS CRISTO significa que não deixaremos a Terra, não passaremos para mundos mais adiantados, enquanto não houvermos pago o último ceitil, isto é, enquanto não tenhamos ressarcido todos os débitos com os nossos semelhantes. Reencarnaremos na Terra tantas vezes quantas forem necessárias até o total ressarcimento de nossas faltas ou de nossos erros.

A Terra é considerada, pelos Espíritos Superiores, um Planeta de "provas e expiações", porque aqui predomina o mal. Dentro de algum tempo, prevêem os espíritos Superiores, a Terra passará a ser um mundo de "regeneração", com a predominância do bem.

No ensejo dado a Kardec, os espíritos Superiores fazem uma classificação geral dos mundos habitados, que existem no Universo (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. III – Há muitas moradas na casa de Meu Pai):

1. Mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana;
2. Mundos de expiação e provas, onde domina o mal;
3. Mundos de regeneração, nos quais as almas, que ainda têm o que expiar, haurem novas forças;
4. Mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal;
5. Mundos celestiais ou divinos, habitações de espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem.

IV Parte²⁴

A reencarnação é um dos temas mais importantes da Doutrina Espírita.

No Cap. IV, NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO, do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, KARDEC examina os ensinamentos de JESUS CRISTO aos seus discípulos e o colóquio que Nicodemus manteve com o Divino Mestre:

“Jesus, vindo às cercanias de Cesaréia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: “Que dizem com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou?”. – Eles lhe responderam: “Dizem uns és João Batista; outros, que Elias; outros, que Jeremias, ou algum dos profetas”. – Perguntou-lhes Jesus: “e vós, quem dizeis que eu sou?” – Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”. – Replicou-lhe Jesus: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (S. Mateus, Cap. XVI, vv. 13 a 17; S. Marcos, Cap. VIII, vv. 27 a 30).

24. Não encontramos nos arquivos do Botelho o que deveria ser a III Parte.

“Seus discípulos então o interrogaram desta forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?”

– Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: – Mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem”.

– Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara (S. Mateus, Cap. XVII, vv. 10 a 13; S. Marcos, Cap. IX, vv. 11 a 13).

Analisando os ensinamentos de JESUS CRISTO acima transcritos, o Codificador demonstra, com riqueza de detalhes, que o princípio das vidas sucessivas (reencarnação) integrava a crença dos judeus. Leiamos o seu comentário:

A **reencarnação** fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de **ressurreição**. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo **ressurreição** o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama **reencarnação**. Com efeito, a **ressurreição** dá idéia de voltar à vida o corpo que já morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A **reencarnação** é a volta da alma ou espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra **ressurreição** podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, em aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias **reencarnado**, porém, não **ressuscitado**.

Os Exilados da Capela²⁵

Uma Contribuição da Espiritualidade para o Progresso da Terra

Edgard Armond é um dos renomados escritores espíritas, profundo estudioso do Evangelho de Jesus e dos ensinamentos dos Espíritos Superiores verbalizados através da codificação levada a efeito por Allan Kardec na França do século XIX. Autor de vários livros, onde, dentre eles, destacam-se: Mediunidade, Desenvolvimento Mediúnico, Às Margens do Rio Sagrado e Os Exilados da Capela.

Neste último, estuda detalhadamente os povos pré-históricos que habitaram o nosso Planeta. E explica a escolha, pela Espiritualidade Superior, dos habitantes da Capela que foram sumariamente transferidos, via processo da reencarnação, para o planeta Terra, a fim de ajudarem os terrícolas na sua evolução, ao mesmo tempo em que eram punidos com a reencarnação num planeta inferior.

Esses capelinos se compraziam no mal e estavam, por isso, prejudicando, com as suas atitudes e atos malévolos, a vida nor-

25. Publicada no *Amazonas em Tempo*, em 25.12.1995, com título reduzido ("Os Exilados da Capela"). Contudo, no rascunho encontrado nos arquivos do Botelhão, o título está como consta acima.

mal da população de Capela. Capela gozava de maiores progressos espiritual e conhecimentos científicos do que a Terra. Então, embora degradados de sua morada celeste de aprendizado, esse contingente de capelinos dispunha de maior evolução.

A Constelação do Cocheiro é formada por um grupo de estrelas de várias grandezas, entre as quais se inclui Capela, de primeira grandeza e que, em conseqüência, é a alfa daquela Constelação, possuindo uma dimensão inúmeras vezes maior do que a do nosso Sol.

Reflitemos nas palavras de Emmanuel, eminente espírito de superior hierarquia espiritual, transcritas por Edgard Armond:

Há muitos milênios, um dos orbes de Cocheiro, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos;

Alguns milhões de espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e de virtude;

As grandes Comunidades Espirituais, diretoras do Cosmo, deliberaram, então, localizar aquelas entidades pertinazes no crime aqui na Terra longínqua.

Edgard Armond nos informa que os capelinos transferidos para o planeta Terra, através do mecanismo da reencarnação, reencarnaram em vários pontos do globo terrestre, especialmente no Oriente, no Planalto do Pamir, no centro norte da Ásia, entre os chineses e na Lemúria. No Ocidente, reencarnaram entre os primitivos atlantes. Entre todos esse povos, os chineses eram os mais adiantados.

Meditemos, ainda, nos esclarecimentos de Emmanuel, transcritos por Edgard Armond:

Quando se verificou a chegada das almas proscritas da Capela, em épocas remotíssimas, já a existência chinesa contava com uma organização regular, oferecendo os tipos mais homogêneos e mais selecionados do planeta, em face dos remanescentes humanos primitivos;

Inegavelmente, o mais pristino foco de todos os surtos evolutivos do globo era a China milenária; Suas tradições já andavam, de geração em geração, construindo as obras do porvir; Aquelas almas aflitas e atormentadas, reencarnaram-se proporcionalmente nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos primatas; E, com a sua reencarnação no mundo terrestre, estabeleceram-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.

Dessa forma, pois, conforme esclarece o ilustre escritor espírita, é que se formaram nessas regiões núcleos raciais que viriam compor parte da nova civilização em perspectiva, os quais foram se espalhando em sucessivos cruzamentos por todo o globo, podendo-se concluir que os atuais estágios tecnológico e espiritual de que dispõe o homem, sedimentados ao longo dos milênios, resultam, em parte, das conquistas técnicas e morais que os capelinos trouxeram, em cumprimento da determinação divina. A outra parcela deve ser computada aos outros espíritos de luz que vieram contribuir para o progresso da Humanidade terrena como Aristóteles, Santo Agostinho, Edson, Einstein, Marx, Lincoln, Santos Dumont, Keynes, Sartre, Bill Gates, dentre muitos outros. Destaca-se Jesus que, com o ensinamento sublime do “amai ao vosso próximo como a vós mesmos”, eliminará do planeta Terra, nos próximos milênios, as guerras e as lutas fratricidas.

Nós, os seres humanos do planeta Terra, precisamos compreender que existem milhares de mundos no Universo, distribuídos em galáxias e constelações, num sincronismo perfeito, conforme tem demonstrado a ciência moderna.

Precisamos compreender, também, que somos espíritos imortais. Reencarnamos na Terra, que é um planeta de provas e expiações, para corrigir erros de vidas anteriores, trabalhar e desenvolver nossos estudos e conhecimentos em proveito da Humanidade e do nosso progresso individual.

Manifestações²⁶

A Tragédia do Challenger²⁷

É doloroso e profundamente lamentável para a humanidade terrena a tragédia ocorrida com o ônibus espacial americano, ocasionando o desencarne (morte física) de todos os tripulantes. Doloroso acontecimento porque as pessoas, técnicos e cientistas, que passaram para outro plano vibratório (que sofreram apenas a "morte física"), poderiam, na verdade, continuar a prestar relevantes serviços à coletividade da grande Nação do Norte, e, quiçá, aos povos dos outros continentes, no trabalho de pesquisa científica.

Os americanos do Norte são um povo privilegiado. Denotaram sempre um caráter de firmeza e determinação na solução dos seus problemas internos e internacionais. Possuindo inteligência fora do comum, com ilimitada capacidade científica, têm realizado descobertas que vieram beneficiar a humanidade terrena, em todos os setores de atividade.

Expandiram as suas indústrias e os seus negócios comerciais com tamanha velocidade e de tal forma que se tornaram a maior potência econômica do Ocidente. Ninguém contesta esse fato. Por

26. Certamente poder-se-á estabelecer vínculos dessas Manifestações com os fundamentos espíritas. Por exemplo, a homenagem a Umberto Calderado Filho pode ser lida frente à "utilidade providencial da riqueza". Outro exemplo: a "Tragédia do Challenger" confronta com a mensagem de "Aliança da Ciência e da Religião".

27. Publicada no *A Crítica*, em 18.02.83.

isso mesmo, o predomínio do “dólar” no mundo inteiro ocasionou para as nações mais pobres uma situação de dependência financeira permanente.

Ao longo da história, tem-se verificado que os povos dominadores, ao atingirem um determinado ponto da sua vida evolutiva, denotam um enfraquecimento, uma queda, conseqüência muitas vezes da corrupção dos costumes, de guerras de conquista ou da independência dos povos colonizados. A verdade é que esses povos dominam, durante certo tempo, o mundo conhecido, a economia mundial, ditando e exportando normas, moldando novos costumes, e, logo depois, caem... para dar lugar a novos conquistadores.

Tivemos, neste século, o exemplo da Grã-Bretanha, dominando a economia mundial, dominando os Mares com as suas belonaves, e que perdeu o cetro para a América do Norte, após a terrível guerra com a Alemanha.

Desde tempos imemoriais, houve sempre lutas sangrentas entre tribos e povos, vencendo o mais forte, aquele que dispusesse de melhor armamento, maior número de homens, ou melhor estratégia militar. Aos poucos, essas guerras de conquista foram desaparecendo. Hoje, vemos nações dominando outras através do progresso científico e tecnológico, que gera superprodução de utilidades e de bens, exportados e pagos na base do “dólar”.

Mas, essas nações ricas não deixam de armar-se, gastando bilhões de dólares em artefatos de guerra. Por que isso? Por que?

A resposta é simples: porque esquecem que existe um DEUS, inteligência suprema, criador de todas as coisas, que governa os milhares de mundos disseminados pelo Universo. Há um mecanismo divino nas leis que regem o Universo, o Cosmo. Os sábios astrônomos já verificaram, há muito tempo, a perfeição, o sincronismo, que imperam na gravitação universal.

Diante dos fatos que demonstram uma realidade, porque duvidam da existência de DEUS?

RAMATIS, iluminado instrutor espiritual, no seu belíssimo livro *A Vida Humana e o Espírito Imortal* (4.^a edição, 1982, psicografado pelo Hercílio Mães; Livraria Freitas Bastos), transmite-nos a seguinte lição:

Os colares de astros e mundos rodopiantes no Universo provam que DEUS não é uma espiritualidade estática ou criador inerte, mas ativo e laborioso, numa incessante atividade fecunda em todas as latitudes do Cosmo.

Os elétrons que giram em torno dos núcleos atômicos de microcosmos e os astros que se movem ao redor dos sóis no macrocosmo demonstram que o trabalho é a ação básica de qualquer atividade da Consciência Divina! Deus pensa e cria o Macrocosmo; o anjo trabalha e cria o microcosmo! Os santos, artistas, gênios e condutores de multidões são produtos fundamentais de um labor incessante e aperfeiçoativo, pois a atividade, em qualquer plano cósmico, é um ritualismo iniciático, que disciplina e dinamiza os movimentos ascensionistas do Espírito para despertar-lhe o conhecimento e o poder divinos!

O labor é o fundamento das coisas mais sublimes do mundo; o trabalho obstinado de um homem estóico sobre o piano produziu na esfera da música o gigante chamado Beethoven; da persistência no manejo de tintas, resultaram os gênios como Ruens, Ticiano, Da Vinci ou Rafael; o labor teimoso do buril sobre a rigidez da pedra fez a glória de Miguel Ângelo; a própria santidade de Francisco de Assis modelou-se na sua atividade desprendida e fatigante em favor dos desgraçados! Foi o trabalho mental movendo o raciocínio acerca dos mistérios da vida e da existência do espírito que plasmou a figura benfeitora e grandiosa de Buda e do sublime Jesus.

No âmago da bolota já existe a microsíntese da gigantesca árvore do futuro carvalho; mas é graças ao trabalho exaustivo e incessante que ela desabrocha e cresce no seio da terra até se transformar no vegetal benfeitor! O minúsculo fio de regato, que escorre das encostas do Peru, só adquiri as prerrogativas do majestoso rio Amazonas, após o árduo trabalho de abrir sulcos na terra, cavar as pedras e desenvolver as forças adormecidas sob o primeiro impulso de vida latente na gota d'água.

O trabalho é o fundamento das coisas mais sublimes do mundo (repetimos as palavras do eminente Espírito). O trabalho de pesquisa levado a efeito pelos americanos no espaço sideral é importantíssimo, inclusive, porque os cientistas, através dele, terão cada vez mais uma visão correta da existência do Criador; cada vez mais terão a certeza da pequenez do homem diante de Deus, a Suprema Inteligência.

O homem terrícola, o cientista, diante da imensidade do Cosmo, haverá de olhar para dentro de si e perguntar pela sua origem, pelo seu destino espiritual, para compreender a missão que deve desempenhar no Plano da Terra, missão de paz e progresso entre os seus semelhantes, e não de dominação e de guerra!

Elevemos – todos os sonhadores pela paz na humanidade terrena – uma prece ao Criador do Universo para que ilumine o coração dos cientistas americanos e dos dirigentes do Pentágono, fazendo com que os futuros ônibus espaciais realizem pesquisas para usá-las em benefício dos povos do nosso planeta e não para produzir sofisticados artefatos de guerra!

Em lugar de gastar bilhões de dólares no projeto “guerra nas estrelas”, por que o governo americano não os aplica em ajudar os povos mais pobres, erradicando a miséria e as doenças? Este seria, sem sombra de dúvida, um trabalho de grande alcance social, contribuindo para reduzir e quiçá eliminar o espectro da guerra. Com isso, estaria o povo da grande Nação do Norte cumprindo o segundo maior mandamento da lei de Deus, enunciado repetidamente por Jesus Cristo aos hebreus na sua pregação na Palestina:

Amarás ao próximo como a ti mesmo.

A Corrupção e a próxima Assembleia Constituinte²⁸

Nestes últimos vinte anos temos presenciado o movimento de libertação de povos que viviam sob a tutela de várias potências. Na África, os povos considerados colônias de Portugal; na América Central, entre outros, Cuba e Nicarágua, os quais, durante muito tempo, política e economicamente, giravam na órbita dos Estados Unidos da América do Norte.

Mais recentemente, observamos as revoluções de Porto Rico e Filipinas, que desejavam libertar-se de governos corruptos, cuja finalidade maior era amealhar bens e recursos para os seus principais dirigentes, em detrimento do progresso das respectivas coletividades.

Examinando o caso particular de Filipinas, as informações veiculadas pela imprensa eram de estarrecer: adeptos do ex-presidente Ferdinand Marcos reuniram no exterior uma fortuna imensa, com prejuízo, evidentemente, de milhares de conterrâneos, que vivem na miséria, sem escolas, sem alimentação, sem assistência médica.

Recordando os acontecimentos sociais e políticos no nosso querido Brasil, teremos de meditar profundamente sobre as cau-

28. Publicada no *A Crítica*, em 19.07.86.

sas que geram a corrupção, em todos os sentidos e em todos os setores de atividade.

Durante a campanha para a eleição do presidente da República pelo célebre Colégio Eleitoral, sendo eleito o pranteado Dr. Tancredo Neves, as notícias transmitidas pela imprensa eram claras e ninguém fazia delas mistério: os candidatos do partido situacionista procuravam aliciar o apoio dos parlamentares que iriam votar, prometendo-lhes a liberação de verbas federais para os seus Estados e municípios, ou, mesmo, ofertando-lhes dinheiro em espécie.

O movimento de reação do povo brasileiro, através dos partidos da Oposição, foi mais forte e decisivo, sendo vencida a corrupção, que não conseguiu eleger o candidato contrário aos legítimos interesses da coletividade.

Mas, quais são esses legítimos interesses?

A expressão “legítimos interesses” envolve uma gama variada de direitos: direito à liberdade, direito de pensamento e expressão, direito à saúde, à educação e instrução, direito de escolher a profissão, direito de eleger os seus representantes ao Parlamento.

A todos esses direitos deveríamos acrescentar mais um: o direito do povo, qualquer homem do povo, de fiscalizar os atos, as obras dos administradores da coisa pública, denunciando à autoridade competente aquelas que fossem prejudiciais à coletividade, ou aquelas em que se descobrissem a malfadada corrupção, com o desvio ou má aplicação dos dinheiros públicos.

Sabemos que na atual organização política do Brasil, como na dos demais povos ditos civilizados, o povo elege os seus representantes no Parlamento, e estes é que têm a função e o dever de fiscalizar os atos do Poder Executivo, denunciando, inclusive, os erros e falcatruas.

Quantas obras existem, porém, nas cidades, nas capitais dos Estados, neste Brasil imenso, que não sofrem o exame e a fiscalização das Assembléias Legislativas ou das Câmaras Municipais!

Os eleitos pelo povo, sejam governadores ou prefeitos, geralmente possuem maioria nas Assembléias ou Câmaras Municipais, e, assim, conseguem aprovação fácil aos seus projetos, nem sempre úteis à coletividade. E, de modo geral, as

prestações de contas são aprovadas mediante simples exame de documentos, sem a verificação das obras ou se estas correspondem realmente ao custo indicado nos documentos oficiais.

A toda hora, lê-se nos jornais comentários de políticos e de pessoas diversas, denunciando o desvio de verbas ou a má aplicação dos dinheiros públicos nos Estados, Municípios ou repartições do Governo Federal.

Como corrigir tudo isso?

Dizem, à boca pequena, que é norma nas administrações públicas, na execução de obras ou serviços, o vencedor da concorrência, conceder ou doar ao chefe da repartição, 10% ou 20% do valor aprovado, como condição *sine qua*. Asseveram também coisa pior: que os administradores públicos orçamentam uma obra em Cz\$ 500.000,00, por exemplo, e só gastam Cz\$ 200.000,00, desviando a diferença para uma “caixinha”! a quem pertence a “caixinha”? Ninguém sabe.

Como conseguem esses administradores públicos apresentar documentos de caixa comprovando o valor ficticiamente gasto?

Se constituem uma verdade todos esses fatos, quantos bilhões de cruzados são desperdiçados por esses maus administradores, dinheiro esse que serviria para atender a problemas graves da coletividade no setor da educação, da saúde, da limpeza pública!!

Existem leis coercitivas em nosso País, que punem os responsáveis por desfalques ou desvio dos dinheiros públicos, mas a verdade é que os inquéritos ou processos geralmente são “arquivados” antes de atingirem o ponto final. A corrupção, portanto, vige de acima para baixo nos vários setores da administração pública, sendo fácil, portanto, evitar a punição dos verdadeiros culpados.

Acima das leis materiais dos homens, porém, funcionam as leis divinas, regendo os destinos humanos. Antes de praticar um ato corrupto, prejudicial à coletividade, o administrador público deve

pensar duas vezes nas leis divinas, a fim de não se conspurcar e não causar prejuízo à coletividade a que pertence.

As leis divinas de causa e efeito, de acordo com o mecanismo das vidas sucessivas ou das reencarnações, não falham e nenhum ser humano está delas isento. O administrador corrupto de hoje pode renascer amanhã num corpo doente, canceroso, epilético, surdo-mudo, paralítico, para expiar os erros de ontem.

O materialista dirá: que me importa a vida futura, não acredito nisso! Deixem-se gozar as delícias do poder, usufruir os bens da sociedade, amealhar riqueza, dominar os mais fracos... A justiça é do mais forte...

Os brasileiros, sejam judeus, católicos, protestantes, espíritas, mahometanos, conhecem os mandamentos da lei de DEUS, a Decálogo, recebido por Moisés no Monte Senai, que constituiu sempre um roteiro de luz para as religiões:

- 1.º Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão;
- 2.º Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão;
- 3.º Lembra-te de santificar o dia de sábado;
- 4.º Honrarás a teu pai e a tua mãe;
- 5.º Não matarás;
- 6.º Não cometerás adultério;
- 7.º Não furtarás;
- 8.º Não dirás falso testemunho contra o teu próximo;
- 9.º Não desejarás a mulher do próximo;
- 10.º Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento.

Os atos de corrupção que mencionamos não se inscrevem no mandamento “não furtarás”?

Combatamos, assim, com ardor, a corrupção, nos vários setores da sociedade brasileira, começando o exemplo pelas autoridades constituídas, num movimento de cima para baixo, porque os governados, o povo, carece do principal exemplo, a fim de constatar que há realmente o firme propósito de moralizar a administração pública.

Neste momento, em que as atenções se voltam para a próxima Assembléia Nacional Constituinte, seria oportuno que os legisladores brasileiros olhassem com objetividade o problema da corrupção na administração pública, inscrevendo normas punitivas na nova Carta Magna.

Forjarão os nossos patrícios, dessa forma, nova mentalidade nacional, construindo inexpugnável estrutura de progresso e justiça para o Brasil de amanhã como nação soberana.

Constituinte *versus* Dívida Externa²⁹

No governo do presidente Médici muito se falou no “milagre” brasileiro, sem dúvida porque o Brasil estava atingindo determinadas metas no setor econômico ou conseguindo liberar-se da importação de certos produtos essenciais que pesavam na balança comercial. Era um sinal de avanço tecnológico na área industrial do País.

Podem-se considerar “milagre” as mudanças num País que, ano após ano, aumentava e aumenta a dívida externa? Até hoje, o Brasil continua com a sua enorme dívida externa. O que se constata é o governo brasileiro a realizar empréstimos para pagar novos juros. Não se lê nos jornais ou se ouve na televisão qualquer notícia sobre a amortização ou pagamento de alguma parcela do principal. Se paga apenas juros e mais juros.

Então, como entender esse “milagre” brasileiro? Hoje, quando se discute a nova constituição do País, fica-se a pensar: e a dívida externa?

A dívida externa, que exaure os recursos do país, que absorve os lucros da nacionalidade, deveria ser estudada, analisada profundamente, esmiuçada, com o objetivo de procurar-se meios, fixar diretrizes econômicas e financeiras definitivas para a obtenção de recursos para a sua amortização paulatina. Paulatina amortização, pois o Brasil não poderia pagar tudo de uma vez.

²⁹. Encontramos o recorte de jornal nos arquivos do Botelho, sinalizando a publicação. Todavia, não foi possível identificar em qual jornal, nem em que data ocorreu a publicação, mas podemos apostar que transcorria os anos 1980.

Sem dúvida, avanços substanciais, especialmente no campo social, foram conseguidos na nova Carta Magna. É o que todos dizem. Mas, com referência à dívida externa, que normas foram estabelecidas? Como imaginar um grande País, sem pagar a sua dívida externa? Impossível ao Brasil atingir o desenvolvimento tecnológico dos países industrializados, porque o capital, o dinheiro, que precisaria investir em grandes projetos, é todo ele drenado para o exterior, entregue aos países credores, como pagamento de juros. Somente para pagamento de juros.

Comentam os técnicos e os especialistas em finanças: o Brasil precisa investir cada vez mais, precisa do capital estrangeiro. E venha o capital estrangeiro... E o País continua a pagar os juros da dívida externa com os lucros da balança comercial... E as multinacionais do exterior continuam a auferir polpudos lucros com os investimentos no Brasil, drenando-os para as suas matrizes... Que "belo" programa para o desenvolvimento do País!

Agora mesmo tiveram os brasileiros uma notícia auspiciosa: a exploração comercial do petróleo de Urucu. Nota-se o trabalho patriótico, valoroso, do pessoal da Petrobras. Se existem, porém, nessa e em outras áreas do território brasileiro, grandes reservas de petróleo, porque a Petrobras não elabora, de logo, um grande roteiro para a exploração comercial do nosso petróleo, com o objetivo de liberar o País da importação do ouro negro, e, ao mesmo tempo, com o produto dessa riqueza, iniciar o pagamento da nossa dívida externa?

Seria possível um programa dessa natureza? Não há dúvida! O Governo Federal aplicaria recursos maciços nessa exploração com aquele objetivo.

Importa, contudo, que se estabeleçam diretrizes definitivas para o pagamento da dívida externa, cabendo ao Governo esse trabalho patriótico. É fora de dúvida que o nosso petróleo seria o suporte financeiro para o Brasil iniciar o pagamento.

Os jornais noticiam que Urucu produzirá nove mil barris por dia em 1989. Por que não poderia produzir 20.000 barris ou mais? Embora reconhecendo o caráter patriótico dos dirigentes da Petrobras, muitos brasileiros conjecturam que as multinacionais do exterior podem interferir, sub-repticiamente, nos planos da nossa

grande Empresa de petróleo, com a finalidade de emperrar a liberação econômica do Brasil.

Em que pese a opinião dos especialistas em economia e finanças, entendemos que a dívida externa deveria e deverá ter prioridade na solução dos problemas que afligem o povo brasileiro. Se os governos, seguidamente, tratam apenas de pagar juros e mais juros aos credores – para isso realizando novos empréstimos – onde iremos parar? Onde?

É oportuno salientar, neste momento, o parecer de muitos brasileiros, inclusive parlamentares e homens de cultura, que consideram o regime parlamentarista muito mais lógico, coerente, patriótico, do que o presidencialista, pois este repousa na vontade e na orientação de um só homem.

No regime parlamentarista, o partido vencedor nas eleições escolhe o primeiro-ministro, que é nomeado pelo presidente da República. O partido vencedor possui um programa, aprovado pela maioria do Parlamento e deve ser executado. O presidente da República não é uma figura decorativa, como algumas pessoas pensam. Ele funciona como um fiscal ou superintendente de obras, isto é, acompanha os resultados do trabalho do Ministério (que é dirigido e coordenado pelo primeiro-ministro). Em determinadas circunstâncias, quando existe um impasse muito grave para solução dos problemas do País, o presidente pode dissolver o Parlamento e convocar novas eleições, evitando que haja um caos na administração pública. E o primeiro-ministro pode sair, mediante voto de desconfiança do Parlamento. Há, portanto, um mecanismo que funciona normalmente, sem distonias, dando estabilidade ao governo, quer do ponto de vista da execução dos programas, quer do ponto de vista do apoio parlamentar.

O que vemos em nosso País, com o regime presidencialista? O presidente Sarney a declarar, publicamente, que precisa de base de sustentação para governar; negociando com os políticos para ter apoio nas medidas que deseja implantar. Não há um programa definido.

Fala-se no combate a inflação. Esse combate, porém, existiram nos vários governos anteriores, antes do presidente Sarney. Contudo, a inflação jamais foi vencida. Continua sempre, com altos e baixos.

Os presidencialistas mencionam o sistema dos UNITED STATES, que demonstra muita força e unidade no seu funcionamento.

Cristianismo Renascente³⁰

EMMANUEL, Espírito Iluminado, pertencente às hostes de ISMAEL, disse, no intróito do livro *Entre Irmãos de Outras Terras* (2.^a edição, p. 9/10), estas palavras candentes e cheias de fé:

O Espiritismo é o Cristianismo Renascente, com JESUS anunciando, de novo, as realidades eternas do Universo e da Vida, com base no sepulcro vazio.

Perante o mundo atormentado de hoje, pensa na quota de amor que lhe devemos através do Espiritismo, que nos pede criterioso trabalho de sustento e divulgação, em favor dos corações e das consciências. Todos temos obrigação e serviço a fazer.

Ninguém espera que transformes, de imediato, num sol capaz de extinguir as trevas.

O ensinamento de EMMANUEL nos leva a pensar nos variados crimes que se perpetram no nosso Estado e em outros Estados da Federação, em outras partes do mundo – crimes passionais, crimes contra o patrimônio, homicídios – de que nos dão conta os órgãos de imprensa, quase todos os dias.

Quanto é necessário que o homem desperte para a certeza da imortalidade do Espírito, saiba que possui uma consciência, que é e será sempre o seu supremo juiz perante as leis eternas de Deus?

30. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelhão.

O desconhecimento da sobrevivência do espírito após a morte, e da lei de causa e efeito que rege os nossos atos de espíritos imortais – egressos que somos de vidas anteriores, endividados por atos cometidos contra os nossos semelhantes – impede que se abram as nossas consciências e nos torne vigilantes para não cometermos atos prejudiciais a terceiros e à sociedade.

Já imaginamos, por exemplo, quantas obras úteis à coletividade seriam realizadas no campo da administração pública, se cada um compreendesse que um ato de corrupção malbaratando o dinheiro do erário importaria em queda do seu espírito, importaria em um acréscimo de dívida moral, pela qual responderia a sua consciência, neste ou em outras vidas?

Quantos agonizantes, na hora do desencarne (passagem para o outro lado da vida), mandaram chamar os seus desafetos ou pessoas a quem prejudicaram, para se reconciliarem ou pedirem perdão? O que é isso? É a consciência, que faz parte da alma, cuja existência é incontestável. Quantos materialistas já assistiram a situações idênticas e tremeram diante do ateísmo que professam?

Quantas rugas, quantas disputas, quantas injustiças no trabalho do dia a dia, nas empresas privadas, nas repartições públicas, nos tribunais, em toda parte! Quantos atos danosos se cometem em detrimento ao direito dos semelhantes!

Esse clima constante gera, a cada passo, o descontentamento popular, responsável, em grande parte, pelos crimes passionais a que nos referimos.

Não se pense que ser discípulo de JESUS é entregar-se à pobreza ou deixar de usufruir os benefícios materiais do conforto que o progresso permite. Não! Em inúmeras passagens, os espíritos superiores esclarecem que a riqueza é a causa do progresso ou uma das causas.

Recordemos aquela passagem, em Jericó, na Palestina, quando o Divino Mestre encontrou-se com SAQUEU, o rico judeu, que o convidou a repousar em sua casa. Os discípulos murmuravam, porque não compreendiam que o Senhor se hospedasse em casa de um rico. SAQUEU dirigiu-se a JESUS e disse-lhe:

Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se causei dano a alguém, seja no que for, indenizo-o com quatro tantos.

Ao que JESUS lhe disse:

Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; – visto que o Filho do homem veio para procurar e salvar o que estava perdido (S. Lucas, Cap. XIX, vv. 1 a 10).

Procuremos ser caridoso, ajudando materialmente o nosso próximo. Que os abastados compreendam que muito podem fazer pelos necessitados, pelos que sofrem a fome e as doenças, dando um pouco do que é seu – que não lhes faça falta – em favor desses parias da sociedade, que também são filhos do Supremo Criador do Universo.

O Supremo Criador, através de falanges de espíritos superiores, sob a direção de JESUS, fará com que o trabalho diuturno e digno proporcione a esses doadores de caridade duplicadas benesses das riquezas que distribuíram.

Aí estão hospitais, casas de beneficência e caridade, à espera de auxílio para melhorarem ou concluírem as suas instalações em favor dos necessitados. Não se deve ver cor na religião. A caridade serve a todos indistintamente.

Sejamos ou procuremos ser discípulos do Divino Mestre, modificando ou consertando a cada hora os pontos negativos de nossa personalidade, a fim de oferecermos também uma restes de luz para a solução dos problemas – miséria, sobretudo – e dos crimes de tosa espécie que afligem as coletividades do nosso amado Brasil e do mundo.

Fixemos, no ímo de nossa alma, o convite de EMMANUEL no final da alocução em apreço:

Traze também o teu raio de luz.

Um País Doente³¹

O ilustre professor Jefferson Péres publicou no *A Crítica*, do dia 26.12.87, interessante artigo, sob a epígrafe acima, tecendo algumas considerações sobre a atual situação do Brasil. Lemos com muito interesse o artigo, que contém verdades irrecusáveis, que podem ser entendidas por qualquer pessoa do povo brasileiro. Destaco o item sobre os “marajás” de Maceió. Realmente, é lamentável que o Tribunal Federal de recursos tenha dado ganho de causa aos magistrados ou aposentados, que recorreram da decisão do governador de Alagoas.

Não sabemos se a Assembléia Nacional Constituinte estabelecerá normas atinentes à remuneração máxima que um funcionário público pode perceber. Se o fizer, será de grande alcance para o País. Não só do ponto de vista ético e moral, mas, sobretudo, sob o aspecto financeiro, não deve haver essas disparidades na vida brasileira, uma minoria de privilegiados percebendo salários altíssimos e a maioria dos que trabalham e produzem ganhando baixos salários ou salários de fome.

Num rápido exame, verifica-se que vários Estados brasileiros, senão a maioria deles, possuem elevada dívida externa, além da dívida interna. Vê-se que não há preocupação, nesses Estados, em conciliar a despesa com a receita. Muitas vezes, aquela ultra-

31. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelho.

passa as possibilidades do erário. Pior é a dívida externa, pela qual, em última análise, o Governo Federal se tornará responsável. Os fatos demonstram falta de critério na aplicação dos dinheiros públicos. Mais do que isto: desonestidade e corrupção. A ausência de critério, a desonestidade e a corrupção na administração pública impedem que sejam atacados e resolvidos os problemas cruciantes, essenciais, do povo brasileiro: o analfabetismo, a fome, as doenças.

Com referência à dívida externa, deveria a nova Constituição Brasileira conter um dispositivo proibindo a realização de empréstimos externos por parte dos Estados ou das empresas estatais. Somente o Governo Federal poderia ou poderá, como Estado soberano, realizar empréstimos externos.

A Revolução de 1964, que derrubou o governo Goulart, procurou resolver problemas relativos à expansão da produção econômica do País como um todo. Incentivou a produção do aço. Lembramo-nos perfeitamente da meta que os governos da ditadura quiseram alcançar: 20 milhões de toneladas, anuais, de aço. Nos dias atuais o Brasil exporta produtos de aço para os Estados Unidos da América do Norte (a maior potência do mundo ocidental), bem como para outros países. É uma demonstração clara do crescimento do País no setor industrial. A Revolução incentivou outros setores de produção. Procurou dotar o País de uma rede de telecomunicações abrangendo todas as regiões. Houve, realmente, um esforço hercúleo para alcançar grandes metas de progresso material e social para o povo brasileiro.

No caso específico do Estado do Amazonas, nenhum brasileiro que aqui vive pode ter razão de queixa da Revolução de 1964. Ao contrário. Foram criados: a Zona Franca de Manaus, o Comando Militar da Amazônia, a Base Naval de Manaus. A base aérea da Aeronáutica foi acrescida de maiores instalações. Construído o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, com a mão-de-obra e direção técnica exclusivamente nacionais, o qual representa um momento de trabalho organizado e eficiente. O Comando Militar

da Amazônia, com sede em Manaus, joga, sem dúvida, mensalmente, milhões de cruzados na praça, para custeio dos seus vários departamentos. Só isso é uma ajuda para a cidade e para o próprio Estado.

Pergunta-se: a Revolução falhou? Falhou, a nosso ver, em alguns pontos: não combateu a corrupção administrativa; permitiu o favorecimento a multinacionais do exterior com a concessão de grandes áreas de minério do solo brasileiro. Não deu ênfase à educação do povo; aos ensinos primário, secundário e superior. Pelo visto, o ensino superior nas Faculdades Federais regrediu. Houve modificações no sistema do ensino superior, as quais não representam melhoria, segundo técnicos no assunto.

O ensino primário e secundário está a cargo dos Estados que compõem a Federação. Os métodos, os programas de estudo, são antiquados. Urge uma remodelagem, à frente da qual deve ser colocar o Governo Federal através de técnicos e professores abalizados, estudando as deficiências do ensino, estabelecendo novos programas, reduzindo as matérias ao mínimo, que facilite a aprendizagem do aluno.

O combate à corrupção administrativa é problema inadiável neste momento. Vale lembrar, os inquéritos que foram iniciados na Nova República, em várias repartições, sobretudo no INPS, para apurar responsabilidades por atos ilícitos e dolosos, inquéritos que não chegaram ao fim, para a devida punição dos culpados, de acordo com a lei.

É necessário que haja conscientização por parte dos políticos e líderes brasileiros. Vê-se, através das eleições, que a preocupação dos políticos é conseguir uma posição de mando, percebendo altos salários. Fazem promessas e mais promessas ao eleitorado, vale dizer, ao povo brasileiro, durante a propaganda eleitoral. Quando assumem o governo, grande parte dessas promessas, ou quase todas, são esquecidas.

Em conversa com um amigo, ele dizia:

Se eu fosse Governo federal, tomaria as seguintes medidas prioritárias:

1. Combate, sem tréguas, à corrupção administrativa, abrindo inquéritos e punindo os responsáveis por quaisquer atos ilícitos, prejudiciais à administração pública, inclusive demitindo-os dos seus cargos;
2. Daria ênfase ao ensino primário, ginasial e profissional, estudando, nas capitais dos Estados, com os técnicos locais, às deficiências do ensino, promovendo a abertura de novas escolas e colégios, com a implementação de recursos aos governos regionais;
3. O ataque aos problemas do ensino primário e secundário teria por base uma ampla e profunda análise dos métodos e programas de ensino, reduzindo ao mínimo as matérias hoje ensinadas, cujo número excessivo prejudica o real aproveitamento do aluno, considerando obrigatórias as seguintes: Português, Matemática, História do Brasil e Geografia. Neste item estariam abrangidas as regiões do Norte e Nordeste, excetuando-se as regiões do Sul e Sudeste, cujas populações possuem um menor índice de analfabetismo;
4. Examinaria, com os governos locais, a produção econômica de cada Estado, estabelecendo com eles metas de desenvolvimento, com o objetivo de serem exploradas racionalmente as riquezas regionais.

Terminando a conversa com o amigo, perguntei-lhe o que faria para reduzir o déficit público do Brasil, que tem sido um cavalo de batalha. Ele me respondeu:

Proporia ao Congresso a redução de 20% em todos os salários, remunerações, subsídios, de todos o funcionalismo federal, a começar pela Presidência da República, Ministérios (inclusive as Forças Armadas), Câmara Federal, Senado Federal, Departamentos, etc.. fixando em Cz\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzados) o mínimo que não sofreria redução. Quem ganhasse CZ\$ 300.000,00 mensais, passaria a perceber apenas CZ\$ 240.000,00. e assim por diante. A redução abrangeria também as mordomias, em todos os órgãos federais, Ministérios, Câmara Federal e Senado Federal.

Concluiu o amigo:

Seria uma medida altamente patriótica. Com isso, o povo brasileiro iria acreditar na sinceridade dos líderes dos governos nos parlamentos, em desejar consertar o Brasil e beneficiar a coletividade.

Fala-se que o déficit público é conseqüência do desperdício nas estatais. Não acreditamos que as empresas estatais, sozinhas, sejam responsáveis pelo déficit público. O Governo Federal gasta bilhões e bilhões de cruzados com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, emitindo, sem dúvida, papel-moeda para cobrir o excesso de despesa, toda vez que se faz necessário. A redução de 20% nos salários elevados, como propusera o amigo, ajudaria a resolver o problema do déficit público.

Um outro amigo comentava conosco os mesmos problemas cruciantes do nosso País, especialmente a miséria, o analfabetismo, violência cada vez maior nas principais cidades.

Numa pausa, declaramos a ele: O Brasil é do Terceiro Mundo! Não, disse ele, o Brasil não é do Terceiro Mundo, é sim do Quarto Mundo!

Essa afirmativa traduz, sem dúvida, um pensamento de tristeza e de revolta diante das questões graves que atormentam o nosso País.

Como acabar com a miséria e o analfabetismo, que representam talvez mais de 20 milhões de brasileiros? A solução não é fácil, especialmente porque o Brasil é um país de grande extensão territorial, formado pela união de Estados e municípios. A miséria e o analfabetismo se distribuem por todos ou quase todos os Estados.

De acordo com a Constituição Brasileira, os Estados são responsáveis pelo ensino primário e secundário. A União é responsável pelo ensino superior, vale dizer, pelas Universidades.

Cabe, portanto, aos Estados realizar um trabalho hercúleo e permanente em torno do ensino primário, objetivando erradicar o analfabetismo. Sabe-se que o MEC tem ajudado os Estados, distribuindo verbas para o ensino primário.

Com relação miséria, o problema é mais difícil: nem todos os Estados dispõem de recursos suficientes para dar de comer a milhares de brasileiros desempregados, quase sempre assolados por doenças as mais diversas.

E a violência? Essa também, supomos, não é fácil erradicar. Não é difícil compreender que a miséria, o desemprego, que castigam milhares de irmãos nossos, são duas das causas reais da violência.

Homenagem a Álvaro Maia³²

Recordo, neste momento, a figura carismática do grande amazonense, e grande brasileiro, que era alcunhado de “Tuxaua” pelos seus aficionados políticos. Inúmeros estudantes da minha geração, cujos pais possuíam poucos recursos, foram ajudados por Álvaro Maia quando governador do Estado do Amazonas. Uma forte característica aureolava a sua personalidade: o permanente desejo de ajudar os moços, aqueles que precisavam estudar e não dispunham de meios.

Emérito cultor do vernáculo, foi professor, por concurso, da cadeira de Português, no antigo Ginásio Amazonense Pedro II, hoje com a denominação de Colégio Estadual. Estilista primoroso, escreveu vários ensaios, dentre outros os seguintes: *O Cântaro da Samaritana*, *Etelvina*, *Enfermeira da Esperança*, *Bendita entre as Mulheres*, *Água Viva*, *Luz no Horizonte*, *A Hora Sexta*, *Nas Tendões de Emaús*, todos eles vasados numa linguagem sublimada, com a predominância dos ensinamentos de JESUS CRISTO.

Era um espiritualista, no sentido mais amplo do termo. Na conversa com qualquer pessoa, subalterna ou não, demonstrava sempre lhanza na palavra fácil e enorme discrição. Em *Noite de Redenção* a impressão que se colhe é de que conversava com seu Anjo da Guarda. Todos nós, espíritos encarnados ou reencarnados no planeta Terra, possuímos um Anjo da Guarda, ou seja

³². Publicada no *Amazonas em Tempo*, em 15.06.1991.

um espírito do plano espiritual, o qual nos acompanha, para nos ajudar, durante a nossa romagem terrena, sem, todavia, interferir no nosso livre arbítrio.

No *Clarão Solitário*, traceja o eminente brasileiro ensinamentos profundos, que tocam a personalidade de qualquer ser humano, mostrando o caminho que cada qual deve percorrer na sociedade terrena, em contato com os semelhantes, eliminando da mente os terríveis entraves que decorrem do egoísmo e do orgulho. Humildade, sempre humildade, deve prevalecer no relacionamento do dia-a-dia com todas pessoas, sem autoridades ou não.

A pregação de Álvaro Maia, no *Clarão Solitário*, atinge a humanidade inteira, numa apoteose de luz, que penetra, como estilete, o coração de todos os terrícolas:

Ainda é tempo de agir correndo em acelerado, ao apelo das reivindicações dos humildes, cedendo ao norteio de todo homem verdadeiramente cristão. O poder e a riqueza têm alicerce materiais e morais, que se harmonizam para manter os travejamentos do edifício. Fábricas com finanças seguras, realizações, propriedades, mas amparo aos necessitados, aos operários, proporções nos lucros. Acima da fachadas e letreiros, tão seducendo para a maioria, estão os lares, as crianças, os desgraçados.

O vigoroso tribuno toca numa ferida profunda, ainda existente na sociedade brasileira, que coloca o Brasil, permanentemente, ao patamar do Terceiro Mundo: a reforma agrária. Repitamos as suas palavras:

Que o clarão da justiça social ilumine os governos, os legisladores, os responsáveis na recomposição do mundo! Que as bênçãos de Jesus jorrem sobre os dirigentes na distribuição das terras, dos bens à família, da eugenia para a raça ineficiente, sem obstáculos odiosos que sejam focos latentes de novas lutas.

A legislação sobre as terras merece especial cuidado. Negar trechos descultivados aos alviões e charruas representa atentado ao lar coletivo e induz ao crime. Latifúndios sem trabalho são áreas malditas, onde se enjaulam a fome e a sede. Abram-se em produção, multipliquem-se em lotes para a fartura geral.

Nessas rápidas linhas focaliza um problema que exacerba o nosso País, não resolvido até agora: a distribuição de terras aos necessitados, aos homens do campo, aqueles que precisam trabalhar para sobreviver.

Fácil verificar que o Governo Federal, gastando bilhões de cruzeiros em empreendimentos os mais diversos, não toma uma iniciativa decisiva e racional, não organiza um plano viável, para colocação de milhares de brasileiros, gratuitamente, em terras improdutivas, que podem ser loteadas em vários Estados do nosso País, concedendo-lhes ajuda financeira para compra de equipamentos, assistência técnica permanente, médica e hospitalar. Porque todos esses brasileiros, recuperados para a sociedade, vão produzir para o Brasil e deixarão de ser parias.

A personalidade de Álvaro Maia era multiforme: educador, vernaculista, exímio nos escritos, político, tribuno dos mais impressionantes. Difícil medir ou comparar as potencialidades da sua figura de cidadão e homem público. Qual a predominância: o educador, o político, o escritor, o tribuno, o espiritualista?³³

Como educador, professor no antigo Ginásio Amazonense Pedro II, imprimia ao caráter dos seus alunos o desejo ardente do estudo, das realizações sadias, em favor do progresso do Amazonas e do Brasil.

Como político, detendo o poder em várias situações, jamais deu ordens para ferir, para espancar a quem quer que fosse. Respeitava os seus adversários, sem os ofender. A tolerância foi um grande atributo do seu caráter.

Como tribuno, o seu verbo era impressionante. Dominava as massas, que o ouviam embevecidas, tal a elevação de propósitos, a sinceridade e clareza das suas idéias, o desejo ardente e permanentemente de servir ao povo.

33. Num outro texto rascunhado, encontrado nos arquivos do Botelhão, constam palavras complementares: "Ao lado do imenso talento e de uma cultura onímoda, ÁLVARO MAIA se distingue pelos elevados sentimentos de espiritualidade, que jorram, como cascatas de luz, das suas belíssimas produções literárias...Discípulo fervoroso do Evangelho de JESUS, a sua palavra é um hino permanente de humildade, de fé, de devoção, de respeito e devotamento aos ensinamentos do Divino Mestre"

Álvaro Maia é um exemplo perene de civismo para os amazonenses. Morreu pobre. Não se importava com a riqueza material, nem procurava. Sua preocupação era servir, ajudar.

A sua personalidade se torna ainda mais viva aos tempos atuais, quando verificamos com tristeza a onda de corrupção que avassala o nosso País, entervando o progresso e o bem-estar de milhões de brasileiros.

O MEMORIAL ÁLVARO MAIA, criado em boa hora pelo Governo do Estado e Prefeitura de Municipal de Manaus, sob os auspícios da Fundação Braga, é um ato de justiça ao ínclito amazonense. Representa um farol permanente para alumiar o coração dos nossos políticos e de todos os amazonenses, com vistas ao progresso cada vez maior do nosso Estado.

Salve, Álvaro Maia! Que as luzes do CRIADOR DO UNIVERSO continuem a derramar-se sobre o teu espírito, para que a tua inteligência privilegiada e o teu saber continuem a ajudar, através da Espiritualidade Maior, o nosso querido Amazonas!

Relembrando a grande figura de Álvaro Maia³⁴

O livro do senhor Abrahim Sena Baze – *Álvaro Maia: Memórias de um Poeta* – vai permitir a muitos jovens amazonenses, especialmente os que cursam o ginásio e as universidades, conhecer a grande figura do Dr. Álvaro Maia, que foi interventor na Amazonas, governador, deputado federal e senador pelo nosso Estado, demonstrando sempre, nos discursos e escritos, a sua cultura invulgar e a impressionante oratória.

Quem o ouvia, quando discursava, podia imaginar que, nessa época, seriam raros os políticos e homens públicos no Brasil que tivessem uma oratória tão extraordinária.

Temos que admitir que o ser humano já renasce no nosso planeta com atributos que adquiriu ao longo de vidas anteriores. É a lei da Reencarnação ou lei de causa e efeito, que o Espiritismo esclarece e ensina.

O livro vem preencher uma lacuna no campo intelectual, tornando mais conhecida, pelo povo amazonense, a vida de um grande amazonense, que morreu pobre, não tinha ambições de riqueza material, e, em todas as oportunidades, demonstrou o seu amor, ardente, elevado, pelo Amazonas, procurando servi-lo com destemor.

Dono de uma cultura invulgar, onímoda, o Dr. Álvaro Maia foi o grande arauto do Amazonas por muitos anos. As suas palavras,

34. Publicada no *A Crítica*, em 4.7.96.

na *Canção de Fé e Esperança*, no *Elogio do Caboclo*, no *Paraíso Verde*, estão repletas de respeito e admiração, de idolatria pelo Amazonas. Respeito e admiração pelo caboclo que desbravou as matas e abriu caminho aos forasteiros para a exploração das imensas riquezas naturais.

Na *Canção de Fé e Esperança* demonstrou intimidade intelectual com grandes nomes da ciência e da literatura. Os conceitos de Emerson, Materlinck, Sylvio Romero, Alberto Rangel, João Ribeiro, Rui Barbosa, Heliodoro Balbi, Olavo Bilac, Tavares Bastos e outros, lhe serviram de argumento para tecer um hino de fé nos destinos do Amazonas.

Fez uma crítica enérgica e sincera aos poderes centrais da República que, até então, não dispensavam ao Amazonas a assistência e auxílio necessários ao seu desenvolvimento. Vejamos algumas de suas palavras:

O Amazonas deve seu progresso exclusivamente ao esforço próprio. Venceu só, ao impulso de seu comércio e de suas classes laboriosas (p. 36).

Há um murmúrio de formal desaprovação, quando as acusações chovem sobre os poderes constituídos do País, na parte concernente ao Amazonas. Mas, sem que importem em fenolia estas minhas palavras, partidário intransigente de um Brasil uno e poderoso, quais são os favores prestados pela União ao nosso Estado? (p. 37).

Numa previsão fantástica, anteviu o desenvolvimento futuro do Amazonas e da Amazônia. Acompanhemos o seu verbo:

O Amazonas entoará, com a vitória dos seus filhos, o hino de época de ouro: o Eldorado não será uma fantasia com "vales de sombra e montanha de lua", escondidos na imaginação, como pensou Edgard Poe, mas o solo em que as cidades livres e os homens livres terão cantos e bênçãos para a vida. A instrução ensinará o homem a querer, virilizando-o por uma vez para a pátria una e solidária, em que o direito tenha uma função de ordem e de força (p. 52). Olavo Bilac, nos sonetos magistrais em que encarcera, como prisões de ouro e nardo, as nossas lendas – sacis e curupiras – expressam a crença numa pátria uma, num Brasil respeitado, numa nacionalidade generosa, presa, por liames de aço, nas Amazonas, e, portanto, na Amazônia, berço, na

concepção darwiniana, de formosa civilização, onde se desenrolará, numa alegria bíblica, a apoteose de nossa grandeza e de nossa força. Homens do mundo inteiro virão efetivar o sonho do máximo artista nacional (p. 67).

Merece louvores o Sr. Abrahim Sena Baze, que homenageia com o seu livro a figura heróica do Dr. Álvaro Maia. O exemplo desse grande amazonense, como cidadão, político, homem público, orador nato, escritor e poeta – qualidades colocadas sempre ao serviço do Amazonas – constitui um farol para os amazonenses que desejem trabalhar, com amor, com a fidelidade, pelo nosso Estado, visando o seu progresso cada vez maior, no campo econômico, científico e cultural.

Julgamos que as previsões do Dr. Álvaro Maia, com relação ao futuro desenvolvimento do Amazonas, já começam a se desenhar no horizonte.

A criação da Zona Franca de Manaus é um dos esteios desse desenvolvimento, cada vez maior com a instalação de grandes empresas no Distrito Industrial. Os projetos em andamento, capitaneados pelo Governo do Estado (asfaltamento da BR-174 e a construção do porto de Itacoatiara para a exportação de soja para o Exterior), vão representar um singular avanço na economia do Amazonas.

Justíssima a gratidão dos amazonenses pelo trabalho profícuo dos governantes atuais, que não poupam esforços para o embelezamento de Manaus e para o desenvolvimento dos municípios do interior do Estado.

Salve, Álvaro Maia! Que as cintilações da tua inteligência e do teu espírito se derramem sobre o Amazonas, para ser dentro em breve o Eldorado dos brasileiros e de todos aqueles, estrangeiros ou não, que venham trabalhar e colaborar para a grandeza da Amazônia e do Brasil.

Umberto Calderaro Filho³⁵

Conhecemos o nobre amigo quando, ainda jovem, residia com seus pais na rua Luís Antony, em Manaus. Junto à sua casa, era a residência do ilustre jornalista Herculano de Castro e Costa, que fez época como redator de *O Jornal*, de propriedade da família Archer Pinto.

Nesse tempo, morávamos também na rua Luís Antony, 227, com a nossa esposa e filhos. Bom tempo esse, quando não havia a Zona Franca de Manaus criada em 1967.

Bom tempo, repetimos, porque não havia assaltos nas residências, nos bancos ou nos estabelecimentos comerciais. Os crimes, os assassinatos, eram raros. A delinqüência infantil quase não existia.

Veio a Zona Franca, cresceu a cidade, multiplicaram-se as indústrias e as empresas comerciais. Os investimentos triplicaram ou centuplicaram. Resultado: com o progresso econômico, entrou a criminalidade na cidade risonha de uma forma assustadora. É o que todos nós presenciamos. Parece que a criminalidade é normal nas grandes cidades. Ou é conseqüência da miséria?

Mas, o nobre jornalista Umberto Calderaro Filho soube aproveitar o surto de progresso de Manaus para aperfeiçoar cada vez mais as instalações de *A Crítica*; tornou-o um jornal moderno, vibrante, que dignifica o nosso Estado.

35. Publicada no *A Crítica*, em 08.07.1995.

A sede do *A Crítica*, no bairro do Aleixo, é uma belíssima construção, que merece ser vista e visitada por qualquer forasteiro vindo a Manaus. As dependências internas, muito bem distribuídas, com ar-condicionado permanente, oferecem o máximo conforto aos diretores e empregados.

Foi Umberto Calderaro Filho um amazonense que honrou o seu Estado. Serve de exemplo edificante aos empresários do Amazonas, que tenham amor à sua terra e desejam contribuir para seu progresso.

Dono de um coração fraterno, não deixava de atender ao amigo ou a qualquer pessoa que lhe batesse à porta pedindo auxílio. Na Espiritualidade, foi recebido, sem dúvida, pelos seus pais e amigos, que lhe exaltaram a coragem e o destemor pelas boas ações.

Salve, Umberto Calderaro Filho! Que as bênçãos do Senhor desçam sobre o teu espírito.

Congresso Internacional de Espiritismo³⁶

Não tivemos a ventura de assistir ao Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Brasília, Distrito Federal, no período de 1.º a 5 de outubro de 1989, promovido pela Federação Espírita Brasileira.

Todavia, as informações de amigos que lá compareceram, foram de molde a dar uma idéia da grandiosidade do certame.

O *Anuário Espírita 1990*, editado pelo Instituto de Difusão Espírita, com sede em Araras, Estado de São Paulo, publica uma ampla reportagem sobre o invulgar acontecimento, que contou com a presença de 7.000 pessoas.

Compareceram 2.298 espíritas brasileiros e 117 confrades representando 21 nações do nosso Planeta, entre elas a Espanha, Portugal, França, Bélgica, Itália, Inglaterra, Suécia, Suíça, Argentina, Colômbia, EUA, Uruguai, Chile, Panamá, Peru, Venezuela, Porto Rico, México.

No discurso de saudação aos congressistas, disse o presidente da Federação Espírita Brasileira, Sr. Francisco Thiesen:

O nosso Congresso, festa espiritual de convivência fraterna, aberta em cerimônia pública, enfatiza o cuidado do Espiritismo de falar a todos, em linguagem simples e sem atavios. Veicula a mensagem destinada

36. Não encontramos registro de que essa reflexão tenha sido publicada. Encontramos, todavia, seus rascunhos nos arquivos do Botelhão.

às mentes e corações, com conteúdo capaz de propiciar o saber e a consolação, sem os subterfúgios das palavras destinadas de finalidade essencial.

Saudamos os irmãos Congressistas, os observadores que nos visitam, lembrando o que todos sabemos: grande é a responsabilidade de quantos se propõem, participando das atividades deste Congresso, a ajudar o Cristo de DEUS na Construção do Mundo melhor e regenerado do futuro, de quantos concordem que o objetivo maior do Espiritismo é propiciar ao homem condições para o autoconhecimento, a autotransformação íntima à luz da Revelação incessante.

Enquanto o programa da Sessão de Abertura se desenvolvia, três médiuns trabalharam diante do público, recebendo mensagens do mundo espiritual: Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e Marilusa Moreira Vasconcellos.

Divaldo, que já percorreu vários países das Américas, Europa, Ásia e África, na divulgação da Doutrina Espírita, psicografou mensagem de ISMAEL, que é o coordenador, esfera espiritual do Brasil, dos trabalhos de expansão dos ensinamentos de Jesus Cristo, através do Espiritismo.

Entre as sublimes afirmações de ISMAEL, destacamos os seguintes trechos:

Quando o século XIX se iniciava com as grandes perspectivas de libertação da Ciência e do reenflorescimento da Filosofia, as doutrinas religiosas se encontravam desorientadas, renasceu Allan Kardec com a tarefa sublime de restaurar o pensamento de Jesus e abrir as portas da Humanidade para Era do Espírito Imortal.

Com ele a Ciência, a Filosofia e a Religião dão-se as mãos objetivando erguer o homem do caos de si mesmo e construir a sociedade do futuro conforme a visão de Jesus, ainda fulgurante no Seu Evangelho de bênçãos.

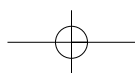
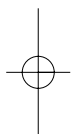
Não superado, o embaixador das Vozes dos Céus ofereceu à posteridade o legado precioso da Doutrina Espírita, que conduzirá a Humanidade ao grande fanal que é a felicidade.

Hoje, não obstante as admiráveis conquistas que engrandecem o século da Ciência, o homem chora e sofre!!! A dor macera-o; a ansiedade atormenta-o; o medo torna-o revel.

É através do conhecimento da sua origem e do seu verdadeiro destino, que levará o homem terrícola a transformar-se internamente, alijando da sua personalidade imortal os germens negativos do egoísmo, do orgulho e da vaidade, que são os fatores principais e determinantes, entre as Nações, das lutas fratricidas, das guerras, das conquistas territoriais.

Na voz dos Espíritos Superiores, o nosso planeta galgará, no Terceiro Milênio, mais uma etapa espiritual: de orbe de provas e expiações passará a ser um mundo de regeneração, onde, ainda suportando provas, não sofrerá as pungentes angústias da expiação (*O Evangelho Segundo o espiritismo*, Cap. III; Há muitas moradas na casa de meu Pai).

Procuremos, pois, todos nós, espíritos reencarnados na Terra, endividados com as leis Divinas, observar os dois mandamentos maiores prescritos por Jesus, o Divino Mestre: “Amar a Deus sobre todas as coisas” e “Amar ao próximo como a si mesmo”, para que sejamos colaboradores conscientes desse grandioso movimento espiritual, que visa a purificação do homem terrícola.





Cartas³⁷

Aos Filhos³⁸

Sei que vocês são pais dedicados, cuidadosos, com a educação dos filhos. Nada obstante, em face de nossas conversas aos domingos, em nossa casa, tomo a liberdade de lhes oferecer algumas considerações.

REENCARNAÇÃO

É importante compreender o mecanismo da “Reencarnação” (lei de causa e efeito), através da qual vocês terão uma resposta correta para as incertezas e dificuldades em aceitar as desigualdades sociais.

Em primeiro lugar: a perfeição do movimento dos astros e constelações no Universo Sideral, comprovada e enaltecida pelos grandes astrônomos terrenos, não é suficiente para demonstrar a existência de DEUS, o criador de todas as coisas?

37. Este organizador encontrou quase todas as cartas e telegramas arquivados com os respectivos recibos de postagem expedidos pelos ECT. Em todas as cartas, o Botelhão, consignava, em forma de *post scriptum*, o seu endereço residencial, ou de Manaus ou de Niterói, e o respectivo telefone. Além de outras percepções nossas sobre o nosso Botelhão, certamente, essa dimensão é mais uma que confirma o dizer que consignamos em seu santinho de sétimo dia: “Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus” (MT. 2: 5).

38. A carta fora dirigida para um dos filhos, todavia, este organizador verbalizou-a para todos, porque esse foi o discurso, e prática, permanente do Botelhão, que sempre sugeria “transformar vosso materialismo na compreensão das leis divinas do Criador”.

Como admitir o progresso constante da humanidade terrestre, se os seres humanos, ao passarem para o Plano Espiritual (morte física), desaparecem de uma vez, se extinguem?

Em torno do nosso Planeta, na Erraticidade, existem milhões de espíritos que esperam oportunidade de reencarnar na Terra.

Em segundo lugar: o ser humano renasce na Terra, começando pelo feto no útero da mãe (reencarnação do espírito que se encontrava na Erraticidade – Mundo dos Espíritos), desenvolve-se a pouco e pouco, cresce, demonstrando inteligência nos seus atos, perfeição no seu organismo (pode renascer com defeitos) – tudo isso, a inteligência, principalmente os conhecimentos inatos que demonstra – como foi adquirido pelo espírito renascente? Foram adquiridos no útero de sua mãe? É uma conclusão ilógica e absurda. Resposta correta: o espírito traz consigo, na sua mente, ao reencarnar, a sua inteligência e os conhecimentos adquiridos em vidas anteriores.

Apenas uma restrição: ao reencarnar, o corpo espiritual do reencarnante é reduzido em proporções cada vez menores, até que possa ser contido no pequeno feto que se desenvolve no útero da mãe. Em face dessa redução (promovida pelos Instrutores Espirituais encarregados do processo reencarnacionista), uma cortina desce sobre o cérebro do espírito, ocasionando o esquecimento de suas vidas anteriores e dos seus conhecimentos. Ao renascer, demonstrará tendências para qualquer atividade, mas não o conhecimento integral.

Inicia o Espírito, assim, na Terra, uma nova jornada, uma nova etapa de trabalho, para seu aperfeiçoamento intelectual, científico ou moral, ou para corrigenda de atos porventura praticados contra os semelhantes.

A desigualdade das inteligências decorre da menor ou maior evolução intelectual do espírito. Através dos seus esforços, dos seus estudos, do seu trabalho (que se realiza tanto no plano terrestre, como no Mundo dos Espíritos), o espírito vai adquirindo conhecimentos a pouco e pouco. Reencarna no planeta Terra dezenas ou milhares de vezes para esse fim. Se praticou erros, se prejudicou os semelhantes, a sua própria consciência o acusa, ao retornar ao Plano Espiritual.

No Mundo Espiritual a sua consciência se abre, recordando-se das vidas anteriores, inclusive dos fatos passados na sua última encarnação na Terra. Dir-se-ia que a sua morte é semelhante a um computador, igual aos que existem na sociedade terrena.

Solicita, então, aos Espíritos Superiores que lhe permita uma nova encarnação na Terra, para sanar ou corrigir os erros praticados.

Conforme esses erros ou os crimes praticados contra os seus semelhantes, o espírito, na Erraticidade, é atraído para locais de sofrimento, para o umbral, onde há prantos e ranger de dentes.

O merecimento do espírito (boas obras praticadas na Terra ou ajuda aos seus semelhantes) é que o levará para estações de refazimento espiritual, para locais de repouso, onde é ajudado pelos Instrutores Espirituais, no sentido de estabelecer novas diretrizes para o seu progresso.

ETERNIDADE

É necessário que compreendamos – todos nós, seres humanos – que somos espíritos imortais. A finalidade do espírito é progredir sempre, seja no plano intelectual, científico, religioso, artístico ou espiritual. Aperfeiçoar os seus conhecimentos, colaborar com os Obreiros do Senhor na ajuda aos espíritos sofredores, que são milhões em torno do nosso Planeta. Ou colaborar na própria sociedade terrena, aplicando os seus conhecimentos em favor da melhoria da vida no Planeta.

A nossa origem, não a sabemos; ela se perde na noite dos séculos ou dos milênios. Mas sabemos que somos eternos.

Cada um é responsável pelo seu progresso. Possuindo o livre-arbítrio, pode o ser humano praticar o bem ou o mal. Praticando o mal, terá que ressarcir os erros cometidos. Para isso, existe o mecanismo da reencarnação.

MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES

Existem mundos mais inferiores do que a Terra, como existem mundos superiores. A Terra é considerada um planeta de provas

e expiações, nas condições e na situação em que vivemos atualmente. Na sociedade terrena ainda predomina o mal: existe o bem, porém o mal ainda predomina (guerras entre os povos, assassinatos, crimes de toda espécie, doenças incuráveis, exploração do homem pelo homem, etc.).

Quando galgar mais uma etapa de progresso espiritual (desaparecimento das guerras, dos crimes nefandos, a cura de muitas doenças), ela será considerada um mundo de regeneração, onde predominará o bem.

A Terra, portanto, é uma escola para todos nós, seres humanos, aqui reencarnados. Quando o ser humano se despojar de todos os defeitos, tornar-se-á um espírito puro, então passará a viver em mundos superiores, onde, todavia, não ficará inerte, de braços cruzados. A obrado criador é imensa e o espírito terá maior campo de trabalho para colaborar com os Instrutores Espirituais.

REPETITIVOS

A preocupação de vocês quanto à repetição não se justifica. Inúmeros sábios, cientistas, artistas, reencarnaram ou reencarnam na Terra para trabalhar pelo seu progresso. Quem sabe? Talvez muitos sábios e cientistas vieram de Mundos Superiores para ajudar no progresso do nosso Planeta.

Não aparecem sábios e cientistas a toda hora. Os sábios e cientistas deixaram na Terra os seus ensinamentos, as suas luzes, que foram assimiladas e incorporados pelos seres humanos, os quais estão estratificados nas grandes bibliotecas.

A problema repetitivo não existe. O ser humano renasce, reencarna na Terra para aprender, para trabalhar, para corrigir erros, ou para colaborar com os seus conhecimentos para o progresso da sociedade terrena. Conforme o grau de sua evolução, se possui pouco conhecimento, deve ter paciência e compreender as suas limitações intelectuais. Isso não significa que deva ficar estacionário. Ao contrário, deve trabalhar, estudar, pesquisar, para adquirir novos conhecimentos, ou aperfeiçoar os que possui.

Meus filhos, não sei se consegui dissipar ou eliminar todas as dúvidas acerca da personalidade humana e da responsabilidade

de cada um pelo seu progresso, como espíritos imortais que todos nós somos – então, sugiro que anote, sucintamente, as dúvidas que restam, para que eu as examine e depois as responda.

O objetivo é transformar o vosso materialismo na compreensão das leis divinas do criador.

ADITAMENTO

Esqueci de mencionar a união dos sexos (masculino e feminino), que vai propiciar a formação e o desenvolvimento do feto no útero da mãe.

O organismo material fornecerá todo o alimento para a organização básica do aparelho físico, enquanto a forma reduzida do espírito, como vigoroso modelo, atuará como ímã entre limalhas de ferro, dando forma consistente à sua futura manifestação no cenário da Crosta (*Missionários da Luz* – III, pelo Espírito de André Luiz – p. 233).

A matéria que constitui o espírito é quintessenciada, diferente da matéria que forma o corpo da pessoa humana.

Após a união do elemento sexual masculino com a célula feminina, produzindo um pequenino núcleo de vida, a forma reduzida do espírito é ajustada sobre esse núcleo de vida, que vai propiciar o desenvolvimento do feto.

Na reencarnação, portanto, no ato ou após o ato da união sexual entre os cônjuges, o corpo espiritual do ser que vai reingressar no mundo terrestre é reduzido em proporções tais e ajustado ao núcleo de vida que se formou com a união dos sexos.

Desse modo, verifica-se que o espírito (ser humano desencarnado) já era preexistente na união sexual. Através daquela redução mencionada, o espírito (reduzido no seu tamanho) é ajustado no núcleo de vida que se forma no útero de mulher.

Ao presidente da República - A³⁹

RESPEITOSAMENTE INSISTIMOS PERANTE V. EXCIA. PARA SEDIAR UM REPRESENTANTE DO BNDES NA CAPITAL DE CADA ESTADO DO NORTE E NORDESTE CUJA FINALIDADE PRINCIPAL É FINANCIAR COM JUROS MÓDICOS PRODUÇÃO DAQUELES ESTADOS SOBRETUDO BENS E MERCADORIAS DESTINADOS EXPORTAÇÃO. SUGERIMOS MINISTÉRIO INDÚSTRIA E COMÉRCIO FAÇA LEVANTAMENTO EMPRESAS INDUSTRIAIS DAQUELA ÁREA QUE EXPORTEM PARA EXTERIOR E ACOMPANHE PRODUÇÃO DESSAS EMPRESAS OBJETIVANDO AUMENTO EXPORTAÇÃO. LEMBRAMOS RESPEITOSAMENTE AÇÃO INTELIGENTE DOS GOVERNOS MILITARES DE 64 QUE PROGRAMARAM AUMENTO PRODUÇÃO DE AÇO, CRIANDO VÁRIAS EMPRESAS QUE TRANSFORMARAM O BRASIL EM GRANDE PRODUTOR DE AÇO. RECEITA EXPORTAÇÃO REPRESENTA PRINCIPAL ITEM NA VIDA DOS ESTADOS DA FEDERAÇÃO E POR ISSO DEVE SER INCENTIVADA PERMANENTEMENTE PELO GOVERNO FEDERAL. SAUDAÇÕES ATENCIOSAS.

39. Fax ECT enviado ao presidente FHC, em 13.08.98, cuja resposta veio em forma de carta assinada pelo Sr. Hélio Hermeto Filho, superintendente de Relações Institucionais do BNDES, de 20.10.98, com o seguinte teor: "A propósito de sua carta de 13.08.98, endereçada ao excelentíssimo Senhor presidente da República, venho informar que o BNDES possui escritórios em Balém, Pará, na Av. Presidente Vargas, 800/1007, CEP 66170-700, Tel. (091) 216-3540, sob a responsabilidade da gerente Maria de Fátima Torres Queiroz, e em Recife, Pernambuco, Rua Antônio Lumack do Monte, 96/6.º andar, CEP 51020-350, Tel. (081) 465-7222, chefiado por Ajalmar Leite da Silva, ambos habilitados a atender e/ou encaminhar aos setores competentes do banco todos os tipos de financiamento ou consultas de interesse de empresários. Importa destacar que o BNDES opera através de uma vasta rede de agentes financeiros de modo a obter maior capilaridade na sua atuação. Hoje seria incompatível com a realidade do País a abertura de novos escritórios em razão do aumento de custos e a necessidade do Governo Federal de cortar gastos. Atenciosamente".

Ao superintendente de Relações Institucionais do BNDES⁴⁰

Acuso recebimento da carta de V. Sa., de 9/10/98. Fico altamente honrado com a atenção do Excelentíssimo Senhor Presidente da República e de V. Sa.

Permita-me aduzir algumas considerações. Há pouco tempo, o BNDES operava quase exclusivamente nos Estados do Sul e Sudeste. O Brasil possui imenso território. As distâncias dificultam o entendimento direto com o BNDES. É justo que o BNDES fique perto das empresas ou dos empresários, porque se trata de uma providência que visa maior produção de bens ou mercadorias, o que implica no próprio progresso do nosso País. É um trabalho patriótico.

As empresas produtoras de bens e mercadorias, destinadas ou não à exportação, estabelecidas nos Estados do NORTE e NORDESTE, especialmente do Norte, em muitos casos, precisam de financiamento de maior porte. Os bancos locais nem sempre têm condições para conceder empréstimos a curto e em longo prazo, a juros módicos.

Temos de convir que o BNDES não é um banco privado. É um banco estatal, com a finalidade de promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Durante mais de 12 meses, desde o governo Collor, até agora, a balança comercial do Brasil tem sido sempre deficitária: o valor

40. Carta endereçada ao Sr. Hélio Hermeto Filho, em 20.10.98.

das importações sempre foi maior que o valor das exportações. E os nossos dirigentes, lamentavelmente, só agora se dignaram enfrentar o problema.

É claro que os Estados que formam a Federação são os que produzem Receita, exportando para o exterior bens e mercadorias. A produção desses Estados (Norte e Nordeste) deve ser examinada detidamente pelos órgãos técnicos do Governo Federal, com o objetivo de ajudar os empresários, sobretudo dos que exportam para o exterior.

Para instalação desses escritórios, o governador de cada Estado forneceria uma ou duas salas, nas capitais, com espaço suficiente, e um ou dois funcionários do próprio estado para a execução do serviço, ficando por sua conta as despesas de água, luz e telefone. O BNDES não teria despesa com esses escritórios. Faria apenas os financiamentos aos empresários interessados, de acordo com as suas normas técnicas e legais. Os funcionários seriam treinados pelo BNDES, no Rio de Janeiro ou Brasília.

Repito: seria um trabalho patriótico do BNDES. A finalidade é não só aumentar a produção dos Estados (Norte e Nordeste), mas, principalmente, aumentar as exportações. São os Estados que produzem e exportam para o exterior.

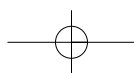
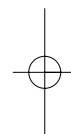
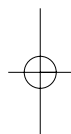
Seriam instalados escritórios do BNDES nas capitais: Manaus (AM), Porto Velho (Rondônia), Terezina (Piauí), São Luís (Maranhão), Maceió (AL), Aracaju (Sergipe), Natal (Rio Grande do Norte), Fortaleza (Ceará). O escritório de Porto Velho atenderia os pedidos das capitais: Boa Vista (Roraima) e Rio Branco (Acre).

Apesar da recessão que avassala o nosso País, entendo que os governadores ficariam alegres e concordariam, de imediato, com a abertura dos escritórios do BNDES na capital de cada Estado (Norte e Nordeste), correndo as respectivas despesas por sua conta, cabendo ao BNDES apenas os financiamentos aos empresários.

Sendo possível, peço que me convide para a inauguração do escritório de Manaus.⁴¹

41. Sabe-se que ainda no governo FHC, a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM) albergou Escritório do BNDES em Manaus..

Agradecendo a boa vontade de V. Sa., valho-me do ensejo para apresentar-lhe os meus protestos de estima e apreço.



Ao ministro da Economia⁴²

Tomamos a liberdade de enviar telegrama a V. Excia., nesta data, exortando-o a extinguir a Taxa Referencial Diária, que se tornou um peso excessivo para as empresas e contribuintes em geral, que atrasam o recebimento de impostos à Receita Federal ou a contribuição para o INSS.

Na verdade, é preciso que é a minoria dos contribuintes que deixa de recolher em dia os tributos devidos. Contudo, deixa de recolher em dia porque, muitas vezes, não dispõe de recursos suficientes no momento.

O Tesouro Nacional, nem o INSS, funcionam à custa de multas, especialmente multas pesadas, como acontece com a TRD.

A receita deve ser constituída dos tributos e contribuições normais, como bem sabe V. Excia. As multas representam uma penalidade para os que se atrasam. Mas, essa penalidade não deve ser escorchante, como está acontecendo. Em lugar de ajudar, promover o progresso do País, o Governo Federal, com esse sistema escorchante de multas, prejudica milhares de empresas, especialmente as pequenas empresas, dificultando as operações comerciais, e, mais do que isso, contribuindo para o alto custo de vida.

42. Carta enviado em 4.9.91, ministro Marcelo Marques Moreira, cuja resposta veio em forma de carta assinada pelo Sra. Mirna Maria de Souza, chefe de Gabinete, de 20.9.91, com o seguinte teor: "Por determinação do Exmo. Sr. ministro e solicitação do secretário Roberto Macedo, agradecemos a colaboração e comunicamos que as sugestões de V. Sa. Passaram a integrar o acervo técnico desta Secretaria. Aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Sa. nossos protestos de elevada estima e consideração".

Examine V. Excia. o peso da célebre TRD e verificará que as nossas considerações têm razão de ser.

Juntamos xerox da guia de contribuições de uma empresa sediada em Manaus, referente ao mês de DEZEMBRO/90, cujo pagamento só pode ser feito e, 31.07.91 por motivo de dificuldade financeira.

O valor total das contribuições foi de Cr\$ 167.607,24. O acréscimo das penalidades foi de:

TRD (substituiu a Corr. Monetária)	165.265,42
Juros de mora	23.301,09
Multa	33.287,27
<hr/>	
Total CR\$	221.853,78
	= 132,37%

Veja: 132,37% de multas!! Por que tamanha penalidade? No sistema anterior, a empresa pagaria 20% de multa, que corresponderia a Cr\$ 33.521,45 e os juros de mora, de Cr\$ 23.301,09.

O Governo Federal deve reduzir, com urgência, o valor dessas penalidades. Aliás, a solução é extinguir totalmente a famigerada TRD, triste herança da equipe econômica da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, e voltar ao sistema anterior.

Entendemos também que a Correção Monetária deve ser eliminada. O Tesouro Nacional tem de contar com os tributos e contribuições normais, e não com as multas.

O caso que ora se examina, no âmbito do INSS, aplica-se, do mesmo modo, aos impostos em geral devidos a Fazenda nacional.

Se V. Excia. aprofundar o assunto, verá que essas multas contribuem, em boa parte, para o aumento do custo de vida.

Aceite V. Excia. as expressões mais altas do nosso respeito e do nosso apreço.

Ao Ministério da Fazenda aos cuidados da Secretaria de Administração Geral – A⁴³

TOMAMOS LIBERDADE SUGERIR RESPEITOSAMENTE A V. EXCIA. EXTINÇÃO IMEDIATA CORREÇÃO MONETÁRIA QUE IMPLICA AUMENTO ABSURDO SOBRE VALOR DÍVIDA PRINCIPAL, OCASIONANDO TRANSTORNO FINANCEIRO ÀS EMPRESAS DEVEDORAS. PENALIDADE ABSURDA QUE ONERA CUSTOS OPERACIONAIS DAS EMPRESAS E CONSEQÜENTEMENTE SE TORNA GRANDE FATOR INFLACIONÁRIO. DEVE VIGORAR SISTEMA ANTIGO QUE ESTABELECE JUROS MORATÓRIOS E MULTA. V. EXCIA. PRESTARÁ GRANDE SERVIÇO AO BRASIL EXTINGUINDO ESSA PENALIDADE ABSURDA, INCLUSIVE CONCEDENDO AMPLA ANISTIA A TODOS OS DEVEDORES DA UNIÃO FEDERAL QUE TENHAM CONTRIBUIÇÕES OU IMPOSTOS A PAGAR ATRASADOS ATÉ 31 DEZEMBRO 92. RECEITA FEDERAL ARRECADARÁ BILHÕES E TALVEZ TRILHÕES QUE ENTRARÃO PARA TESOURO NACIONAL. V. EXCIA. CONTRIBUIRÁ DESSA FORMA PARA MELHORAR E DINAMIZAR NEGÓCIOS DOS EMPRESÁRIOS E CONTRIBUINTES BRASILEIROS QUE VIVEM MASSA-CRADOS COM PESO EXCESSIVO DOS IMPOSTOS, REFLETINDO-SE AUTOMATICAMENTE SOBRE PREÇOS EM GERAL, ESPECIALMENTE NOS GÊNEROS PRIMEIRA NE-CESSIDADE. SAUDAÇÕES ATENCIOSAS.

43. Fax ECT enviado ao Ministro Fernando Henrique Cardoso, em 4.6.93.

Ao Ministério da Fazenda aos cuidados da Secretaria de Administração Geral – B⁴⁴

ACEITE V. EXCIA. NOSSAS FELICITAÇÕES PELA CORAGEM E COMPETÊNCIA DEMONSTRADAS NA ARTICULAÇÃO PLANO QUE PRETENDE COLOCAR O BRASIL NOS TRILHOS. RESPEITOSAMENTE LEMBRAMOS NOSSO FAX DE 4 DESTE MÊS. REITERAMOS SUGESTÃO EX-TINÇÃO IMEDIATA CORREÇÃO MONETÁRIA, PENALIDADE ABSURDA E PESADÍSSIMA IMPEDE PAGAMENTO REGULAR DÉBITOS EM ATRASO. DATA VÊNIA ENTENDEMOS V. EXCIA. PODERÁ CONCEDER ANISTIA GERAL, ELIMINANDO CORREÇÃO MONETÁRIA, CONTRIBUINDO DESSA FORMA PARA AJUDAR EMPRESAS DEVEDORAS. NEM TODAS EMPRESAS PODEM PAGAR EM DIA SEUS COMPROMISSOS, FATO NATURAL OCORRENTE EM QUALQUER PAÍS CIVILIZADO. GOVERNO NÃO DEVE POR ISSO ESTABELE-CER PENALIDADES ESCORCHANTES COMO ACONTECE CORREÇÃO MONETÁRIA, INVIABILIZANDO DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS E MUITAS VEZES OBRIGANDO EMPRESAS FECHAREM SUAS PORTAS. CORREÇÃO MONETÁRIA LEMBRA IMPÉRIO ROMANO QUANDO FIXAVA PESADOS TRIBUTOS AOS POVOS VENCIDOS. GOVERNO BRASILEIRO EM LUGAR DE AJUDAR CRIA PERMANENTE SITUAÇÃO DE ANTAGONISMO COM AS CLASSES EMPRESARIAIS. SAUDAÇÕES ATENCIOSAS.⁴⁵

44. Fax ECT enviado ao Ministro Fernando Henrique Cardoso, em 25.6.93.

45. Sabe-se que a correção monetária foi extinta no governo do presidente FHC.

Ao presidente da República – B⁴⁶

Durante a campanha para sua eleição, V. Excia. afirmou, mais de uma vez, que acolheria, no Palácio do Planalto, qualquer sugestão que fosse útil do País.

Tomamos a liberdade, respeitosamente, de abordar agora um problema da mais alta importância para o Brasil, tal seja a auto-suficiência de petróleo.⁴⁷

Bem sabe V. Excia., há cerca de 30 ou 40 anos, mais ou menos, esteve no Brasil o engenheiro americano, Mr. LINK, que, após percorrer vários trechos do território nacional, declarou que não havia petróleo no Brasil. Esta ocorrência histórica pode ser confirmada pela Petrobras.

Criou-se a Petrobras com muita dificuldade e muitas lutas políticas. Hoje, a Petrobras produz cerca de 60% do consumo nacional de petróleo. Em face de todo esse passado de lutas, não se justificaria pensar em privatização da Empresa, hipótese esta em boa hora descartada por V. Excia., conforme publicação nos jornais.⁴⁸

Por que a Petrobras não aumenta as suas pesquisas para descoberta de novos poços de petróleo, com o objetivo de tornar o

46. Carta enviada ao presidente Collor, em 13.03.91. Não encontramos nos arquivos do Botelho qualquer manifestação da Presidência da República.

47. A auto-suficiência foi atingida ontem e festejada hoje, dia 21.04.06, dia em que o Brasil comemora a simbologia da liberdade em Tiradentes. Bons sinais para o futuro nacional.

48. A Petrobras, como se sabe, sobreviveu ao programa de privatização dos anos noventa.

Brasil auto-suficiente, e, em seguida, exportar petróleo, como fazem a Venezuela e o México? Por que?

Existiria um trabalho de sapa, levado a efeito pelas multinacionais estrangeiras, para estancar a expansão da Petrobras, visando, inclusive, a privatização da Empresa? Tudo é possível, senhor Presidente, considerando-se os interesses das grandes potências imperialistas.

Faz pouco tempo, a ex-primeira-ministra da Inglaterra, Margareth Thatcher, quando no exercício do cargo, sugeriu que o Brasil liqui-dasse a dívida externa negociando com as terras da Amazônia. A imprensa noticiou essa declaração?

Na região do rio Juruá, no Estado do Amazonas, foram descobertas recentemente imensas jazidas de petróleo. A Petrobras já produz, naquela área 9.000 a 12.000 barris/dia de petróleo, conforme informações dadas à imprensa⁴⁹

Se foram descobertas imensas jazidas de petróleo do Rio Juruá, por que a Petrobras não amplia a exploração, perfurando novos poços?

Existe em Manaus, capital do Estado do Amazonas, uma refinaria de petróleo, que poderá ser ampliada para receber todo esse petróleo do rio Juruá. A refinaria de Manaus abastecerá o Norte e o Nordeste do Brasil, e, ainda, poderá exportar para o Exterior.

Quando foram descobertas as jazidas em apreço, houve um noticiário retumbante na imprensa nacional, falando-se até em oleoduto para levar o petróleo daquela região para São Paulo, hipótese esta absurda diante da existência de uma refinaria em Manaus.

Há cerca de três anos, soubemos, através de um amigo ligado a um funcionário da Petrobras, que o então presidente da empresa, Dr. Osires Silva (atual ministro de Infra-Estrutura), apresentara ao presidente da República, Dr. José Sarney, um plano pormenorizado para tornar a Petrobras auto-suficiente em petróleo. O plano foi encaminhado ao ministro da Fazenda, Dr. Maílson da

49. Recortes de jornais foram encontrados nos arquivos do Botelhão, tanto quanto a essa, quanto a qualquer outra informação adotada em seus escritos. Todas selecionadas junto às respectivas manifestações.

Nóbrega, para estudos, que o engavetou. Não sabemos se essa versão é a correta.

Não se justifica que, existindo tantos campos de petróleo no Brasil, já descobertos pela Petrobras, continue a empresa nesse marasmo, sem tomar uma decisão definitiva para alcançar a auto-suficiência.

É uma atitude até antipatriótica, considerando-se o volume de dólares que a empresa despende com a importação de petróleo, para atender as necessidades básicas do País.

Sem dúvida, devem ser adquiridos novos equipamentos para que seja realizada essa expansão da Petrobras, rumo à auto-suficiência e à exportação de petróleo.

E o que se diz, o que se fala, é que a empresa não possui recursos para essa expansão.

Respeitosamente, propomos a V. Excia. o estudo das seguintes providências:

- a) Visita de V. Excia. aos campos de petróleo do rio Juruá, acompanhado do Dr. OSIRES SILVA, a fim de V. Excia. aquiratar pessoalmente do trabalho já realizado e determinar estudos urgentes para a expansão das perfurações, com vistas ao aumento da produção;
- b) Nesses estudos, a Petrobras deverá discriminar a equipamento a ser adquirido, com o respectivo preço de custo, bem como fixar a previsão dos gastos com pessoal, no caso de aumento de mão-de-obra;
- c) Nesses estudos, a Petrobras deverá prever, também, dentro do possível, o tempo que levará (2, 4 ou 5 anos) para dobrar, triplicar, quadruplicar e quintuplicar a produção diária dos novos poços de petróleo.

Para atender aos investimentos que serão necessários (aquisição de novos equipamentos) poderá a empresa lançar, dentro do País, um empréstimo em forma de "Debêntures", resgatável em cinco anos, por exemplo.

Imaginemos uma emissão de cem milhões de "Debêntures", com valor unitário de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros). Teríamos o

montante de DUZENTOS BILHÕES DE CRUZEIROS (Cr\$ 200.000.000.000,00), que corresponderia a cerca de dez milhões de dólares.

A emissão das “Debêntures” não ocasionaria qualquer impacto sobre a inflação, de vez que o dinheiro é do próprio povo brasileiro, já em circulação.⁵⁰

É indispensável que a Petrobras preveja naqueles estudos;

- a) o tempo (dois, quatro ou cinco anos) para a nova produção de petróleo;
- b) a quantidade de petróleo que conseguirá produzir (barris);
- c) o valor dessa nova produção, em Cr\$ ou dólar;

Temos a certeza que as “Debêntures” serão totalmente absorvidas pela classe média e pelo empresariado brasileiro, pois que a Petrobras possui enorme prestígio em todo território nacional.

Tem havido notícias na imprensa que, em alguns pontos, desfiguram a importância da Empresa, esquecendo-se os críticos do papel que representa, como sustentáculo mais forte da economia brasileira.

Na caso de não atender o empréstimo (Debêntures) à totalidade dos novos investimentos, o Banco Central poderá ajudar a Petrobras. Essa ajuda será em forma de empréstimo (dólar) e deverá ser pago pela empresa através do aumento da sua produção nos campos do rio Juruá.

Não haverá necessidade de empréstimo externo para a expansão da Petrobras. O aumento substancial da produção do rio Juruá, que poderá ser quintuplicado, será suficiente para liquidação das “Debêntures” e do empréstimo do Banco Central.

Conseguindo V. Excia. que a Petrobras organize esse plano de expansão, é imperioso, enquanto estiver no Governo, que V. Excia. acompanhe atentamente os trabalhos da empresa, colimando aquele objetivo, porque a auto-suficiência do petróleo libertará o

50. Programa equivalente foi adotado pelo Governo Federal, salvo engano, na administração FHC, quando disponibilizou a compra de ações da Petrobras por trabalhadores com recursos aplicados no FGTS.

Brasil de um enorme dispêndio de dólares. E permitirá, talvez, com a exportação de petróleo, iniciar o Governo brasileiro o pagamento da nossa dívida externa.⁵¹A nosso ver, será esse o maior acontecimento do governo de V. Excia.

Aceite, senhor presidente, as expressões mais altas do nosso apreço.

51. Hoje, além dessa perspectiva estratégica, o Brasil dispõe ainda da oportunidade histórica de sair à frente e/ou juntos com outros Estados nacionais relativamente ao desenvolvimento de tecnologias limpas para geração de energia (biodiesel), dando concretude à lógica da sustentabilidade ecológico-ambiental, especialmente junto ao contexto da Amazônia.

Ao senador da República⁵²

Recentemente, tomamos a liberdade de nos dirigir a V. Excia. com o seguinte telegrama:

COMO BRASILEIRO TOMO LIBERDADE DE SUGERIR A V. EXCIA. CRIAÇÃO COMISSÃO PARLAMENTAR INQUÉRITO PARA INVESTIGAR URGENTEMENTE JUNTO PETROBRAS MOTIVOS POR QUE NÃO ATINGE AUTO-SUFICIÊNCIA QUANDO JÁ PRODUZ SESENTA POR CENTO NECESSIDADES NACIONAIS. IMPRENSA NOTICIOU DESEJO GOVERNO ALTERAR CONSTITUIÇÃO PARA EXTINGUIR MONOPÓLIO ESTATAL. TAL PROCEDIMENTO ANTIPATRIÓTICO SIGNIFICA ENTREGA RIQUEZA PETROLÍFERA NAS MÃOS DAS MULTINACIONAIS ESTRANGEIRAS. SAUDAÇÕES CORDIAIS.

Aproveitamos, agora, para remeter-lhe xerox da carta que dirigimos, em 13/03/91, ao Exmo. Sr. presidente da República, abordando o problema do petróleo, bem como recorte do jornal *A Crítica*, de 15/05/91, de Manaus, dando notícias sobre a produção de petróleo no rio Urucu, no Estado do Amazonas.

De acordo com a informação da Superintendência da Refinaria de Manaus, a região de Urucu já produz 6.000 barris de petróleo, diariamente.

Entendemos que deve ser preocupação máxima do Governo federal, e também do Congresso Nacional, expandir cada vez mais

52. Carta enviada ao senador Darcy Ribeiro, em 20.05.91. Não encontramos nos arquivos do Botelhão qualquer manifestação desse senador.

as pesquisas da Petrobras, com o objetivo de atingir, a curto prazo, a auto-suficiência, e, em seguida, exportar petróleo.

Com a auto-suficiência, o Brasil deixará de gastar quantos bilhões de dólares por ano?

É, a nosso ver, um problema crucial. Com a auto-suficiência, o Brasil obterá a sua emancipação econômica. E poderá, com mais facilidade, iniciar o pagamento da sua dívida externa.

Tomamos a liberdade de nos dirigir a V. Excia. porque o senador, pelas nossas observações, é nacionalista (...não é entreguista), ligado, direta ou indiretamente, com os ideais do ex-presidente VARGAS, em cujo governo foi criada a Petrobras.

Parece-nos que já era tempo de ter a Petrobras atingido a auto-suficiência. Pode haver um trabalho subterrâneo das multinacionais estrangeiras para dificultar ou estancar a produção da Petrobras, com a finalidade de quebrar o monopólio estatal e tomarem conta dessa riqueza do País.

Sugerimos a V. Excia. a criação da CPI pelo Senado com o objetivo de examinar detidamente os trabalhos de produção atuais da empresa, visitando todos os poços de petróleo que estão produzindo; verificar os planos de expansão da empresa; quais as metas a serem alcançadas a curto prazo. Faltam recursos? Propusemos a emissão de "Debêntures", através de cujo empréstimo a empresa conseguirá mais de 200 bilhões de cruzeiros dentro do País. A Petrobras goza de grande prestígio no território brasileiro. Conseguirá, facilmente, através do empréstimo, os recursos necessários para a aquisição de novos equipamentos.

A CPI deve ser permanente e dinâmica. Deve acompanhar, passo a passo, as atividades da Petrobras, até que haja atingido a auto-suficiência.

Independentemente da constituição da CPI, da qual V. Excia. certamente fará parte, propomos a V. Excia. que visite os campos de Urucu, no Estado do Amazonas, bem como a refinaria de petróleo, em Manaus, a qual poderá ser ampliada, com o escopo de ver de perto as potencialidades do petróleo no nosso Estado.

Considere, senador, a transcendência do petróleo, nas suas implicações nacionais e internacionais. Nos países árabes, há um Ministério especial somente para o petróleo.

Finalmente, esclarecemos a V. Excia. que não desejamos qualquer publicidade. Já exercemos as profissões de contador e advogado. Gozamos agora de aposentadoria, cujos proventos nos permitem uma vida tranqüila, sem problemas.

Contudo, se a presente carta obtiver êxito, gostaríamos de ter conhecimento sobre a criação da CPI e o seu funcionamento.

Entendemos, ainda, que os trabalhos da CPI deverão ser sigilosos, isto é, sem repasse de informações para a imprensa ou para o público, tendo em vista a magnitude do problema do petróleo.

Aceite V. Excia. os nossos agradecimentos pela atenção que dispensar ao assunto e os nossos protestos de elevado apreço.

Ao Comandante Militar da Amazônia⁵³

Tomamos a liberdade de enviar um telegrama a V. Excia., em data de 1/08/91⁵⁴, sugerindo os bons ofícios desse Comando junto à Presidência da República no sentido de evitar a redução ou paralisação das pesquisas da Petrobras no Amazonas.

Neste momento, abusando de boa vontade de V. Excia., juntamos xerox da carta que dirigimos ao Exmo. Sr. Presidente da república, em 13/03/91, tratando do assunto da produção da Petrobras.

Como sabe V. Excia. o petróleo é um produto estratégico, e, portanto, relacionado com a segurança nacional. Os Estados Unidos da América do Norte, ao longo dos anos, efetuaram prudentemente enormes reservas de petróleo, justamente para ficarem a salvo de problemas com o abastecimento futuro.

Entendemos que, no mundo atual, com tantas disputas entre as Nações, o Brasil não pode continuar a “dormir em berço esplêndido”. Precisa olhar para as suas riquezas naturais e explorá-las com urgência, antes que as potências imperialistas

53. Carta enviada ao general Antenor de Santa Cruz Abreu, em 30.08.91. Não encontramos nos arquivos do Botelho qualquer manifestação do CMA.

54. Seu teor foi o seguinte:

RESPEITOSAMENTE TOMAMOS LIBERDADE SUGERIR BONS OFÍCIOS V. EXCIA. JUNTO PRESIDENTE REPÚBLICA SENTIDO EVITAR REDUÇÃO OU PARALIZAÇÃO PESQUISAS DA PETROBRAS NO AMAZONAS. ESTE FATO PODE SIGNIFICAR PENETRAÇÃO MULTINACIONAIS ESTRANGEIRAS DESEJAM TOMAR CONTA NOSSO PETRÓLEO. POÇOS RIO URUCU JÁ PRODUZEM DEZ MIL BARRIS DIÁRIOS. SOMENTE EXÉRCITO BRASILEIRO COM SUA FORÇA E PATRIOTISMO PODERÁ EVITAR A INTERNACIONALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA E ENTREGA NOSSAS RIQUEZAS MINERIAS ÀS POTÊNCIAS IMPERIALISTAS. SAUDAÇÕES.

queiram tomar conta da Amazônia, que representa dois terços do território nacional.

Entendemos, ainda, que cabe às Forças Armadas do Brasil, especialmente ao Exército, examinar esses problemas que dizem respeito mais de perto à Segurança Nacional e influir, com firme decisão, junto à Presidência da República e ao Congresso Nacional, para que uma solução mais rápida e correta dos problemas.

A nosso ver, o Exército não deve ser apenas um guardião do País contra possíveis invasões do nosso Território. Deve estudar os problemas mais graves da nacionalidade, relacionados com a segurança nacional, e indicar soluções ao presidente da República. Indicar e exigir soluções imediatas, de curto prazo.

Dentro desse raciocínio, são de relevante importância:

- I. A auto-suficiência de petróleo em curto prazo, podendo o Brasil, inclusive, exportar petróleo, quando atingir a auto-suficiência;
- II. A exploração das riquezas da Amazônia Legal, cuja extensão representa dois terços do território brasileiro.

Com referência ao primeiro item, importa verificar quais as dificuldades da Petrobras para o aumento da produção, para conseguir a auto-suficiência. Selecionar essas dificuldades. Acompanhar permanentemente, os trabalhos de produção da empresa, durante dois, três, quatro anos, até ser obtida a auto-suficiência.

O Exército possui uma elite de oficiais do mais alto gabarito. É fácil, para V. Excia., formar um grupo de oficiais competentes e íntegros, para realizar esse trabalho de acompanhamento dos trabalhos da Petrobras, especialmente as programadas para o Estado do Amazonas. É claro que o Senhor presidente da República deve aprovar essa iniciativa do Exército.

Com referência ao segundo item, solicitamos a preciosa atenção de V. Excia. para a extensão territorial dos Estados e Territórios que compõem a Amazônia Legal.

O território dos Estados Unidos da América do Norte está dividido em cerca de cinquenta Estados. A população desse País é de 250 milhões de habitantes. O território desse País é um pouco

maior que o do Brasil. O Brasil possui 120 milhões de habitantes e é constituído apenas por 25 unidades federativas (Estados e Territórios).

Imaginamos que o Comando Militar da Amazônia abrange os Estados do Amazonas, Pará, Território do Amapá, Rondônia e Roraima. Fala-se nas riquezas imensas que existem não só no Estado do Amazonas, como no Território de Roraima (ouro, pedras preciosas e minério para energia nuclear).

Sempre houve cobiça internacional pela Amazônia. O território do Estado do Amazonas é o maior, em relação às demais unidades da Amazônia Legal. Mesmo com grandes recursos financeiros, o Governo do Estado não teria condições de atender e desenvolver todas as áreas, de grandes dimensões, em virtude das enormes distâncias que separam Manaus dos municípios do interior.

É oportuno lembrar que os territórios do atual Estado de Rondônia e do Território Federal de Roraima pertenciam ao Estado do Amazonas.

O Território de Rondônia, posteriormente transformado em Estado, obteve um ponderável surto de progresso, com e após a gestão do Cel. Jorge Teixeira, que realizou ali um trabalho magnífico, e, mais do que isso, patriótico, louvado por todos os habitantes da Área. Se o território desse Estado estivesse ainda sob a jurisdição do Estado do Amazonas, é indubitável que não teria o desenvolvimento que apresenta hoje.

O imenso e rico território do Estado do Amazonas pode ser dividido até em cinco novas unidades administrativas.

Foi apresentado ao Congresso Nacional, pelo então deputado federal pelo Amazonas, Dr. Vivaldo Frota, em data que não fixamos, um projeto de criação do Território do Rio Negro. Ao que parece, o projeto não foi sancionado pelo presidente da República, na época o Gen. João Figueiredo. É sabido que existe uma variedade de riquezas minerais naquela área.

Além desse projeto, existem estudos feitos pelo general Jordão Ramos, então comandante Militar da Amazônia, na época divulgados pela imprensa de Manaus, que, sem dúvida, foram apresentados ao presidente da República ou ao Conselho de Segurança Nacional.

No arquivo do Comando Militar da Amazônia deve constar um “dossiê” referente a esses estudos.

Sem dúvida, é imperioso que haja um estudo prévio das riquezas florestais e minerais dos futuros Territórios ou Departamentos. É indispensável um planejamento prévio, de maneira que os gastos de instalação sejam mais reduzidos. O Exército pode fixar (isto é, o grupo de oficiais designados para esse mister por V. Excia.) as linhas-mestras do planejamento. Podendo criar, em lugar da figura tradicional do Território, um Departamento para o rio Negro e um Departamento para o rio Juruá.

A figura jurídica de Departamento pode ser estudada e fixada pelo procurador-geral da República. A vantagem do Departamento é que as despesas com a implantação e o funcionamento serão muito menores.

O Departamento, em linhas gerais, teria os seguintes órgãos:

- I. Departamento administrativo;
- II. Corpo de Segurança, constituído exclusivamente de soldados do Exército (pelos soldados da selva);
- III. Exatoria Fiscal (subordinada à Receita Federal).

O governador ao administrador do departamento deverá ser um oficial do exército. Se optarem pela figura jurídica do TERRITÓRIO, o governador deverá ser também oficial do Exército.

Entendemos que o Comando Militar da Amazônia deve organizar e dirigir os trabalhos dos Territórios os Departamentos, desde o assentamento das famílias e dos trabalhadores, construção de casas apropriadas (que podem ser de madeira), até o desenvolvimento da produção ou exploração das riquezas naturais, que forem programadas. Entendemos que, de início, deve ser iniciada a produção de gênero alimentício (arroz, feijão, farinha, verduras e frutas), que servirão para o abastecimento local, e, em seguida, para venda a outros municípios. Chegará o dia em que o Departamento produza a renda suficiente para cobrir as suas despesas. Esta será a meta principal.

O aspecto econômico da exploração das riquezas é primordial. O Governo Federal possui especialistas de alto nível, nas áreas da

Administração Pública, Agricultura, Minas e Energia, cuja colaboração pode ser solicitada pelo Comando Militar da Amazônia.

A mão-de-obra é fácil de adquirir. Existem em Manaus dezenas de trabalhadores braçais desempregados. As inúmeras moradias de madeira construídas pelos próprios interessados (mutirão organizado pelo ex-governador Amazonino Mendes), nas áreas circunvizinhas à Cidade Nova, representa um reduto de gente pobre, lutadora, que pode ser aproveitada.

TRABALHO PATRIÓTICO

Na presente conjuntura nacional, entendemos que o Comando Militar da Amazônia não pode continuar estático, olhando os acontecimentos, ou à espera de um fictício ataque do Exterior. Deve ser, em primeiro plano, um organizador, um arquiteto de projetos, com vistas ao povoamento e ao progresso das inúmeras áreas vazias, que constituem a Amazônia.

O Comando Militar da Amazônia possui o batalhão de “soldados da selva”. É notória a sua experiência da selva amazônica. Quem melhor do que o CMA poderá organizar e dirigir os Departamentos ou Territórios, que serão criados pelo Governo Federal para a colonização das principais áreas da Amazônia?

A propósito da Petrobras, o ideal será que o CMA solicite ao presidente da República a nomeação de um oficial do Exército, competente e íntegro, para a presidência da empresa, porque assim poderá estabelecer um plano, a fim de, a curto prazo, dobrar a produção de petróleo, tornando o Brasil auto-suficiente.

NOSSAS CREDENCIAIS

Exercemos a profissão de contador e advogado. Exercemos, ao tempo da SPVEA, as funções de auditor-contábil, com sede em Manaus. Ao longo dos anos que passamos na SPVEA, tivemos a oportunidade de observar os vários problemas que entravam ou dificultam um maior progresso para o Estado do Amazonas. estamos, agora, em gozo de aposentadoria, cujos proventos nos permitem uma vida tranqüila. Longe de nós, portanto, qualquer

interesse subalterno nas sugestões que temos a honra de apresentar a V. Excia. Nosso interesse é o de milhões de brasileiros que desejam ver o Brasil sair desse marasmo e das dificuldades que o assolam a toda hora.

CONCLUSÃO

Aceite V. Excia. os protestos de nosso mais alto apreço. Que as nossas sugestões possam ser aproveitadas pelo Comando Militar da Amazônia, é o que desejamos.

À Ministra da Economia⁵⁵

Tomamos a liberdade de apresentar a V. Excia. algumas sugestões, que talvez sejam úteis ao governo do presidente Collor.

Trata-se dos financiamentos que são concedidos pela Caixa Econômica Federal às empresas imobiliárias, em todo Brasil.

Fala-se do “déficit” habitacional, e, crise de habitação. Entendemos que há falta de habitação para as pessoas que ganham pequenos salários, digamos de a 1 a 5 salários mínimos, ou de 1 a 10 salários mínimos mensais.⁵⁶

Mas não há para aquelas pessoas que ganham bons salários.

Se V. Excia. examinar os anúncios em jornais de todas as capitais do Brasil, verificará que há sempre dezenas e dezenas de ofertas no setor imobiliário, seja para aluguel, seja para venda dos apartamentos e casas residenciais.

Os preços de aluguéis e da venda de apartamentos não baixam: sobem sempre, continuamente. Existe uma grande especulação imobiliária, que, no nosso ver, influi sobremaneira nos custos de vida dos brasileiros, de modo especial no daqueles de pouca renda.

Essa especulação imobiliária nos parece muito antiga, vem de longe. As empresas e construtoras imobiliárias enriquecem cada

55. Carta enviada a ministra Zélia Cardoso de Melo, em 26.10.90. Não encontramos nos arquivos do Botelho qualquer manifestação do Ministério da Economia.

56. Botelho dizia a este Organizador nas conversas, que voltaria à Terra numa outra encarnação como ministro da Habitação do Brasil para resolver o problema da falta de moradia para famílias de baixa renda.

vez mais e contribuem, cada ano, para que os preços dos apartamentos subam continuamente.

A nosso ver, o "pivot" da questão é o financiamento concedido pela Caixa Econômica Federal. Pode-se verificar, facilmente, a plethora de construção de arranha-céus em todas as capitais do nosso País. As empresas construtoras não dispõem de recursos para construir, com capital próprio, prédios de 10, 15 ou 30 andares. Onde vão buscar os recursos? Na Caixa Econômica Federal?

De onde retira a Caixa Econômica Federal os recursos? Retirados da sociedade brasileira, é óbvio: por via dos juros acumulados e das prestações pagas, por via dos depósitos do FGTS (dos empregados), por via de créditos ou transferências de numerário do próprio Tesouro Nacional.

Quantos bilhões de cruzeiros são entregues anualmente às empresas construtoras, em todo Brasil, pela Caixa Econômica Federal? Seria de grande importância uma verificação nesse sentido.

Respeitosamente, propomos a V. Excia. as seguintes medidas:

- I. Fornecimento pela Caixa Econômica Federal ao Ministério da Economia de uma relação contendo o montante dos recursos (Receita), que contabilizou nos anos de 1989 e 1990, especificando os valores de cada rubrica de receita (juros, amortização de empréstimos, FGTS, correção monetária, suprimentos do Tesouro Nacional, eventuais, etc.).
- II. Fornecimento pela Caixa Econômica Federal ao Ministério da Economia de uma relação contendo: a) Nome das empresas construtoras ou pessoas jurídicas que receberam financiamento para construção de imóveis residenciais e não-residenciais, em 1989 e 1990, com o valor do financiamento para cada empresa; b) Valor total dos pagamentos ou amortizações de cada uma das empresas, mencionadas na alínea "a" à Caixa Econômica Federal, nos anos de 1989 e 1990 e o saldo devedor de cada uma.

De posse desses dados, V. Excia. terá uma clara visão dos financiamentos concedidos pela Caixa Econômica Federal às empresas construtoras ou imobiliárias, em todo o Brasil: visão do montante de numerário que é retirado do bolso dos brasileiros ou dos cofres do Tesouro Nacional para alimentar o negócio e os lucros daquelas empresas.

Não nos colocamos, evidentemente, contra o lucro das empresas imobiliárias, que for justo e razoável. Mas existe o fato de uma ajuda exagerada da Caixa Econômica Federal a essas empresas, que constroem enormes arranha-céus, cujos preços dos apartamentos aumentam cada vez mais.

Para corrigir ou minorar tal anomalia, propomos seja determinado por V. Excia. o cumprimento pela Caixa Econômica Federal das seguintes regras:

- I. Dos recursos disponíveis (receita), anualmente, a Caixa Econômica Federal destinará: a) 60% para empréstimos ou financiamentos às empresas industriais (capital de giro), mediante juros módicos (10 a 12% ao mês),⁵⁷ no máximo; b) 40% (apenas) para financiamento às empresas construtoras ou imobiliárias, mediante juros módicos (10 a 12% ao mês),⁵⁸ no máximo.

Essa providência viria, de alguma forma, facilitar o capital de giro para as empresas industriais, considerando os juros elevados que são cobrados atualmente pelos estabelecimentos bancários. Além de, talvez, reduzir a plethora da construção de grandes arranha-céus para residências ou escritórios, com preços de apartamentos cada vez mais altos.

57. Claro que à época vivíamos com uma carga inflacionária elevadíssima, a qual só foi superada com o Plano Real. Portanto, o termo módico é o que deve prevalecer, inclusive, para a conjuntura atual que confere a taxa de juro brasileira o título de maior do Planeta, a qual persiste em remanescer como estratégia daquele Plano. Portanto, a lógica de juros módicos é para fomentar os empreendimentos, facilitando a reprodução dos investimentos. Vide FAX ao presidente da República, sugerindo que BNDES aplique juros módicos para os financiamentos empresariais sediados nos Estados do Norte e do Nordeste.

58. Idem acima

As empresas industriais são fomentadoras do progresso econômico e merecem ajuda do Governo Federal. Por que os financiamentos da Caixa Econômica Federal se restringem, no seu maior volume, às empresas construtoras? O Brasil não cresce, economicamente, com a construção de arranha-céus, mas sim com a produção de bens.

Criaria a Caixa Econômica Federal uma carteira especial, em todas as capitais brasileiras, para o financiamento às empresas industriais.

Imaginemos, para argumentar, que a Caixa Econômica Federal destine, todos os meses, CR\$ 500.000.000,00 (quinhentos milhões de cruzeiros) para financiamento às empresas construtoras. Em 12 meses (1 ano), teremos CR\$ 6.000.000.000,00 (seis bilhões de cruzeiros).

Repartindo, teríamos:

- a) 60 % (três bilhões e seiscentos milhões de cruzeiros) – CR\$ 3.600.000.000,00 para as empresas industriais;
- b) 40% (dois bilhões e quatrocentos milhões de cruzeiros) – CR\$ 2.400.000.000,00 para as empresas construtoras.⁵⁹

O ideal seria se o Governo Federal determinasse que esses financiamentos às empresas industriais se destinassem somente aos Estados do Norte e Nordeste (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Amapá, Rondônia, Roraima e Acre), porque são as mais carentes de capital de giro.

Os Estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil são mais ricos, prescindindo dessa ajuda.

Senhora ministra:

Não desejamos publicidade. Se a sugestão for útil ao Governo Federal, para corrigir uma situação que nos parece anômala, ou

59. Talvez aqui o Botelho pudesse ter sugerido, na linha de seu raciocínio, que desse montante 60% seria destinada para a construção de casas populares, sendo o restante aplicado em unidades habitacionais para a classe média e famílias de alta renda.

seja, a construção contínua de arranha-céus, em todas as capitais do Brasil, com 20, 25 e 30 andares, que se transformam em especulação imobiliária e em altos custos de aluguéis ou de valor das prestações, dar-nos-emos por satisfeitos.

Qualquer brasileiro tem o direito de sugerir ao governo do seu País aquilo que julgar justo e útil para a coletividade.⁶⁰

Todavia, se a sugestão for aceita, gostaríamos de saber, mediante correspondência de V. Excia.

Não temos qualquer interesse pessoal na sugestão. Gozamos de aposentadoria, cujos proventos nos permitem viver, como classe média, sem problemas financeiros.

Aceite V. Excia. as expressões mais altas do nosso respeito e admiração.

⁶⁰. Julgamos que essa frase tem um profundo sentido ético e moral. Certamente uma verdadeira religiosidade contribui para essa consciência.

Ao presidente da República – C⁶¹

Tomamos a liberdade, respeitosamente, de propor a V. Excia. a publicação pelo Palácio do Planalto de um folheto sobre o PARLAMENTARISMO, com 50 ou 60 páginas, no máximo.

Segundo os entendidos, há no Brasil escassa bibliografia sobre o regime parlamentar de governo, que é adotado em todos os países da Europa, especialmente Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália, Suécia, Noruega, Dinamarca, Suíça.

O regime presidencialista, criado pelos Estados Unidos da América do Norte, não deu bons resultados na América Latina, cujos países, na sua quase totalidade, têm sofrido sucessivos golpes militares, ao longo dos anos.

Nos Estados Unidos da América do Norte, o regime funciona com eficiência por duas razões principais, a nosso ver:

- 1) Existem naquele país apenas dois partidos políticos, o Republicano e o Democrata;
- 2) O presidente eleito pelo partido vencedor nas eleições possui, desde o início da gestão, base parlamentar, isto é, maioria de congressistas que apóiam o seu plano de governo.

61. Carta enviada ao presidente Collor, em 13.02.91. Não encontramos nos arquivos do Botelhão qualquer manifestação da Presidência da República.

No Brasil, infelizmente, presenciamos as dificuldades que, a toda hora, se atulham ao presidente para aprovação, pelo Congresso, das medidas necessárias à sua administração.

No regime parlamentar, a responsabilidade pelo programa de governo cabe ao partido vencedor, que funciona como espécie de avalista, apoiando o trabalho do primeiro-ministro e dos demais membros do Ministério. O primeiro-ministro, escolhido pelo presidente da República ou pelo Rei (no caso de monarquia), é aprovado tacitamente pelo Parlamento, onde o partido vencedor possui maioria.

No regime presidencialista, o programa de governo se escora totalmente na pessoa do presidente, que, afinal, é o supremo responsável por todos os atos, bons ou maus, de todo o Ministério. É um peso enorme para o presidente, que ainda tem de solicitar a aprovação do Congresso para as leis que deseja editar.

No regime parlamentar, já existe um programa previamente traçado, que cabe ao presidente da República acompanhar, auxiliado pelo primeiro-ministro, que é o executor do programa.

No momento, chega-se à conclusão fácil de que raros são os congressistas brasileiros que conhecem os mecanismos do regime parlamentar. E o povo, na sua totalidade, desconhece o que é o regime parlamentar. Importa, assim, ao Governo Federal, promover uma ampla divulgação, tornar conhecido do povo brasileiro os mecanismos do regime parlamentar, a fim de que os brasileiros possam manifestar-se com segurança no futuro plebiscito.

E V. Excia., que aprova o regime parlamentar de governo, pode determinar a elaboração desse folheto sobre o PARLAMENTARISMO por um especialista de alto nível. Nesse folheto devem ser explicadas as vantagens objetivas do regime parlamentar, com um relato da sua aplicação nos principais países da Europa, mencionando-se também as principais funções do presidente da República, que não é um mero expectador, como muitos pensam.

Parece-nos que seria de imensa utilidade essa publicação, cuja finalidade é de ser lida por grande parte do povo brasileiro. O Palácio do Planalto remeteria aos governos estaduais milhares dessa publicação, para distribuição gratuita ou venda nas repartições públicas e universidades locais, assim como distribuiria às princi-

país agências de revistas para venda ao público nas capitais dos Estados mais populosos (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Pernambuco).

As populações das capitais dos Estados menores seriam contempladas através da distribuição gratuita ou venda pelos governos estaduais às repartições públicas e universidades.

Imaginamos que a edição desse folheto alcançaria um milhão (1.000.000) ou dois milhões (2.000.000) de exemplares, pelo menos. A distribuição aos governos estaduais, pelo Palácio do Planalto, seria feita proporcionalmente ao número de habitantes de cada Estado ou Território. Uma parte da edição seria entregue às agências de revistas, conforme explicado anteriormente, para venda direta ao público por um preço que deverá ser fixado pelo Palácio do Planalto. O preço para venda ao público seria de CR\$ 500,00 (QUINHENTOS CRUZEIROS), por unidade, no máximo.

Esperamos que a sugestão possa ser útil ao governo de V. Excia.

Aproveitamos o ensejo para reiterar a V. Excia. as expressões mais altas do nosso profundo respeito.

Ao Ministério da Fazenda aos cuidados da Secretaria de Administração Geral – C⁶²

NO MOMENTO REVISÃO CONSTITUCIONAL TOMAMOS LIBERDADE RESPEITOSAMENTE SUGERIR V. EXCIA. UM ESTUDO PARA REDUZIR NÚMERO DEPUTADOS FEDERAIS. NÃO SE JUSTIFICA UM PAÍS COM ENORME DÍVIDA EXTERNA E INTERNA SEM RECURSOS PARA PAGAR JUROS ALTÍSSIMOS POSSUA UM PARLAMENTO RECHEADO DE REPRESENTANTES GANHANDO ELEVADOS SUBSÍDIOS. PROPOMOS SEJA REDUZIDO NÚMERO DE REPRESENTANTES NA PROPORÇÃO DE QUARENTA POR CENTO. ESTADOS AMAZONAS PARÁ PIAUÍ MARANHÃO RIO GRANDE DO NORTE ALAGOAS MATO GROSSO PARAÍBA SERGIPE RONDÔNIA ACRE RORAIMA TERIAM APENAS DOIS DEPUTADOS FEDERAIS E UM SENADOR. DEMAIS ESTADOS MAIOR POPULAÇÃO REDUÇÃO DEPUTADOS FEDERAIS SERIA QUARENTA POR CENTO. COM APENAS DOIS SENADORES. PROPOMOS TAMBÉM SEJA ESTABELECIDOS SUBSÍDIOS DEPUTADO FEDERAL E SENADOR NÃO PODEM ULTRAPASSAR VENCIMENTO MENSAL DE UM MINISTRO DE PODER EXECUTIVO. CONFORME TEORIA SECULAR PODERES EXECUTIVO LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO SÃO HARMÔNICOS ENTRE SI. PRERROGATIVA CÂMARA DEPUTADOS EXERCER CONTROLE FISCALIZADOR SOBRE ATOS PODER EXECUTIVO NÃO LHE DÁ DIREITO FIXAR AUMENTOS VENCIMENTOS EXCESSIVOS ONERANDO PESADAMENTE TESOURO NACIONAL. DEVE HAVER IGUALDADE VENCIMENTOS E VANTAGENS ENTRE PODER EXECUTIVO E CONGRESSO. PARÁGRAFOS PRIMEIRO E SEGUNDO DO ARTIGO 45 E PARÁGRAFOS PRIMEIRO, SEGUNDO E TERCEIRO DO ARTIGO 46 DA ATUAL CONSTI-

62. Fax ECT enviado ao Ministro Fernando Henrique Cardoso, em 28.9.93.

TUIÇÃO FEDERAL SERIAM ALTERADOS. COMO ADMITIR OITO DEPUTADOS PARA CADA UNIDADE FEDERATIVA, CADA TERRITÓRIO COM QUATRO DEPUTADOS E CADA SENADOR COM DOIS SUPLENTE? ADMITIR-SE-IA TAMANHA PLE-TORA DE GASTOS NUM PAÍS RIQUESSIMO SEM DÍVIDA EXTERNA E INTERNA SEM GRAVES PROBLEMAS SOCIAIS ESPECIALMENTE A MISÉRIA QUE ASSOLA GRANDE PARTE POPULAÇÃO BRASILEIRA. SAUDAÇÕES ATENCIOSAS.

A um amigo - A⁶³

É com maior satisfação que lhe escrevo, com o objetivo de sugerir-lhe algumas idéias que me parecem aproveitáveis.

Acho que a Fundação Getulio Vargas prestaria um grande serviço ao Brasil se tomasse conta do Ministério da Educação. Pode pelos menos prestar colaboração valiosa ao atual ministro Marco Maciel.

Os setores que deveriam ser atacados, a meu ver, seriam: instrução primária e instrução secundária, no Norte e Nordeste do País.

O ideal seria incluir diretrizes na nova Constituição Federal, a ser elaborada. Os políticos e governadores do Nordeste, mais do que os do Norte, têm deblaterado, a toda hora, contra as dificuldades com que lutam os seus Estados e apelam dramaticamente para o Governo Federal.

A inclusão de diretrizes na nova Constituição seria uma forma de fixar um programa vasto, de grande envergadura, a ser estu-

63. Carta enviada ao professor Benedicto Silva em 22.03.85. Botelho trocou correspondência com o professor Benedicto durante quase duas décadas. O professor Benedicto morreu aos 94 anos, conforme noticiou *O Globo* em 19.02.00. O professor Benedicto foi um dos fundadores da Fundação Getulio Vargas, em 1944, e da Escola Brasileira de Administração Pública (Ebap), em 1952, da qual foi diretor, onde o Botelho cursou extensão especial em administração pública, de março a julho de 1975, pela SPEVEA, quando, provavelmente nasceu essa amizade mantida por longos anos em forma de correspondência e visitas quando passava suas temporadas em Niterói. Entre outras atribuições, o professor Benedicto dirigiu, por 20 anos, o Instituto de Documentação (Indoc) da FGV. Este organizador selecionou apenas algumas das inúmeras correspondências, julgadas mais significativas no contexto da cidadania exercida pelo Botelho.

dado e executado em detalhes pelos técnicos e professores da Fundação Getulio Vargas e do próprio Ministério da Educação, em colaboração com as autoridades locais do Norte e Nordeste.

No Ministério da Educação, em Brasília, seria criado um Departamento Especial para planejar estudos, uniformizar os métodos e acompanhar a implantação dos projetos nas capitais e no interior do Nordeste.

O programa seria imenso, requerendo muito trabalho, alto espírito público e firmeza, para atingir os objetivos, que seriam a erradicação do analfabetismo. Entendo que só uma instituição como a Fundação Getulio Vargas tem estrutura e capacidade técnica para uma empresa de tal porte.

Não só a erradicação do analfabetismo, que predomina no interior do Nordeste, mas os objetivos seriam o aproveitamento de uma população numerosa, pobre, marginalizada, que poderá tornar-se útil ao País.

Os brasileiros construíram Itaipu e outros grandes empreendimentos, para solução do problema energético, que revelam imensa capacidade de trabalho e inteligência. Por que não se faria o mesmo com a Instrução Primária e Secundária no Norte e Nordeste do País, num trabalho ciclópico de 20 anos?

Na verdade, sente-se que os governos locais e o próprio Governo Federal não sabem por onde começar, para solução dos angustiantes problemas do Nordeste. Parece-me que uma das raízes do mal é o analfabetismo.

Estou para escrever-lhe sobre esse assunto muito antes de ser eleito presidente da República o Dr. Tancredo Neves. Agora, lendo informe sobre as metas anunciadas pelo senador Marco Maciel, animei-me a escrever-lhe, porque existe uma coincidência de idéias.

Remeto-lhe, anexas, as diretrizes para exame e inclusão na nova Constituição e Normas Gerais, que seriam observadas no disciplinamento do Ensino Primário e Secundário. Quanto às diretrizes, é claro que o professor Benedicto verificará a possibilidade de aproveitar as idéias. Tenho lido que o professor Arinos de Melo

Franco já elaborou uma nova Constituição com a colaboração de especialistas da Fundação Getulio Vargas.

Aceite os meus agradecimentos pela atenção que dispensar. Embora ex-aluno da Ebap, sou um anônimo. O que interessa são as idéias, se puderem ser aproveitadas. Receba um abraço respeitoso e cordial do amigo e criado.

Anexos

Diretrizes

1. A União disciplinará o ensino primário e secundário no Norte e Nordeste do País, estabelecendo planos que visem erradicar o analfabetismo e melhorar o ensino, completando com recursos próprios os orçamentos dos Estados;
2. Os planos compreenderão inclusive a uniformidade de métodos e dos livros didáticos;
3. Em cada Estado do Norte e Nordeste, funcionará uma comissão de técnicos da Fundação Getulio Vargas junto aos respectivos governos, com a finalidade de acompanhar a execução dos planos, melhorando-os e ampliando-os;
4. Os recursos dos Estados do Norte e Nordeste, destinados ao ensino primário e secundário, inclusive as verbas distribuídas pela União para complementação, serão depositadas em conta especial, para que possam ser medidos e fiscalizados pelos técnicos, em face dos programas estabelecidos;
5. O Ministério da Educação assinará convênios com os Estados do Norte e Nordeste para a fixação dos procedimentos de execução dos planos.

Normas Gerais

Prioridades para o Ensino Primário

1. Construir novos estabelecimentos para o ensino primário, de forma a abrigar o maior número possível de alunos, mediante levantamento de dados estatísticos. Ampliar os existentes;

2. Eliminar disciplinas desnecessárias (por exemplo: Desenho, Artes Manuais e Educação Física), fixando-se apenas nas seguintes: Português, Matemática ou Aritmética, Geografia e História do Brasil. Educação Física continuaria no currículo do Ensino Secundário;
3. Os livros didáticos para o Ensino Primário serão impressos pelo Ministério da Educação, para as várias séries, num sistema uniforme, isto é, o livro de Português serviria ao aluno do 1.º ao 4.º ano, e assim para os livros de Matemática, Geografia e História do Brasil. O Ministério da Educação entregaria esses livros, pelo preço de custo, às Secretarias de Educação dos Estados, para vender aos alunos também pelo preço de custo. O produto da venda desses livros seria recolhido em conta especial, no Banco do Brasil, em cada Estado, para constituição de um Fundo, que seria utilizado na construção de novos colégios ou na ampliação dos existentes. O Ministério baixaria instruções atinentes ao assunto para serem observadas pelos governos dos Estados.

Prioridades para o Ensino Primário

1. Eliminar, em todas as séries do curso secundário, matérias desnecessárias, tais como: Desenho, Química e Artes manuais. Colocar o Português, Matemática e História do Brasil como matérias obrigatórias, da 5.ª a 7.ª Série;
2. Construir novos estabelecimentos de ensino ou ampliar os já existentes.

Ao mesmo amigo – B⁶⁴

É com prazer que lhe escrevo, ofertando-lhe o livro *A Caminho da Luz*, de EMMANUEL, psicografia de Francisco Cândido Xavier, que é um monumento de síntese e de sabedoria.

Renovo as minhas sugestões em cartas anteriores: acho que a Fundação Getúlio Vargas deveria oferecer a sua colaboração ao Governo Federal e tomar conta do Ministério de Educação por 20 anos, no mínimo. O objetivo seria erradicar o analfabetismo do Brasil, ou, pelo menos, reduzir nesse prazo a enorme incidência (30 milhões de brasileiros analfabetos, conseqüência, em grande parte, da miséria que campeia em vários segmentos do Norte e Nordeste do País).

Faz parte do curso das Universidades do nosso País a carreira de Administrador de Empresas. Existem, atualmente, dezenas de

64. Carta enviada ao professor Benedicto Silva em 25.07.87. Desta feita, recebeu a seguinte resposta do professor Benedicto, de 18.08.87: "Recebi e agradeço o livro que me enviou, *A caminho da luz*. Concordo com o prezado amigo: o analfabetismo, e a educação precária são dois grandes males que atingem o povo brasileiro. Contudo, não cabe à Fundação Getulio Vargas pleitear do Governo Federal ou sequer sugerir que lhe delegue poderes e responsabilidades. Por isso não poderei tentar realizar a sua idéia, de lutar para a Fundação Getulio Vargas tome conta do Ministério da Educação. A Fundação Getulio Vargas já contribui, e muito, para a difusão da cultura, inclusive entre as classes sociais mais carentes. Exemplo disso é a Campanha Amigos em todo o mundo, que visa a obter assinaturas doadas de O Correio da Unesco para estudantes brasileiros, pré-universitários, sem condições financeiras de arcar com esta despesa. Esperamos, como todos os brasileiros, que, dentro de alguns anos, o analfabetismo cesse de existir em nosso país. Agradeço suas sugestões. Cordialmente".

administradores, com esse curso universitário, que trabalham no comércio, na indústria, nos estabelecimentos bancários. Lembro-me, nos idos de 1954, que o professor Benedito, de vez em quando, falava aos alunos sobre a era do “Administrador Profissional”. Foi um trabalho vitorioso, e, sem dúvida, foi a FHV quem conseguiu com o Governo Federal a inclusão do curso nas Universidades do Brasil.

Menciono esse fato para mostrar que a Fundação poderia compenetrar-se da urgência desse trabalho patriótico, que é erradicar o analfabetismo do nosso País.

Não adianta muito o Governo Federal remeter verbas e mais verbas para os Estados do Nordeste, para a educação. Não se sabe se esse dinheiro é bem aplicado ou se é desviado para outros fins.

Importa examinar, estudar em profundidade os atuais programas dos Cursos Primário e Secundário e eliminar matérias desnecessárias. A implantação dos novos currículos nas escolas primárias e secundárias do Norte e Nordeste seria acompanhada por técnicos do Ministério da Educação (da Fundação Getulio Vargas), num trabalho conjunto com os governos locais.

Criar-se-iam dois departamentos no Ministério da Educação: Curso Primário e Curso Secundário, exclusivamente para a implantação dos novos currículos e acompanhamento dos resultados em cada município ou em cada localidade. Somente após a fixação de programas objetivos, com o levantamento das escolas e colégios públicos existentes no Norte e Nordeste, aferindo-se os recursos dos governos estaduais, é que o Ministério da Educação transferiria os recursos para os Estados.

O trabalho começaria pelo Nordeste: Pernambuco, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, etc. depois o Norte: Amazonas, Pará e Territórios.

Os Estados do Sul e Sudeste do Brasil não precisariam de imediata modificação, porque o analfabetismo é menor nessa área. Urgente é tratar do Norte e Nordeste. Muitos problemas sociais do

Brasil têm causa no analfabetismo. Não julga assim Professor Benedicto?

Termino, enviando-lhe um cordial abraço, com votos de saúde, paz e prosperidade. Acho que o Professor Benedicto deveria levar a idéia ao Conselho Superior da FGV e lutar pela sua concretização. Agradeço a remessa do "Correio da Unesco" de fev/87.

Do amigo.

Ao mesmo amigo – C⁶⁵

Acuso o recebimento de sua última carta, que li com muita satisfação.

Sinto que o professor Benedicto não gosta de sugestões. Na verdade, a Fundação Getulio Vargas é intocável: tem realizado um imenso trabalho, sem alardes, em favor do Brasil, que está se tornando uma grande Nação, porém ainda com defeitos graves a corrigir.

A minha sugestão não significa qualquer crítica, nem restrição às elevadas tarefas que a FGV realiza no campo da administração pública. Visa sim, criar alguns pontos que me parecem importantes, com a finalidade de despertar o patriotismo, o amor pelo Brasil, naqueles que estudam na Fundação Getulio Vargas. Este aspecto do ensino está imanente ao primeiro item do ideário da FGV.

Sugeriria, assim, a criação da cadeira de História do Brasil (História Pátria) nos cursos de administração pública, como matéria obrigatória. A cadeira seria ocupada por um especialista de grande saber. A finalidade principal do curso seria salientar a atuação dos grandes homens públicos, dos políticos, que lutaram para elevar o nome do Brasil no conceito das outras nações, assim como criticar, também, o trabalho negativo de muitos administradores e políticos que atuaram em desfavor do Brasil.

65. Carta enviada ao professor Benedicto Silva em 22.09.87.

Fazia parte dos cursos ginasiais, no nosso País, a cadeira de “Instrução Moral e Cívica”. Foi abolida há muito tempo. Como pode observar o Professor Benedicto, grassa, no Brasil, em todos os níveis, a corrupção. O Ministério da Educação deveria recolocar, como obrigatória, a referida disciplina nos cursos ginasiais, cujo objetivo será o despertar nos jovens o amor pelo Brasil.

Sabemos que é dever fundamental do Estado promover a educação do povo. Hoje, o quadro de moralização da coisa pública, em nosso País, é muito grave. Todo mundo só deseja apropriar-se dos dinheiros públicos, saquear, sem qualquer cerimônia. É urgente que as gerações novas sejam educadas contra esse flagelo.

É necessário examinar as causas que geram esses graves problemas no Brasil. Entre elas, encontra-se, não há dúvida, o analfabetismo.

A questão da probidade, no serviço público, é importantíssima. Os inquéritos são processados, mas não chegam ao fim e as pessoas culpadas ficam impunes. O combate a esse estado de coisas cabe ao Governo, às autoridades constituídas, que deve dar o exemplo.

Aproveito para agradecer a remessa do folheto “POR UMA NOVA ORDEM ECONÔMICA MUNDIAL”, que li com prazer e muito interesse.

Professor Benedicto: Não precisa responder esta minha carta, tendo em vista os seus inúmeros encargos.

Aceite os meus votos de saúde e paz, com um cordial abraço.

EM TEMPO: Na sala que se destinasse às aulas de História do Brasil, eu colocaria uma galeria com os retratos (tamanho grande) de D. Pedro I, D. Pedro II, José Bonifácio de Andrade e Silva, Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, Getúlio Vargas, e outros grandes estadistas. Colocaria, também, nessa sala a biblioteca de História do Brasil (com uma bibliotecária), constituída publicações dos grandes historiadores. Ficaria essa biblioteca desmembrada da biblioteca geral da FGV.

Ao mesmo amigo – D⁶⁶

É com prazer que lhe escrevo, desejando-lhe saúde, paz e prosperidade, junto da sua digníssima família.

Esta é a última sugestão que tenho a honra de fazer ao Professor Benedicto... Não sei se vai ser aprovada...

Junto xerox da entrevista concedida pelo professor Afonso Arintos de Melo Franco à revista *Veja* em 4/06/86, cujo teor o professor Benedicto deve conhecer.

Pelo que pude observar, durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, a maioria dos deputados não sabe o que é o regime parlamentar de governo, como funciona. Uma pequena amostra tive eu nas declarações da deputada SANDRA CAVALCANTE (que parece uma mulher culta), que, certa vez, falando ao jornalista, disse que o presidente da República, no regime parlamentar, é uma espécie de pai do povo que governa. Em poucas palavras, poderia ter caracterizado o regime parlamentar, mas não o fez. A minha opinião é de que não possui noções completas sobre o assunto.

Poucos deputados externaram sua opinião sobre o regime parlamentar e todos eles, a meu ver, não salientaram as principais

66. Carta enviada ao professor Benedicto Silva em 14.09.88.

vantagens do regime parlamentar, em comparação com o regime presidencialista.

A maioria do povo brasileiro não sabe o que é o regime parlamentar, como a maioria dos nossos deputados constituintes também não o sabe. Mas existe uma corrente, dentro do parlamento brasileiro, que votou a favor do regime parlamentar.

A FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS possui especialistas em Ciência Política. O que sugiro, neste momento, ao professor Benedicto, é a publicação de um livro sobre o parlamentarismo (opúsculo com 200 páginas no máximo), cujo conteúdo seria:

O QUE É O PARLAMENTARISMO

Nesse livro, seriam estudadas, em síntese, as origens do regime, o seu funcionamento nos vários países da Europa: Portugal, Espanha, França, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Bélgica, Holanda. Explicando-se:

- a) Como funcionam as eleições e os partidos;
- b) A nomeação do primeiro-ministro (escolhido pelo Partido vencedor);
- c) As funções do primeiro-ministro;
- d) As funções do presidente da República;
- e) Os poderes que possui o Pres. da república para dissolver o Parlamento e convocar novas eleições;
- f) Quais as situações ou acontecimentos graves que levam o presidente da República a dissolver o parlamento. Porque dissolver o Parlamento.

Um dos pontos importantes do livro será a comparação entre os dois regimes: parlamentar e presidencialista (este idealizado pelos pró-homens da América do Norte: Jefferson, Hamilton, Washington).

Pessoalmente, entendo que o regime parlamentar é melhor que o presidencialista. O regime parlamentar possui mecanismos políticos que evitam os golpes de Estado, tão comuns na América Latina.

Será um livro de grande utilidade para a classe média do povo brasileiro. A gráfica da Fundação imprimiria, digamos 10.000, 20.000, 30.000, ou mais exemplares. E o professor Benedicto distribuiria pelos vários Estados da Federação, entregando aos governos locais pelo preço de "x". Os governos repassariam esses livros para as livrarias da cidade pelo preço de custo. Seria uma forma prática de permitir aos brasileiros o conhecimento tão importante sobre o parlamentarismo.

O livro seria prefaciado pelo professor Afonso Arinos de Melo Franco.

Entendo que o preço de venda não pode ser alto. No máximo, de Cz\$ 500,00 (quinhentos cruzados), a fim de atingir as pessoas de menor renda.

Entregando aos Estados 30.000 livros ao preço de Cz\$ 300,00, a Fundação obterá um montante de Cz\$ 9.000.000,00 (nove milhões de cruzados). O custo não sairá por Cz\$ 200,00 a unidade? Teríamos um custo de Cz\$ 6.000.000,00 (seis milhões de cruzados). A Fundação ganharia Cz\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzados). O livro conteria a seguinte anotação: Preço de venda Cz\$ 500,00.

Eis aí a sugestão, prezado Prof. Benedicto, que a FGV poderia aproveitar. O povo brasileiro estaria sendo preparado para a futura escolha do sistema de governo, prevista pela nova Constituição. E a FGV teria bom lucro com a impressão do livro.

Aceite as minhas homenagens como ex-aluno da Ebp e os meus votos de muita paz. Aceite um cordial abraço do amigo.⁶⁷

67. Essa carta do Botelho mereceu o seguinte posicionamento do professor Benedicto, em carta de 27.09.88: "Agradeço e retribuo os votos de saúde e paz. Com efeito, o povo brasileiro não está bem informado a respeito do presidencialismo e do parlamentarismo, como atestam as entrevistas feitas ao acaso, nas ruas, por repórteres de televisão, na época da discussão do tema pela Constituinte. Não obstante, já existe alguma literatura acerca do assunto. A *Revista de Ciência Política*, publicação da Fundação Getúlio Vargas, trouxe recentemente um trabalho intitulado *Ensaio sobre o Parlamentarismo*, por exemplo. Como se trata de matéria política, encaminhamos sua sugestão ao diretor do Indipo – Instituto de Direito Público e Ciência Política – a Professor Afonso Arinos de Melo Franco. Atenciosamente".

Ao mesmo amigo – E⁶⁸

Acuso o recebimento de sua carta de 27/9. Foi uma honra para eu saber da sua iniciativa encaminhando a minha sugestão ao eminente professor Afonso Arinos de Melo Franco.

Não esperava isso. Imaginava que o professor Benedicto, sozinho, como diretor do Departamento de Documentação da FGV, pudesse aprovar a sugestão e fazer a impressão do livro sobre o Parlamentarismo, que seria escrito por especialistas da Fundação. Refletindo melhor, compreendo agora que é preciso, naturalmente, a aprovação do presidente da Fundação, através de sugestão do diretor do Indipo.

Se eu pudesse acrescentar alguma coisa, sugeriria: uma 1.^a edição de 100.000 exemplares. Após 6 meses, uma 2.^a edição de 100.000 exemplares. A finalidade seria atingir a grande maioria do povo brasileiro, especialmente aquelas pessoas de menor renda.

Não sou político. Não pertenço a nenhum partido. A minha sugestão tem o mesmo sentido daquela em torno da erradicação do analfabetismo no Brasil, que deveria constituir problema de 1.^a prioridade por parte do Governo Federal. Devemos atacar as causas que geram os problemas sociais, para que o País progrida mais depressa. Não lhe parece?

68. Em 25.10.88, o Botelho contra argumentou junto ao professor Benedicto.

Desejo agradecer a boa vontade do Professor Benedicto, pedindo desculpas pela insistência nos assuntos. Reitero os meus votos de saúde, paz e prosperidade. Aceite um cordial abraço do amigo e criado.

Ao mesmo amigo – F⁶⁹

Recebi ontem sua carta de 9 deste mês, que respondo com muita alegria.

A criação da INTERNACIONAL DEMOCRATA representará, sem dúvida, um grande movimento intelectual e científico, dentro das nações, em primeiro lugar para fixar ou criar o regime democrático puro; em segundo lugar, para atingir a meta ambiciosa: “o maior bem ao maior número”.

É uma verdade insofismável:

- A) Tanto se pode fazer para tornar o mundo menos cruel para com os mais desfavorecidos;
- B) Tanto se deve e se pode fazer para proteger o meio-ambiente, ameaçado de arrasamento;
- C) Tanto se deve e se pode fazer para diminuir as chocantes desigualdades sociais;
- D) Tanto se deve e se pode fazer para tornar os direitos do homem universalmente reconhecidos e respeitados;

69. Carta enviada em 19.06.90, como resposta à seguinte provocação formulada pelo professor Benedicto: “Estou submetendo, por meio desta, à avaliação crítica de um grupo de pessoas bem informadas, entre as quais se inclui naturalmente o Ilustre Amigo, a Declaração da Internacional Democrata, cuja origem indico na explicação – “O maior bem ao maior número” (nota introdutória)... Desnecessário acrescentar que receberei com especial interesse a avaliação crítica ora solicitada. Renovo os protestos de estima, apreço e admiração. Muito cordialmente”.

E) Tanto de deve e se pode fazer para racionalizar a distribuição de renda;

O homem deixará de ser “o lobo do homem”...

Aceite as minhas homenagens e os meus parabéns, expansivos ao criador da idéia: engenheiro e empresário ABELARDO COIMBRA BUENO.

Aceite meus parabéns sobretudo pela síntese e pela profundidade da exposição dos acontecimentos e convulsões sociais, que têm abalado o nosso planeta Terra, a partir do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848.

Atenciosamente.

Ao mesmo amigo – G⁷⁰

Confirmando minha carta de 19/06/90, desejo-lhe saúde e paz junto da digníssima família.

A respeito da criação da INTERNACIONAL DEMOCRATA, tomo a liberdade de oferecer-lhe algumas considerações, que talvez sejam úteis aos idealizadores da idéia, com referência ao nosso País.

Examinando-se a situação atual, chega-se a uma rápida conclusão: é preciso resolver, com urgência, alguns dos problemas que são considerados como estruturais.

Realmente, como conhecer “o maior bem ao maior número”, se, no Brasil, defrontamo-nos com problemas gravíssimos, que tornam uma utopia aquele slogan? O caminho, portanto, é atacar esses problemas, cuja solução, embora paulatina, virá proporcionar melhor distribuição da riqueza entre os brasileiros.

POLÍTICA-GOVERNO

Está demonstrado, à sociedade, que o regime presidencialista (criado nos Estados Unidos da América) não deu certo nos países da América Latina, inclusive no Brasil. Não há estabilidade nos governos e os golpes militares foram constantes.

70. Ainda em resposta à provocação do professor Benedito sobre a Internacional Democrata, o Botelho complementou a carta anterior com esta enviada no dia 12.08.90.

Entendo que o regime parlamentarista deve ser implantado no Brasil. Examinem-se, por exemplo, as dificuldades que o Governo Collor há enfrentado, junto ao Congresso Nacional, para conseguir a aprovação de medidas que julga necessárias.

No regime parlamentar, o partido que vence indica o primeiro-ministro, que é o administrador-executivo do Governo, auxiliado pelos vários ministros. O presidente da República é o guardião dos trabalhos dos Ministérios, é o avaliador dos resultados e das medidas tomadas em favor da coletividade. Se ocorrerem situações graves pelas quais o Parlamento é responsável, ele pode dissolver o Parlamento e convocar novas eleições.

Uma das principais vantagens do regime parlamentar é a questão do programa governamental. O partido vencedor elabora um programa, sob a direção do primeiro-ministro e a avaliação permanente do presidente da República. As divergências entre o Ministério, executor do programa, e o Parlamento, são mínimas. Há um roteiro definido no trabalho do Governo. Os problemas foram antes estudados e definida a solução.

ANALFABETISMO – EDUCAÇÃO – ENSINO PRIMÁRIO

Há muitos anos fala-se, no Brasil, sobre o analfabetismo.

Entendo que é imprescindível elaborar-se um programa, definido, racional, de modo que as verbas a serem fornecidas pelo Governo Federal aos Estados não sejam pulverizadas em obras diferentes ou desviadas pela voragem da corrupção. Não são segredo para ninguém os empreendimentos do Governo Federal, como dos Estados, os quais verificou-se a má aplicação do dinheiro público. Ainda hoje, a imprensa noticia, com freqüência, casos de arrepiar os cabelos, onde se nota o desperdício ou a falta de honestidade dos aplicadores.

De acordo com a Constituição Federal, os Estados são responsáveis pelo ensino primário e secundário. O ensino superior está a cargo da União.

Não se pode imaginar que o analfabetismo seja erradicado do Brasil em curto prazo. De 30 a 50 anos, pelo menos, havendo um

trabalho ininterrupto, bem organizado e bem dirigido, pelos próprios Estados, com a ajuda do Governo Federal, entrosando-se as medidas por parte dos Estados como executores e da União como financiadora das novas unidades escolares.

Em que pese o respeito à autoridade, foi lamentável a declaração feita, há poucos meses, pelo Ministro da Educação do Governo Collor, dizendo que o Governo ia debelar o analfabetismo em curto prazo. Seria recebido, pelo Brasil, um empréstimo de tantos milhões de dólares⁷¹ para esse fim.

Como debelar o analfabetismo, apenas enviando verbas para os Estados? Sem planos definidos, se uma orientação correta, sem a fiscalização permanente das verbas?

Propomos que o combate ao analfabetismo, por parte do Governo Federal, seja feito dentro dos seguintes parâmetros:

- 1.º as regiões Norte e Nordeste seriam as escolhidas para a ajuda do Governo Federal aos Estados respectivos. Porque essas regiões são as mais pobres, e, sem dúvida, reúne maior número de analfabetos. E os investimentos visariam apenas o ensino primário.
- 2.º Cada Estado faria um levantamento dos grupos escolares existentes nas sedes dos municípios e nas cidades do interior.
- 3.º De posse desse levantamento, cada Estado proporia ao Ministério da Educação, em relatório, os grupos escolares que desejassem implantar, fornecendo o orçamento de custo para cada unidade e indicando a capacidade didática de cada uma.
- 4.º A construção dessas novas unidades escolares seria fiscalizada diretamente pelos técnicos do Ministério da Educação até o dia de sua inauguração para o início das aulas. A capital de cada Estado poderia também ser contemplada com a criação de novos grupos escolares (ensino primário), dando-se prioridade, porém, ao interior do Estado.

71. A palavra dólares está escrito exatamente assim: com dois eles.

5 ° Para organizar esse trabalho de ajuda aos Estados, no sentido de combater o analfabetismo, seria criado no Ministério da Educação um departamento especializado, que teria as seguintes atribuições:

- Receber e estudar os relatórios de cada Estado, dando parecer e os encaminhando ao ministro;
- Fazer as transferências de numerário para os Estados, autorizadas pelo ministro, de acordo com os planos de construção dos grupos escolares aprovados pelo ministro;
- Visitar as obras em construção nos Estados, pelo menos de 4 em 4 meses (3 vezes no ano);
- Denunciar ao ministro quaisquer irregularidades verificadas na aplicação das verbas;
- Propor ao ministro o cancelamento dos convênios em cujos estados se verificarem irregularidades na aplicação das verbas;
- Organizar mapas contendo:
 - a) o levantamento estatístico dos grupos escolares existentes nos Estados do Norte e Nordeste;
 - b) número de novos grupos escolares cujas construções foram financiadas pelo Governo Federal;
 - c) número de alunos de cada colégio, dos Estados do Norte e Nordeste, a partir do início dos financiamentos do Governo Federal.
- Realizar estudos, anualmente, comparando e indicando o aumento ou a redução de alunos, nos vários grupos escolares do Norte e Nordeste.

PROFESSOR BENEDICTO SILVA:

É possível que não concorde com o programa que acabo de delinear, para o combate ao analfabetismo no Brasil. Estou certo, porém, que algumas idéias podem ser aproveitadas.

Junto xerox das sugestões que lhe enviei em carta de 22/3/985.
Pela sua importância transcrevo o art. 214, da Constituição
Federal:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração pluria-
nual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus
diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que con-
duzam à:

- I – erradicação do analfabetismo;
- II – universalização do atendimento escolar;
- III – melhoria da qualidade do ensino;
- IV – formação para o trabalho;
- V – promoção humanística, científica e tecnológica do País.

Concluo a presente carta com a seguinte proposta ao ilustre
educador:

- a) seja um defensor, junto aos amigos e políticos influentes, da
instalação do regime parlamentar no Brasil;
- b) instalado o regime parlamentar, envie esforços para colocar,
no Ministério da Educação, um Educador de nomeada compe-
tência ou uma das personalidades que aprovaram a INTERNA-
CIONAL DEMOCRATA, ou um dos idealizadores, com a missão
principal de combater o analfabetismo dentro de um plano
racional, definido, que tenha como palco os Estados do Norte
e Nordeste, que são, a nosso ver, os mais carentes.

Aceite um cordial abraço do amigo, admirador e criado.

Ao mesmo amigo – H⁷²

Desejo-lhe saúde e paz junto da digníssima família. Confirmando minha carta de 12/08/90.

Nesta oportunidade, tomo a liberdade de lhe sugerir que consiga a publicação do livro sobre o PARLAMENTARISMO. Lamentavelmente, faleceu o eminente professor Afonso Arinos de Melo Franco.

Junto cópia da sugestão que fiz ao professor Benedicto em data de 14/09/98. Através das suas influentes amizades políticas, pode conseguir que o Senado Federal imprima o livro. Não é difícil conseguir isso. O importante é remeter uma regular quantidade aos governos de todos os Estados, para que estes, por sua vez, os repassem para as faculdades e livrarias das capitais.

Aproveito o ensejo para lhe remeter recorte do jornal *A CRÍTICA*, de Manaus, do dia 4/09/90, que estampe a notícia sobre a presença do ministro Chiarelli, que assinou convênio com o Governo do Estado para aplicação de CR\$ 288 milhões no ensino público. É uma boa notícia, que se aproxima do ligeiro estudo contido na minha carta de 12/08/90.

A meu ver, é necessário detalhar o plano de aplicação das verbas. É indispensável a fiscalização direta por parte do Ministério da Educação, para verificar a exata aplicação das verbas. Não basta distribuir verbas.

72. Carta enviada ao professor Benedicto em 05.09.90.

O Ministério da Educação precisa saber quantos Grupos Escolares foram construídos ou restaurados. Qual o aumento do número de alunos, em cada ano, decorrente da criação de novas escolas nos Estados. Deve haver uma estatística de tudo isso, para que o Ministério da Educação tenha provas concretas da boa aplicação das verbas e dos resultados conseguidos.

Trata-se de um plano global do Governo Federal: prioridade do ensino básico do 1.º grau. Muito bem!

Contudo, acho difícil acabar com o analfabetismo e os analfabetos, no Brasil, no prazo de dez anos. Mas, a arrancada do presidente Collor é altamente patriótica. O Governo Federal já começa, de alguma forma, a cumprir com o que dispõe o art. 214 da atual Constituição Federal.

Termino, enviando-lhe as minhas homenagens e o meu sincero desejo de ver publicado o livro sobre o PARLAMENTARISMO. Aceite um cordial abraço do amigo, admirador e criado.

Ao mesmo amigo – I⁷³

Em aditamento à minha carta de hoje, tomo a liberdade de lhe remeter xerox do ensaio EM NOME DO REI. E DO PARLAMENTO, publicado no *Digesto Econômico*, de São Paulo (n.º 335-março/abril/89), de autoria do embaixador J. O. de Meira Penna, a quem o professor Benedicto talvez conheça. Belíssimo ensaio.

Esse embaixador poderia escrever o livro sobre o PARLAMENTARISMO. E o professor Benedicto coordenaria essa publicação, que seria facilmente impressa pela gráfica do Senado Federal.

Naturalmente que o embaixador não trabalharia de graça. Imaginemos uma publicação de 20.000 exemplares a Cr\$ 500,00 a unidade. Teríamos o montante de Cr\$ 10.000.000,00 (DEZ MILHÕES DE CRUZEIROS). Que o embaixador ganhasse um milhão ou dois milhões de cruzeiros. Teríamos um saldo de Cr\$ 8.000.000,00 (OITO MILHÕES DE CRUZEIROS).

Cada Estado receberia 1.000 exemplares, concorrendo com Cr\$ 500.00,00 (QUINHENTOS MIL CRUZEIROS) para os cofres do Senado Federal. Os Estados repassariam para as Faculdades, Repartições Públicas e Livrarias pelo mesmo valor unitário (Cr\$ 500,00 – quinhentos cruzeiros).

Quanto ao formato da publicação, seria o tamanho e a qualidade do papel iguais às da DECLARAÇÃO DA INTERNACIONAL DEMOCRATA, que o professor Benedicto me enviou (17 x 24 cm). Não seria um livro. Mas um panfleto, no máximo com 50 páginas.

73. Carta enviada ao professor Benedicto no mesmo dia 05.09.90, junto com a anterior.

O panfleto da DECLARAÇÃO DA INTERNACIONAL DEMOCRATA contém 18 páginas. Em 50 páginas, ou menos, o embaixador J. O. de Meira Penna escreveria sobre o Parlamentarismo. Seria uma ótima publicação, fácil de ler e de manusear. A finalidade da publicação é penetrar em todo o território brasileiro.

Mesmo que o professor Benedicto não acolha a idéia, pelo menos fará um exame crítico da sugestão. Devo viajar para Niterói em fins deste mês, se Deus quiser. Em outubro far-lhe-ei uma visita.

Receba os meus protestos de estima e levado apreço.⁷⁴

74. Ambas as cartas, de 05.09.90, receberam a seguinte resposta do professor Benedicto: "Julgo que seria bastante oportuna a publicação sugerida em sua carta de 5 de setembro último de um livro sobre o regime parlamentar de governo. O tema é sem dúvida relevante, principalmente porque sobre ele o povo brasileiro terá de se pronunciar, em plebiscito previsto para 1993 pela Constituição Federal. Lamentavelmente, porém, a Fundação Getúlio Vargas não pode assumir o encargo da referida publicação, por motivos de ordem financeira. Esta instituição vê-se obrigada a observar rigorosa contenção de despesas, e sua atividade editorial encontra-se praticamente paralisada".

Ao mesmo amigo – J⁷⁵

Faço votos pela sua saúde e prosperidade. Encontramo-nos em Niterói, em férias.

De Manaus remeteram-me a sua estimada missiva de 19.09.90, que tenho o prazer de acusar.

Agradeço a atenção, lamentando apenas que uma instituição tão vigorosa, como a Fundação Getulio Vargas, não disponha de recursos para uma publicação que, podemos dizer, é de interesse nacional.

Aceite, mais uma vez, os meus protestos de estima e elevado apreço.

75. Carta enviada ao professor Benedicto em 14.10.90. Esta não foi a última correspondência, houve outras encaminhando livros espíritas, ao passo em que reforçava suas teses de defesa do parlamentarismo e de combate ao analfabetismo, demonstrando convicção pelas suas idéias.

A um filho⁷⁶

1.^a Prioridade

- I. Solicitar, oficialmente, à Secretaria de Fazenda do Estado levantamento das importações de gêneros alimentícios, no ano de 1997, com a discriminação dos produtos, contendo nome (arroz; feijão; milho; batata; cebola; macarrão; açúcar;

76. Esta orientação, manuscrita, foi endereçada pelo Botelhão ao coordenador desta brochura, de Icarai, em 25.02.98. À época, iniciava na função de diretor de Planejamento da Suframa, cujo exercício foi até início de 2000. Os temas constituíam o foco de nossos intermináveis diálogos aos sábados, no almoço, e aos domingos, no lanche da noite. Todas as sugestões foi possível adotar por mim e/ou fizeram parte das ações da Suframa por iniciativa de suas sucessivas administrações superiores. Apesar de minhas incursões junto à administração estivesse restrito ao nível operacional, argumentei a tese do porto, que Brasília defendeu não ser atribuição da Suframa, embora esteja consignado em seu orçamento rubrica destinada a infra-estrutura socioeconômica. À época, estava superintendente adjunto de Planejamento (SAP) da Suframa, o Dr. Ozias Rodrigues. Recentemente, já na gestão da SAP pelo Dr. Elilde Menezes, a Suframa estruturou ação em seu Plano Anual de Trabalho visando articulação com o Governo do Estado para a construção de um novo porto, próximo ao Distrito Industrial. Quanto aos estudos, na oportunidade da administração Mauro Costa, a Suframa contratou da Fundação Getulio Vargas/Isae, para delinear as potencialidades regionais, bem como se iniciou financiamento de projetos, cuja tecnologia de gaiolas visavam à domesticação de peixes, junto a cooperativas localizadas nos municípios do Amazonas. De forma objetiva, introduzimos o conceito de projetos de produção como linha de financiamento dentro do programa de interiorização da Suframa, para contribuir com o círculo virtuoso do progresso. Por fim, a Suframa encetou esforços para o levantamento das importações vis à vis saída de recursos do Estado, que os projetos de produção poderão ser úteis. A idéia foi ampliada para o próprio Pólo Industrial de Manaus (PIM), como a sugestão de que as empresas contratassem os serviços gráficos de empresas locais. Portanto, todas as sugestões do Botelhão, não só foram, mas continuam pertinentes.

café; bacalhau; azeite; etc.), valor comercial, procedência e quantidade. Nessas demonstrações, constarão as compras efetuadas dentro do Brasil e também do Exterior. É o caso do bacalhau e do azeite.

- II. Solicitar à Secretaria de Produção levantamento da produção de gêneros alimentícios no Estado, no ano de 1997, contendo nome de cada produto, município produtor, quantidade e valor comercial.

Com as informações em apreço, Antônio José, você vai verificar quantos milhões de reais o Amazonas (ou Manaus) dispense com a compra de gêneros alimentícios em outros Estados.

Com o levantamento da produção no Amazonas, nos vários municípios, você verificará quais os municípios (ou comerciantes produtores) que podem desenvolver e aumentar a sua produção.

Você terá de solicitar a colaboração da Secretaria de Produção do Estado para indicar, nominalmente, quais os comerciantes que podem desenvolver a sua produção.

Aqui entraria a Suframa com o financiamento. A Suframa entregaria ao BEA tantos mil reais ou milhões e o BEA se encarregaria de fazer o financiamento aos agricultores a juros módicos.

1.ª Prioridade

Realizar estudos imediatos para a construção do novo porto, construção que seria financiada com recursos da Suframa, Governo do Estado e Governo Federal. O Governo do Estado pode, inclusive, conseguir um empréstimo no Exterior para cobrir os principais custos ou o valor da sua participação.

1.ª Prioridade

Estudar as leis sobre o meio ambiente em colaboração com o Governo do Estado, que impedem a matança de jacarés, onças, cobras, caititus, lontras, etc.

Antes da criação da Zona Franca de Manaus, a economia do Estado do Amazonas se baseava nos produtos extrativos da flo-

resta, especialmente borracha, castanha, sorva, balata, couros silvestres, que eram exportados para o Exterior (Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, França). O imposto de exportação constituía, na época, a principal receita do Estado.

Os couros silvestres representavam uma considerável receita.

A exportação dos couros silvestres cessou por causa dessas leis sobre o meio ambiente, que, nesse particular, prejudicam o Estado.

Sobre a exportação dos demais produtos (borracha, castanha, sorva, balata), é necessário um entendimento com a Secretaria de Fazenda, para saber quais os setores, quais os municípios, que precisam de financiamento para aumentar a produção.

É claro que o Governo do Estado é o responsável pela economia. A ação da Suframa não é de interferência, mas de colaboração: ajudar com financiamento aos setores de produção que podem ser desenvolvidos ou ampliados, que estejam parados por falta de financiamento.

1ª Prioridade

É sabido que o rio Amazonas é o maior rio piscoso do mundo. Existem países da Europa que possuem poderosas organizações de pesca, bem organizadas, com embarcações próprias, que viajam no alto-mar.

A Suframa, por intermédio dos seus técnicos, poderá, inicialmente, verificar quais as empresas de pesca, organizadas, que existem no Amazonas. Em seguida, conversar com os respectivos empresários sobre a sua produção.

Procurar conhecer as empresas de pesca, organizadas, que existem em outros Estados do Brasil. Verificar qual a maior empresa organizada; verificar o seu equipamento, relacionar esse equipamento. Verificar a sua produção (em reais). Verificar o sistema de trabalho: como operam para apanhar o peixe. Depois desses estudos, ou concomitantemente com os estudos, escolher o empresário ou empresas que desejem desenvolver a produção do pescado através dos métodos modernos.

É claro que, ao lado dos estudos, o futuro empresário terá que saber para quem vai vender a sua produção de peixe, quais os mercados de venda: se vai vender em Manaus ou exportar para outros Estados. Tudo isso terá que ser feito com muita segurança, para que o empreendimento não venha a fracassar.

A maior Prioridade

Antônio José: a construção do novo porto deve ser a maior prioridade. A construção pode ser feita nos moldes do “Roadway” de Manaus, porque a estrutura para o acostamento dos navios repousa sobre grandes bóias (não sei o nome adequado), de sorte que acompanha o fluxo e refluxo das águas. É uma construção admirável. Você pode pedir informações ao escritório da empresa que dirige o serviço portuário de Manaus. Perguntar em que ano foi o “Roadway” construído pelos ingleses.

O superintendente da Suframa terá que conversar com o governador do Estado.

Inicialmente, o governador nomeará uma comissão, formada por representantes do Estado (2) e um representante da Suframa, para se encarregarem dos estudos preliminares. Os três componentes da Comissão devem ser engenheiros. Os estudos preliminares compreendem a escolha de uma empresa idônea (especialista em construção de portos), do Rio de Janeiro ou São Paulo, para conhecer o local do futuro porto, estudar a construção do nosso “Roadway” de Manaus, que pode servir de modelo. Será necessário um vultoso empreendimento.

O ideal será a construção financiada somente pelo Governo do Estado e Suframa, porque o Governo Federal não tem dinheiro. Entraria no Orçamento da União e demoraria muito tempo para ser pago.

O Governo do Estado pode realizar um empréstimo no Exterior para cobrir a sua principal participação, repito.

A construção pode ser feita em três anos. A Suframa reservaria tantos milhões no seu Orçamento, distribuídos em 3 anos.

A empresa escolhida apresentará Orçamento das obras, que poderá ser realizada em três anos, repito.

Antônio José:

A minha vista (olhos) está muito fraca. Por isso, escrevo com certa dificuldade. Faço votos para que a Suframa e o Governo do Estado...⁷⁷

É preciso que seja uma obra bem acabada, que dure milênios, e que seja previsto, na construção, espaço adequado para ampliação...⁷⁸

Um forte abraço do seu pai.

Atenção! O novo porto vai representar um novo “Eldorado” para o Amazonas. Esteja certo disso!

77. Trecho não-legível.

78. Novo trecho não-legível.

A outro amigo⁷⁹

Recebi, no devido tempo, o seu livro *Balada do Morte Sonho*, com o cartão de oferecimento assinado pelo Sr. Paulo Marques. Li, de início, uma parte, e, agora, estou lendo o que faltou.

Conheci-o, Nathan, quando você estudava inglês com a professor Garcia, na av. Sete de Setembro. Eu estudava também inglês, mas não consegui aprender a falar, sem dúvida em consequência de deficiência nos neurônios da memória.

Mas, de longe, acompanhei a sua brilhante trajetória como empresário. Ouvi, várias vezes de pessoas do comércio, tendo lido também nos jornais de Manaus, o relato sobre o “quantum” que a Moto-Importadora recolhia mensalmente ao Tesouro do Estado, referente ao ICM, e que representava uma das maiores contribuições.

A sua empresa beneficiava grande número de empregados, e, como tal, era uma fonte permanente de progresso.

Transcrevo algumas palavras do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de ALLAN KARDEC (cap. XVI – Utilidade Providencial da Riqueza):

Se a riqueza á causa de muitos males, se exacerba tantas más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os

79. Carta enviada ao Sr. Nathan Xavier de Albuquerque em 05.01.88. Esta carta foi alocada na última posição, logo após a anterior, onde o Botelhão se confessa cansado, não por acaso, mas para simbolizar que a sua partida afastou-nos apenas temporariamente, exatamente como consola seu amigo que perdeu o filho prematuramente.

dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que mais útil lhe poderia ser. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se ela não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

Na leitura do seu livro, causou-me admiração as suas qualidades de intelectual, que não imaginava que possuísse. Sobretudo, o conhecimento da história da Antiga Grécia, especialmente os deuses, que menciona a cada passo.

No início do livro, demonstra ser um descrente, isto é, ateu ou materialista. Mas, logo em seguida, sente-se uma modificação no seu entendimento, e você renuncia o nome de Deus (o Criador do Universo) várias vezes.

Como espírita (profiteiro da Doutrina dos espíritos, que é o Cristianismo Redivivo, o “Consolador” prometido por Jesus Cristo), entendo que os sonhos com o seu filho, que você relata, representam os encontros que o seu espírito, desprendido da matéria, manteve com o espírito do seu filho. Quando o corpo somático adormece, o nosso espírito se desprende e ganha o espaço extrafísico. Ou o seu filho veio até você, para falar-lhe, ou você foi à procura dele. Você sabe que o pensamento viaja a mais de 300.000 Km. Por segundo, através do éter cósmico universal. Existe, por isso, uma ligação mental, instantânea, entre o encarnado e o espírito desencarnado.

A saudade que sente, representada pelo imenso amor ao seu filho, é natural. Contudo, é necessário compreender que o seu filho continua a viver na Erraticidade ou Mundo dos Espíritos.⁸⁰ Todos

80. Ratificamos o que foi dito na Nota do Organizador desta brochura, de que nutrimos esperança de voltar a abraçar e beijar o Botelhão numa outra oportunidade, quando formos os dois espíritos viventes na erraticidade. Até porque dizia, que não gostaríamos de nos relacionarmos como homens com espíritos, no sentido do exercício do livre-arbítrio ou da liberdade em cada plano de existência. De qualquer sorte, dizia sempre a ele que fosse me resgatar dos umbrais – espaço espiritual de sofrimento por erros cometidos numa existência, perdidas as oportunidades de recuperação cármica. Rindo, abertamente, dizia que sim, que iria me ajudar. Portanto, sua concepção de pai estava presente até mesmo numa oportunidade de vida em outra dimensão.

nós, seres humanos, somos espíritos imortais, e nos encontramos no planeta Terra em aprendizado, em missão ou em expiação por erros cometidos em vidas pregressas.

Cumpra, assim, que compreendamos o mecanismo das “vidas sucessivas” ou da lei da reencarnação, ao qual todos nós estamos sujeitos para o progresso constante do nosso espírito.

Diante da familiaridade que demonstra com as coisas da Grécia Antiga, sendo estudioso, como o foi o seu venerando pai, é possível que você, o Dr. Xavier de Albuquerque, seus irmãos, seus filhos, tenham encarnados na Hélade em época remotas, e tenham reencarnado no Brasil, neste século, para ajudar o progresso do nosso País.

Importa, assim, que retire se seu coração, da sua mente, o desespero pela perda temporária de seu filho. Não sabemos os desígnios da Espiritualidade Superior, que age de acordo com as leis soberanas de Deus, o Criador de todas as coisas.

Aproveito a oportunidade para oferecer-lhe o *Livro dos Espíritos*, de ALLAN KARDEC.

Aceite um cordial abraço do amigo, com votos de paz e prosperidade junto aos seus. Que as bênçãos de Jesus se derramem sobre o seu espírito, para sentir e compreender a grandiosidade e a perfeição das Leis do Criador do Universo.

Posfácio⁸¹

A Vida conduziu-me à doutrina espírita e ao encontro da pessoa do senhor Sebastião Botelho Júnior, que se fez seguidor da codificação dos espíritos desde antes da minha reencarnação há 37 anos, e com quem por algumas vezes, tive a feliz oportunidade de discutir sobre a imortalidade da alma. Era gratificante perceber a alegria estampada em seu rosto ao constatar que eu já havia lido alguns livros dos quais ele mais gostava (nosso lar, missionários da luz, obreiros da vida eterna, os mensageiros, ave Cristo, há 2000 anos, Paulo e Estevão... e outros), parecia que sua alma confortava-se em saber que a doutrina que abraçara com tanto amor, continuava crescendo e a prova disso, era aquele jovem médico e confrade, que assim como ele, buscava a reforma interior.

Impossível, nada o é! Morto está aquele que assim o crê. Morto está aquele que não batalha, que não trabalha pelo bem do próximo. Morto está todo aquele que semeia o furor do combate: aquele que é imediatista; que rega a vida com o sangue do irmão... morto, é pois, todo aquele que ainda não aprendeu a amar!

Continuar a acreditar que: “morrer é o termo”, revelar-se-nos-á a ignorância finalística e o atraso moral. Se a morte fosse mesmo o fim, em vão seriam todas as leis e os profetas, as escrituras e as religiões, todas as grandes almas, suas missões e o próprio Cristo.

81. Baseado nos livros *Em busca do eterno amor*, autor Sérgio Luís, pelo espírito Francisco, Editora DPL, *Sob as mãos da misericórdia*, autor André Luiz Ruiz, pelo espírito Lucius, Editora IDE e *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, Editora Petit. Nota do signatário deste Posfácio.

Seria pôr numa lixeira existências de sofrimentos, pesares, dores. Seriam para nada todos os conhecimentos adquiridos, conquistas materiais e valores espirituais as virtudes. Certamente, em sendo a humanidade pecadora e imperfeita, todos, à exceção do Cordeiro Divino e suas almas celestiais, estaríamos fadados ao “padecimento eterno”, bem contrário ao que Ele, Jesus, nos quis mostrar com a afirmação: “Meu reino não é deste mundo”. Se não existissem essas outras “moradas na casa de nosso Pai que está nos céus”, até mesmo a missão do Cristo seria o próprio contra-senso. Não teria sentido!

A fé no porvir, caros irmãos, nos conduzirá à paciência e à compreensão acerca de nossas dores atuais, aceitando-as com mais resignação.

Essas compensações de uma vida futura, de um reino “que não é deste mundo” revela-nos toda a filosofia do após vida material. Deus, sendo justo, não relegaria leis injustas a Seus filhos, a ponto de premiar com honras, toda ovelha que agisse com maldade ou vício. Sofremos hoje, é porque, no ontem, fizemos sofrer. Eis aí o: “pela espada pereceremos”, eis aí o: “olho por olho” da lei... Não a nossa lei humana, imperfeita e parcial, mas a Lei de Deus que é sábia e justa, que nos vigia nas menores quedas tanto quanto nos considera nas mais nobres atitudes, mesmo quando insignificantes aos olhares humanos, e que será cumprida até o último ceutil.

Podem pensar as pessoas de hoje que segundo as aparências, o importante nesta existência é a conquista e bens e poderes, cujo desfrute compensará todas as mazelas, crimes e violações que foram necessários produzir para obter as tão sonhadas vantagens.

Profissionais ansiosos por riquezas e prazeres que espoliam seus clientes; advogados corruptos que enganam os que lhes confiaram seus pobres direitos, entregando-lhes, como pagamento, pequena porção daquilo que lhes pertence e retendo para si sob o pomposo nome de honorários a maior parte daquilo que deveria estar nas mãos dos verdadeiros proprietários. Médicos ávidos por dirigir carros símbolo de “status” a estabelecerem atendimento indiferente e priorizarem os que lhes podem pagar,

relegando a dor dos pobres ao patamar inferior até mesmo à dor dos animais.

Políticos de todas as épocas e nações buscando o apoio dos humildes e lhes oferecendo esperanças vãs, nas promessas brilhantes que se frustram tão logo eleitos, interessados nos desvios de recursos, no favorecimento de seus apaniguados, na nomeação de seus parentes e amigos, na edificação da rede de sustentação econômico-financeira que lhes dará suporte para a continuidade dos desatinos e das falcaturas, desde que todos saiam aquinhoados e encontrem as vantagens que procuram.

Professores que desencaminham seus alunos, deixando de lhes ensinar o que poderiam, explorando-lhes a falta de base, descontentes que se acham com os recursos que recebem em troca dos esforços que empenham. Religiosos que vendem artigos de fé e se aproveitam do desespero dos que sofrem para tirar-lhes as esperanças e os bolsos, estabelecendo a chantagem emocional, valendo-se da figura de satanás como instrumento de pressão e intimidação. Igrejas que enganam fiéis absolvendo-os de seus pecados desde que reconheçam válidos os rituais da crença com os quais dizem garantir um lugar no Paraíso.

Comerciantes que trazem imagens religiosas penduradas nas paredes de suas lojas ou que batizam seus negócios com nomes dos santos de sua crença, mas que, em verdade, são donos de verdadeiros abatedouros de vítimas inocentes porque não fazem outra coisa senão espoliar ingênuos, fraudando o peso, a qualidade e o valor das mercadorias, cobrando valores absurdamente elevados por coisas absurdamente baratas e reconhecendo como virtude ou talento comercial aquilo que, certamente, Jesus chamaria de peçonha ou podridão.

Empresários que espoliam funcionários, que dão golpes em fornecedores e desaparecem sob o manto da falência, funcionários que deveriam respeitar a justiça que dizem incorporar sob suas togas austeras, mas que usam de seus poderes para inclinar a espada da justiça na direção de interesses menores.

Empreiteiros que corrompem recursos desviando dinheiro público para seus bolsos espertos e insaciáveis, deixando de ampliar os benefícios de obras de saneamento, de urbanização, de interesse

do povo porque seu interesse individual de lucro e a sanha desmedida de ganhar mais e mais tornou insuficientes os recursos que tinham sido colocados como bastantes para as obras.

Fabricantes de medicamentos que fraudam o conteúdo de remédios ou que multiplicam absurdamente os poucos centavos de seu custo verdadeiro, fazendo-os chegar às mãos dos enfermos por preço milhares de vezes maior do que o que lhes custou a sua fabricação.

Exploradores de fraquezas humanas, que multiplicam negócios escusos para oferecer aos fracos a oportunidade de caírem ainda mais no charco dos próprios defeitos, vendendo bebidas, oferecendo jogatinas, favorecendo o tráfico de drogas, explorando a sexualidade com a permissividade que estimula o prazer através de lugares que o favorecem, de propagandas que o enalteçam, de campanhas que tornem o seu exercício a demonstração do poder ou da capacidade de quem o vivencia.

Publicitários de todas as mídias que homenageiam a degradação para que não lhes falte a audiência e que, para obter o interesse de patrocinadores, permitem que a depravação e os maus instintos sejam apresentados como coisas dignas de elogio ou de divulgação, formando opiniões nos espectadores ingênuos, semeando condutas desonrosas como se fossem coisas normais, traduzindo na linguagem da normalidade social aquilo que representa a degradação da personalidade, explorando as fraquezas emocionais e morais daqueles que, desejando uma diversão inocente que lhes atenuem as preocupações de um dia de trabalho exaustivo, se postem diante da televisão ou busquem alguma informação em revistas ou jornais circulantes.

Atravessadores que freqüentam mercados e entrepostos na madrugada e perante os quais o produtor do campo vai negociar, ansiosamente, a produção que precisa ser vendida para que não se estrague em suas mãos, perdendo o fruto de seu suor. E depois de terem recebido a mercadoria por preço o mais baixo possível, se sentem no direito de multiplicá-lo sem escrúpulos, a fim de que outros venham a adquirir a mesma cenoura pra levá-la à feira na cidade, onde o seu preço novamente será multiplicado, até que os gananciosos que não derramaram nenhuma gota de suor se sin-

tam felicitados pelo ganhos com a exploração injusta do trabalho alheio.

Homens estudados esmerando-se em fraudar tributos, aconselhando meios de ganhar sem serem alcançados pelas vistas fiscais ou favorecendo com armações e esquemas a remessa de recursos para longe dos países onde deveriam estar sendo investidos para a produção de novos recursos e a diminuição dos dramas do desemprego.

Corporações dirigidas por pessoas inteligentes tornam-se verdadeiros leviatãs sem alma, exigindo o sangue de lucros e metas sempre maiores, não importando se isso vai inviabilizar a manutenção de postos de trabalho e salários de famílias.

Escritores que se vendem ao gosto dos leitores ávidos por se reconhecerem nos dramas do sexo sem freios, das insatisfações amorosas, das falências morais de todos os tipos, a fim de que seu livro seja considerado na lista dos mais vendidos e possa espalhar o seu lixo moral a troco das moedas que farão a tranquilidade dele e de sua família. Sim, porque muitos deles prezam a própria família e seus laços afetivos, ainda que o livro que escreveram tenha pervertido a família alheia e destruído com maus exemplos, os liames de afeto na mente dos leitores.

Editores que desejam conseguir os lucros que lhes propiciam as mesmas regalias, enaltecem a podridão e o mau odor literário, buscando enfiar goela abaixo algum novo lançamento que produza o interesse nas pessoas, mesmo que as aconselhe com imagens nocivas, que lhes estimule a queda ou a manutenção de condutas equivocadas.

Seria infinda a listagem dos comportamentos considerados "normais" na maioria dos que compõem a sociedade de hoje, mas que não passam de repetição criminosa de condutas que frustram sonhos, usam pessoas, corrompem crenças, associam-se para o crime, enganam ou ludibriam, dissimulam ou roubam, vendem-se ou compram, corrompem ou aceitam a corrupção.

A Lei Soberana do Universo, entretanto, sabe tudo e tudo conhece todos os mais ocultos pensamentos, sentimentos e gestos.

Desse modo, não é porque o magistrado nos concedeu ganho de causa, que essa absolvição represente a verdadeira inocência.

Não nos iludamos achando que, porque ninguém descobriu nossa estratégia espoliativa ou que, pelo fato de nossas próprias vítimas nos terem perdoado, estaremos quites com a Lei e nada mais devamos. E com isso, continuemos com nossos excessos da carne, nos prazeres e descansos, desfrutes e passeios, gastos e caprichos, nos afastando das linhas retas que havíamos traçado para nós próprios, aprofundando nossas raízes na terra pobre de nossos defeitos.

Quanto mais enraizados no mundo, mais difícil será nos vermos arrancados dele para as coisas do Céu.

Seremos apenas árvores que crescem para o alto, mas que jamais deixam o solo.

Há poucos séculos, queimava-se um homem por acreditar que redondo era nosso Planeta. No início do século retrasado, falar no avião era um absurdo, passível de gozação. Não menos que setenta anos atrás, computador era uma quimera mencionada apenas em gibis. O que dizer das grandes e inexplicáveis verdades espirituais?

Elas existem! Sempre existiram, com sua origem a se perder na noite dos tempos. Poderemos até mesmo engendrar novas guerras religiosas em nome dessas verdades. O fato é que estão aí para quem “tiver olhos para ver o ouvidos para ouvir”.

Tempo haverá em que nossa ciência, suplantando o temor e o fanatismo religioso, elucidará fenômenos tidos como bruxarias ou “sobrenaturalismos”; retirará o véu de certos mistérios, dando lugar ao bom senso e à lógica, que nos farão enxergar para mais além, da ínfima proporção que a nossa capacidade cerebral pode perceber. Isso está nos projetos de Deus e toda a Lei há de se cumprir.

Assim, quando lembramos do nosso saudoso Sebastião Botelho, em sua jornada terrena, podemos nos recordar da resposta dada a quarta questão do livro dos espíritos, quando Kardec pergunta ao espírito de Verdade, onde podemos encontrar prova da existência de Deus, e ele responde: Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. E da questão nona, (onde é que se vê na causa primária a manifestação de uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?) que tem

como resposta: Tendes um provérbio que diz “Pela obra reconhece-se o autor.” Pois bem: olhai para a obra e procurai o autor. Guardadas as devidas proporções, pode-se dizer que, se quisermos saber quem foi o Botelhão (como seus filhos o chamavam e chamam) basta olhar para a sua família. Ele e a Elizoca (como carinhosamente é chamada dona Eliza, sua querida e eterna esposa) ao longo de mais de seis décadas de união, forjaram, através do amor e respeito mútuo, a base da felicidade no núcleo familiar. Hoje, esses dois personagens dessa linda história de amor podem orgulhar-se de entregar para a vida, após dar o melhor de si, seguindo os passos do doce Rabi da Galiléia, servindo a Deus e não a Mamom, os amados filhos e seus respectivos descendentes, tesouros, que durante muito tempo lhes foram confiados à guarda e ao burilamento. E ao despedir-se da veste carnal, nosso querido irmão vai como a ave, que visita o solo de vez em quando, caminha sobre ele, constrói seu ninho, alimenta-se na terra, mas que fagueira e livre, pode bater as asas e voar para o Céu sem que nada a amarre no cativeiro do mundo.

Ronaldo Pinto, abril de 2006.

Apêndice

Vida Social, Profissional e Familiar

Autobiografia de Sebastião Botelho Júnior⁸²

Vim ao mundo terreno no dia 27 de janeiro de 1917, no lugar denominado HUEPURANGA-RO, situado à margem direita do rio Madeira, distante 10 a 15 horas de motor, da cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, antigo Território Federal do Guaporé.

Meu pai Sebastião Soares Botelho e minha mãe Rachel Fara-che Botelho, ambos nascidos e criados no Estado do Amazonas, já falecidos.

Nessa época (1917), Humaitá era considerado o município mais importante do Estado do Amazonas por causa da sua produção de borracha e castanha, que suplantava a dos demais municípios. A área territorial de Humaitá englobava parte das terras que passaram posteriormente para o município de Porto Velho. Porto Velho e todas as outras terras que compõem hoje o estado de Rondônia pertenciam ao Estado do Amazonas, imensa área territorial, ainda hoje, parcialmente explorada.

82. Digitalização sob a responsabilidade Sebastião Neto, quarto filho do Botelhão, com a ajuda de seus filhos Thiago e Marcella, netos do Botelhão. Fizemos, apenas, pequenos ajustes, mantendo na íntegra as palavras escritas pelo Botelhão. Escrito, todavia, incompleto, conforme registramos na orelha.

Com a queda do preço da borracha, Humaitá deixou de deter a supremacia como o mais importante município do Estado do Amazonas.

Nos faustos da borracha silvestre, cuja produção da Amazônia propiciava uma renda considerada para o Tesouro Nacional, nos anos de 1880 a 1911, vieram para o Amazonas, especialmente para Humaitá, homens ilustres, que se destacaram como advogados e médicos. Procuravam a cidade de Humaitá porque lá corria dinheiro.

O lugar Huepuranga era de propriedade do meu pai. Possuía Huepuranga pequeno seringal, cuja produção também era pequena, não permitindo que meu pai amealhasse grandes lucros.

Meu pai era filho de Manoel Soares Botelho e Floriana Botelho. O meu avô Manoel Soares Botelho possuía no rio Madeira algumas propriedades entre elas um lugar denominado Pupunhas, localizado numa ilha de grande extensão territorial.

Meu avô casou-se duas vezes. A primeira com Floriana Pantoja Botelho; quem a conheceu dizia que era de cor branca e tinha olhos azuis. Desse matrimônio surgiram seis filhos: Antônio Soares Botelho (o mais velho), Teófilo Soares Botelho, Manoel Soares Botelho Filho, Maria Guiomar Botelho da Gama e Silva, Josefina Botelho Maia e Sebastião Soares Botelho, meu pai (o caçula), todos já falecidos.

Nas segundas núpcias, casou-se com Ana Pantoja Botelho. Desse matrimônio nasceram os seguintes filhos: Felipe Soares Botelho, Manoel Soares Botelho (Manuelzinho), Julieta Botelho Ferreira, Guilhermina Botelho das Neves, Romeu Soares Botelho, Raimunda Botelho Paiva (Mundica), Serafim Botelho e Úrsula Botelho Monteiro, infelizmente todos falecidos.

Em 1920 (tinha eu três anos de idade), meu pai, atendendo a um pedido de sua madrasta, Ana Pantoja Botelho, que enviudara com a morte de meu avô, transferiu-se para Pupunhas, para tomar conta dos negócios como gerente geral.

Pupunhas, antiga moradia e sede de negócios do meu avô era um lugar aprazível. Possuía um prédio de alvenaria, estilo colonial, construído numa grande área, com várias salas e quartos, sendo a residência de meus avós. Hoje, na linguagem atual seria consi-

derado um "palacete". Possuía a residência um forno para fabricação de pão. No quintal havia muitas árvores frutíferas.

No interior do Estado do Amazonas é comum os nossos caboclos, os nossos coestaduanos, manterem pequenas plantações, hortaliças, limoeiros, mamoeiros, laranjeiras, bananeiras, cajueiros, cupuaçuzeiros, cujos frutos ajudam a compor a alimentação.

Possuía Pupunhas, ao lado do prédio residencial, um prédio de alvenaria bastante amplo, que servia de escritório e depósito de mercadorias e produtos regionais. Lembro-me de haver estado nesse depósito, quando menino, mais de uma vez ao lado do meu pai.

Possuía Pupunhas, um prédio oficina amplo, aberto nos lados que se destinava a reparos de embarcações. Em seguida, numa área bastante ampla, havia um casarão construído de madeira, coberto de palha, com sala para escritório, sala de refeições, vários quartos de dormir e despensa. Apesar de madeira e coberto de palha, era um prédio confortável. Aí residiam todos: meu pai, minha mãe e meus irmãos: Judith Botelho, Floriana Botelho (branca), Dolores Botelho, Sebastião Madeira Botelho (Madeirinha) e Sebastiana Botelho (a caçula). Morava conosco um rapaz peruano, de nome Diogo, que minha mãe mantinha em nossa casa para o atendimento de serviços domésticos.

Além do Diogo, residia em nossa casa uma moça de nome Arminda que ajudava nos serviços domésticos, era muito dedicada à minha mãe. Arminda era tratada como se fosse irmã, diante da dedicação que tinha por todos nós.

O Diogo, peruano, que executava serviços domésticos em nossa casa era uma figura interessante. Não possuía instrução, era analfabeto. Porém, eficiente trabalhador e tinha bom coração. Um dos serviços que executava era o de carregar água da margem do rio Madeira para a nossa casa, que não possuía instalação hidráulica. O Diogo era também caçador. Caçava na floresta. Certa feita foi à caça, não regressando na hora costumeira. Minha mãe calculava que voltasse à noite. Não voltou, regressando somente no dia seguinte. Explicou que em consequência da escuridão da floresta, perdeu-se, não acertando o caminho de volta. Resolveu subir numa árvore alta e dormir trepado na árvore. Assim fez, porque na floresta escura poderia ser atacado por uma onça.

Por duas vezes o Diogo salvou a minha vida. Escapei de morrer afogado. Na primeira vez, estava tomando banho na margem do rio Madeira. Descuidei-me e a forte correnteza me carregou. Se não fosse o Diogo, teria morrido afogado, pois não sabia nadar. Da outra vez, estávamos tomando banho numa pequena praia que surgiu quase no meio do rio Madeira, em conseqüência da vazante do rio. Descuidei-me. Caí num buraco, que me levaria para o fundo por causa da forte correnteza. O Diogo estava presente e me salvou. Não me lembro da idade que tinha na época. Calculo entre sete e oito anos de idade.

Na residência de meus avós havia luz elétrica. Em nossa residência não havia luz elétrica. Minha mãe usava candeeiros, que consumiam querosene. Lembro-me perfeitamente que na hora de dormir, à noite, minha mãe reunia os filhos na sala de jantar para as orações. Um costume de grande valia a prática da oração, da prece nas casas dos seringalistas e nas dos próprios seringueiros no interior porque a oração a Deus ou a Jesus Cristo protege e ajuda a todos aqueles que têm fé em um Poder Superior.

No quintal de nossa residência, minha mãe mantinha galinheiros para guarda das aves à noite. Havia criação de galinhas, patos e produção de ovos. Havia também criação de suínos. Em nossa casa, graças a Deus não faltava comida.

Meu pai tinha um “pescador” que realizava pescas na outra margem do rio Madeira, num lago. Havia também a caça na floresta, na mata de pacas, cutias ou veados, que representava um pequeno acréscimo na alimentação.

Para o café da manhã, minha mãe preparava o cuscuz, a banana frita, o jerimun cozido, a tapioca. Não havia pão. O forno que preparava o pão na residência da minha avó, agora viúva, foi desativada.

De Humaitá que dista de Pupunhas cerca de 10 a 15 horas, vinham vendedores ambulantes, em pequenas embarcações de motor, que traziam pão para venda. Era uma festa comer o pão de trigo!

Em Pupunhas existia uma enorme depressão entre as residências e a margem do rio Madeira.

Na época das enchentes, essa depressão ficava completamente alagada. As águas subiam talvez mais de 100 centímetros.

Usavam-se canoas para o contato com as pessoas de várias residências. Não em lembro do tempo que duravam essas enchentes. Era uma diversão olhar uma grande área de Pupunhas completamente alagada.

Perto da residência dos meus avós, em Pupunhas, numa pequena área cercada por varões de ferro, encontrava-se o campo onde foram sepultados os restos mortais do meu avô Manoel Soares Botelho, da minha primeira avó Floriana Pantoja Botelho e do meu tio Teófilo Botelho. Segundo as versões existentes, o meu tio Teófilo Botelho, que possuía seringal no rio Purus, denominado “Bom Intuito”, veio para Pupunhas à chamado da minha segunda avó – Ana Pantoja Botelho – para gerenciar os negócios da família, em face do recente falecimento do meu avô. Infelizmente, o nosso tio Teófilo viera doente do rio Purus, vindo a falecer em Pupunhas. O sepulcro do meu avô, todo em mármore, continha a efígie de Jesus Cristo. Belo sepulcro, que demonstrava o zelo de nossa segunda avó para com o esposo falecido.

Na qualidade de gerente de Pupunhas, meu pai mantinha transações com a firma B. Levy & Cia., cuja sede era em Manaus, na rua Guilherme Moreira, com depósito na rua Marcílio Dias. A firma B. Levy & Cia., proprietária do navio “Rio Jamarý”, realizava viagens de Manaus a Porto Velho, pelo rio Madeira, abastecendo os seus fregueses de mercadorias de consumo e recebendo, em troca, borracha, castanha e outros gêneros.

Nessa época existiam outras embarcações, que percorriam o rio Madeira, comprando produtos regionais e vendendo mercadorias de consumo. O Amazonas produzia borracha, castanha, couros silvestres, batata e madeiras que eram exportados para o exterior. A receita do Estado, nesse tempo, tinha por base a exportação de produtos regionais para o exterior.

Entre as embarcações, que trafegavam o rio Madeira, destacavam-se os navios da Amazon River Navigation Company, que percorriam quase todos os rios do Estado do Amazonas, chegando até Belém. Os navios dessa empresa eram de fabricação inglesa, construídos especialmente para navegar nos rios do Amazonas. Ótimas embarcações davam o máximo conforto e segurança aos passageiros. Compunham uma frota respeitável:

Belo horizonte, Aymoré , Tupy, Andirá e Tefé. Viajei em algum desses navios, de Manaus para Pupunhas e vice-versa, na época das férias.

Aconteceu um acidente com o meu pai que não sei precisar a data. Foi muito antes do meu pai transferir-se para Pupunhas. No interior é comum os caçadores colocarem armadilhas para abaterem a caça. Meu pai também gostava de caçar. Não sabia da existência da armadilha que fora colocada na mata para abater qualquer caça, fosse cutia, paca, veado, porco-do-mato. Passando pela vereda onde se encontrava a armadilha, meu pai pisou nela, levando um tiro na coxa do lado direito. Foi levado para o Hospital da Candelária em Porto Velho, onde sofreu a cirurgia, extraindo-se o projétil. Nesse tempo não existia antibiótico, nem soro, nem sangue.

Este acidente contribui, sem dúvida, para redução do tônus vital do organismo do meu pai, que adquiriu mais tarde, uma doença grave (tuberculose). Atacado por essa terrível moléstia, sem tratamento eficaz, pois não existiam os antibióticos de hoje, meu pai foi trazido para Manaus, onde veio a falecer no dia 30/09/1925, aos 45 anos de idade. Tinha eu nessa época nove anos de idade. A minha tia Maria Guiomar falecera no ano anterior. Havia muita afinidade e grande afeição entre o meu pai e minha tia Maria Guiomar.

Eu morava na residência da minha tia – Maria Guiomar Botelho da Gama e Silva – casada com o professor Raimundo da Gama e Silva. A residência era na rua Monsenhor Coutinho, n.º27.

É um dever ressaltar neste momento, a imensa bondade da minha tia e do meu tio Silva. Corações boníssimos. Pela residência da minha tia, vindo do rio Madeira, passaram os seus sobrinhos, que vieram para Manaus para estudar: Dr. Álvaro Maia, Dr. Antônio Maia, Judith Botelho, Edmundo Botelho, e eu, Sebastião Botelho Júnior (Sabá), conhecido em criança sob o apelido de Sabazinho.

Não me lembro da minha idade quando vim de Pupunhas para Manaus para estudar. Calculo entre 6 e 8 anos. Quando meu pai faleceu, tinha 9 anos de idade.

Quando cheguei a Manaus, vindo de Pupunhas, moravam com a tia Guiomar, as duas filhas, Graziela e Heloísa, já moças, soltei-

ras, que estudavam no Ginásio Amazonense Pedro II e o filho mais novo, José Francisco, que se formou mais tarde em Medicina, pela Universidade do Rio de Janeiro, tornando-se o Dr. José Francisco de Gama e Silva, médico competente, pediatras, que era muito conhecido e estimado em Manaus.

A minha tia Guiomar, na união matrimonial com o tio Silva, teve seis filhos: Raimundo Botelho da Silva (mais velho), Rui Gama e Silva, Edgar Gama e Silva, Graziela e Heloísa Gama e Silva e José Francisco da Gama e Silva. O Edgar Gama e Silva nasceu em Lisboa (Portugal), numa viagem de passeio que o tio Silva realizou com os filhos.

O Raimundo ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, mas foi pouco feliz. Teve de regressar a Manaus, porque não obteve aprovação no 1.º ou 2.º anos e não pode a repetir. Mas conhecia profundamente a Matemática e era um moço competente. Quando regressou a Manaus, já o tio Silva havia transferido a residência (da rua Monsenhor Coutinho) para a rua Luís Antony.

Tinha eu concluído o 2.º da Escola Técnica de Comércio “Sólon de Lucena”, quando por sugestão do Rui Gama e Silva, meu primo, que se encontrava em Manaus nessa época, submeti-me ao exame de admissão para o Ginásio Amazonense “Pedro II”. Não sei o ano em que ocorreu esse fato.

O Rui Gama e Silva transferiu-se para São Paulo, onde se formou em Direito. Não sei o ano em que mudou-se para São Paulo.

A minha irmã Judith veio para Manaus depois de mim, morando também na residência da minha tia Guiomar, na rua Monsenhor Coutinho. Eu e Judith fizemos o curso primário no Grupo Escolar “Barão do Rio Branco”, que funcionava no alto do prédio do Ginásio Amazonense Pedro II, hoje com a denominação de Colégio Estadual. Lembro-me perfeitamente de alguns fatos. A nossa professora foi a D. Francisca.

Fiz exame de admissão para ingressar na Escola Técnica de Comércio “Sólon de Lucena”, em 1928. A Escola funcionava à noite no prédio de um grupo escolar, na rua José Clemente, esquina com a Eduardo Ribeiro. O curso era de Contador em cinco anos. No 1.º ano as matérias eram as seguintes: Matemática, Português, Inglês, Francês, e Geografia. Com os professores

mais eficientes, destacavam-se o professor Alencar (Matemática) e José Estevam (Português). No quinto e último ano, entre outras matérias, tínhamos Contabilidade, que era ministrada pelo Professor Raimundo Gama e Silva (meu tio) e Economia Política que era ministrada pelo Dr. Raimundo Nogueira. O diretor da Escola Técnica de Comércio “Sólón de Lucena” durante esse tempo, foi o Dr. José Mateus Barbosa de Amorim. O secretário da Escola (encarregado da parte administrativa) era o Dr. Oscar Rayol. Não fui um aluno estudioso. Estudava para passar nos exames e aprender alguma coisa. Todavia gostava de Português, matéria lecionada pelo professor José Estevam. Não me aprofundava no estudo das disciplinas. Terminei o curso em 1932, com 15 anos de idade.

Tinha eu concluído o 2.º ano da Escola Técnica de Comércio “Sólón de Lucena” (1930), estava com 13 anos. Por sugestão do meu primo Rui Gama e Silva, que se encontrava em Manaus nessa época, fiz exame de admissão para o Ginásio Amazonense Pedro II. Sendo aprovado, ingressei no 1.º ano. Cursei os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano normalmente. As aulas eram pela manhã. No 4.º ano (1933) estava com 16 anos de idade. Meu tio, professor Raimundo da Gama e Silva no fim do ano de 1933, conseguiu um emprego para mim na Delegacia Fiscal do Norte de Mato Grosso, cuja sede era na rua Quintino Bocaiúva, em Manaus. Esta Delegacia superintendia a arrecadação dos tributos devidos ao Estado do Mato Grosso nas áreas que se limitavam com o Estado do Amazonas. O meu cargo era guarda-fiscal da exatoria de Guajará-Mirim, porém fiquei sediado em Manaus. O Governo do Estado de Mato Grosso transferiu, em fins de 1933, a sede da Delegacia para a cidade de Guajará Mirim, que, nessa época, era o ponto terminal da estrada Madeira-Mamoré. Fui obrigado, então, a viajar para Guajará-Mirim, em princípio de 1934, a fim de trabalhar na exatoria daquela cidade. Dentro de poucos meses instalava-se na cidade de Guajará-Mirim, a sede da Delegacia Fiscal do Norte de Mato Grosso. Passei, então, a trabalhar na nova sede.

O meu serviço era simples: conferir os balancetes que eram remetidos pelas exatorias e datilografar um documento com a classificação dos tributos. Em fins do ano de 1934, o tio Silva escreveu-me dizendo que ia ser o diretor regional do Instituto de

Aposentadoria e Pensões dos Comerciários. Convidando-me para retornar a Manaus. Em princípios de 1935 retornei a Manaus. Por indicação do tio Silva fui nomeado para o cargo de 2.º Escriuário do novo Instituto em junho/1935. Estava com 18 anos de idade.

Tendo concluído o 4.º ano do Ginásio Amazonense Pedro II em 1933, em 1934 cursaria o 5.º ano. Perdi o ano de 1934 porque me encontrava em Gujará-Mirim

Retornando a Manaus em princípios de 1935, fiz a minha inscrição no 5.º ano. As aulas eram pela manhã. O expediente na Delegacia Regional do Instituto dos Comerciários era das 12 às 18 horas, o que permitia que eu estudasse pela manhã. A Delegacia Regional possuía as seguintes seções: Tesouraria, Serviços Gerais, Fiscalização, Benefícios e Contabilidade. Inicialmente, trabalhei na Seção de Fiscalização. Posteriormente, chefiar a Seção de Fiscalização e também a Seção de Serviços Gerais.

Muito antes do exercício das chefias, prestei serviços na Seção de Contabilidade. Tomei conta do serviço de contabilizações das operações de caixa e extra-caixa.

Os lançamentos eram datilografados em pequenas fichas, em duas vias. As segundas vias eram enviadas à Contadoria-Geral do Instituto, no Rio de Janeiro. As primeiras vias eram encadernadas, por mês de competência, e representavam o "Diário Analítico", ficando arquivadas na Delegacia Regional. A Tesouraria preenchia diariamente um "Boletim de Caixa" em duas vias, remetendo a 1.ª via para a Seção de Contabilidade, para a conferência, anexando os comprovantes de pagamentos.

Em 1944 fui designado para a função de Chefe da Seção de Contabilidade da Delegacia do Instituto dos Comerciários, onde trabalhei até o ano de 1947. Gozava da estima do contador-geral. A sede do IAPC era na cidade do Rio de Janeiro. Nessa época, nos cursos universitários do Brasil, não havia o curso de contador, nem de Economista. Em Manaus, o curso de Direito era o único que existia.

Havia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, nessa época, cursos especiais de economia e finanças, que eu desejava fazer. Poderia eu conseguir uma transferência, como funcionário do IAPC, pra o Rio ou São Paulo e realizar aqueles cursos. Mas não me esforcei

nesse sentido. Em outubro de 1947 dei uma cabeçada, pedindo demissão do IAPC, para trabalhar por conta própria como contador. Não estava, sem dúvida, com as minhas idéias em ordem, para tomar uma atitude drástica, como essa de pedir de pedir demissão de um cargo que desempenhava com eficiência, gozando do respeito e amizade dos colegas que trabalhavam na Delegacia do IAPC em Manaus. E mais do que isto: gozando da estima de contador-fiscal. Arrependi-me profundamente dessa atitude, que me causou grandes dificuldades financeiras. Em março/1954 fui nomeado auditor-contábil de supervisão do plano de valorização da economia do Amazonas (SPVEA) com sede em Manaus, pelo Dr. Arthur César Ferreira Reis, primeiro superintendente do órgão. As dificuldades financeiras cessaram e eu passei a trabalhar e a viver mais tranqüilo.

Em 1942, fui contratado pelo diretor da Escola Técnica de Comércio "Sólón de Lucena", professor Thales de Menezes Loureiro para lecionar as cadeiras de Contabilidade Geral, Contabilidade Comercial, Prática de Escritório e Escrituração Mercantil. Antes já lecionava na referida escola, que era mantida pela Prefeitura Municipal de Manaus. Em 1942 houve transferência de administração da Escola para o Governo do Estado, com os respectivos encargos financeiros pois a Prefeitura Municipal de Manaus, nessa época possuía poucos recursos e tinha dificuldades para a manutenção da Escola.

Em 1941, contrai matrimônio com a minha atual esposa, Maria Eliza Lopes Botelho, de nacionalidade portuguesa, filha de José Donato Lopes e Maria da Glória Lopes. Tinha a minha esposa 19 anos de idade. Fomos residir na rua Bernardo Ramos, onde também tinham residência os pais de Eliza. Da rua Bernardo Ramos mudamos para a rua Luís Antony, 227. No ano de 1942 faleceu o meu sogro, José Donato Lopes. A minha esposa de proceder corretíssimo, possui elevados sentimentos de bondade, que derramou sobre todos os seus filhos. Sobretudo, teve a paciência de aturar o seu marido, que a meu ver, não deu a ela, ao longo dos anos, todo o conforto que merecia e merece.

Na rua Bernardo Ramos, nasceu em 8//12/1941 a primeira filha, Maria da Conceição, que se casou (já na rua Luís Antony) com o

Dr. José César Augusto de Castro, amazonense, engenheiro civil. Residem atualmente no Rio de Janeiro e têm quatro filhos: Maria Luiza, Ullisses, José Eduardo e José Augusto. O meu sogro, José Donato Lopes, naquela data ainda se encontrava vivo, tendo alegria de beijar a sua neta. Maria da Conceição é inteligente, arguta, porém pouco ambicionava. Não quis procurar emprego porque seu esposo ganhava o suficiente. Muito alegre, otimista, sente prazer nas festas sociais, onde se encontra com pessoas amigas.

Na Bernardo Ramos, nasceu também a Maria da Glória no dia 1/3/1945. Casada com Sr. Luigi Battaglia, de nacionalidade italiana, sociólogo, de cujo consórcio nasceram os seus dois filhos: Luís Sérgio e Leonardo. Maria da Glória é o nome da sua avó materna. Glorinha é estudiosa, possui muita determinação; ela mesma procurou emprego, suou muito mas, venceu. Atualmente (1994) é funcionária de destaque na Finep, com sede no Rio de Janeiro.

Posteriormente, mudamos a nossa residência para a rua Luís Antony, 227. Inicialmente, alugamos o imóvel de propriedade do Sr. Cristiano. Posteriormente, adquirimos o imóvel mediante empréstimos que conseguimos com pessoa amiga.

Na rua Luís Antony, 227 nasceram o João Bosco (Dr. João Bosco Lopes Botelho, médico cirurgião) em 29/08/1948 e o Sebastião Botelho Neto em 09/10/1953. O Antônio José, caçula, nasceu na maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Manaus, em 31/1/1959. O médico-parteiro Dr. Gesta, foi obrigado a realizar a cesariana, porque a criança se encontrava no útero em posição um pouco difícil para o nascimento normal. A operação foi coroada de maior êxito.

CURRICULUM VITAE DE SEBASTIÃO BOTELHO JÚNIOR⁸³

- Data de Nascimento: 27 de janeiro de 1917.
- 1928/1932 – Curso de Contador na escola Técnica de Comércio “Sólon de Lucena”, de Manaus (curso de 5 anos). Diploma equiparado ao de contador pela faculdade de Ciências Contábeis, de acordo com a legislação de ensino.
- 1933 – Ingressou como Guarda-Fiscal na Delegacia Fiscal do Norte de Mato Grosso, com sede em Manaus (repartição fiscal e arrecadadora, do Governo do Estado de Mato Grosso, que superintendia toda a região pertencente ao atual Território de Rondônia). Em fins de 1933, viajou para Guajará-Mirim (antigo ponto terminal da estrada de ferro Madeira-Mamoré), que se tornou, logo após, sede da Delegacia do Norte de Mato Grosso. Trabalhou em Guajará-Mirim até princípios de 1935.
- 1935/1947 – Em JUNHO/35, ingressou no Instituto dos Comerciantes (IAPC) como 2.º Escrivão. Foi chefe da Seção de Fiscalização e da Seção de Serviços Gerais em épocas diferentes. Enquadrado na carreira de contador em 1944 e nomeado contador Seccional da delegacia do Instituto dos Comerciantes, em Manaus, cargo que permaneceu até OUTUBRO/1947, quando pediu demissão para trabalhar por conta própria, como contador autônomo.

83. Documento elaborado pelo próprio Botelho em 1975. Ressalte-se que ele trabalhou como Contador autônomo por muitos anos além de 1975, quando, finalmente, se aposentou de sua atividade liberal.

- 1930/1937 – Cursou o Ginásio Amazonense “Pedro II”, de Manaus, hoje denominado Colégio Estadual do Amazonas (curso de humanidades). Concluiu o curso ginasial em 1935 (perdeu o ano de 1934 por se encontrar em Guajará-Mirim). Em 1937, concluiu o curso pré-jurídico (2 anos).
- 1938 – Prestou exame vestibular para a Faculdade de Direito do Amazonas, sendo aprovado. Não se inscreveu para o curso de Direito, só o fazendo em 1954.
- 1942/1967 – Professor na Escola Técnica de Comércio “Sólon de Lucena”, em Manaus/Amazonas, das seguintes matérias: Contabilidade Geral, Contabilidade Comercial, Prática de Escritório e Escrituração Mercantil, Contabilidade Pública.
- 1954 a 1971 – Em MARÇO/1954, nomeado auditor-contábil da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), sediada em Manaus/Amazonas. Trabalhou na SPVEA até 1967, quando foi relotado no Ministério da Fazenda (Inspetoria Geral de Finanças), no cargo de Contador 22/C.
- 1955 – Fez um curso especial de administração pública, de março a julho/75, na Fundação Getúlio Vargas (Egap), juntamente com outros colegas da SPVEA. Matérias: Administração Pública, Finanças e Organização e Métodos.
- 1947/1954 – Trabalhou como contador autônomo, abrindo um escritório de contabilidade em Manaus.
- 1954/1975 – Continuou a trabalhar no seu Escritório de Contabilidade, que funcionou em Manaus (SERVIÇOS CONTÁBEIS LTDA. – Av. Eduardo Ribeiro, 629 – 1.º andar – s/206/207 – Tel. 232-0262).
- 1954/1959 – Cursou a Faculdade de Direito do Amazonas, tendo colado grau de Bacharel em Direito em 12/12/1959.

CARGOS EXERCIDOS

- Delegacia do norte de Mato Grosso (Sede em Manaus e Guajará-Mirim) – Guarda Fiscal em 1933, 1934 e princípios de 1935.
- Instituto dos Comerciários (IAPC) – 2.º Escriturário, chefe da Seção de Fiscalização e chefe da Seção de Serviços Gerais, em 1935/1944. Contador Seccional, de 1944 a 1947.

- Escola Técnica de Comércio “Sólon de Lucena” (Manaus) – Professor das matérias: Contabilidade Geral, Contabilidade Comercial, Prática de Escrituração e Escrituração Mercantil, Contabilidade Pública, de 1942 a 1967.
- Superintendência do Plano de Valorização Economia da Amazônia (SPVEA) – Auditor-Contábil, de março/954 a março/967, em Manaus.
- Inspetoria-Geral de Finanças (Ministério da fazenda) – Contador, nível 22/C, de 1967 a 1971, em Manaus. Aposentou-se em 1971.

NATUREZA DAS ATRIBUIÇÕES

Instituto dos Comerciantes

- Seção de Fiscalização – Responsável pela fiscalização e arrecadação das contribuições devidas pelas empresas sujeitas ao regime legal do ICPC.
- Contadoria Seccional – Controle dos Serviços de Tesouraria (arrecadação de contribuições e pagamentos). Contabilidade diária das operações. Remessa de balancetes mensais e Balanço Geral à sede geral, no Rio de Janeiro (rua México).

SPVEA

- Auditor-contábil – Exame e parecer sobre as prestações de contas de entidades (governamentais, religiosas, industriais) que recebiam auxílio, subvenções ou financiamentos. Fiscalização dos empreendimentos financiados.

Inspetoria-Geral de Finanças

- Controle orçamentário de verbas: Pessoal, Material, Encargos Diversos. Balancetes financeiros.

Galeria de Fotos



Botelhão menino (de chapéu) com a família ascendente em Humaitá



Botelhão estudante (no alto à direita) com amigos do ginásial em Manaus



Botelhão profissional (segundo da direita para a esquerda) com amigos de repartição em Manaus



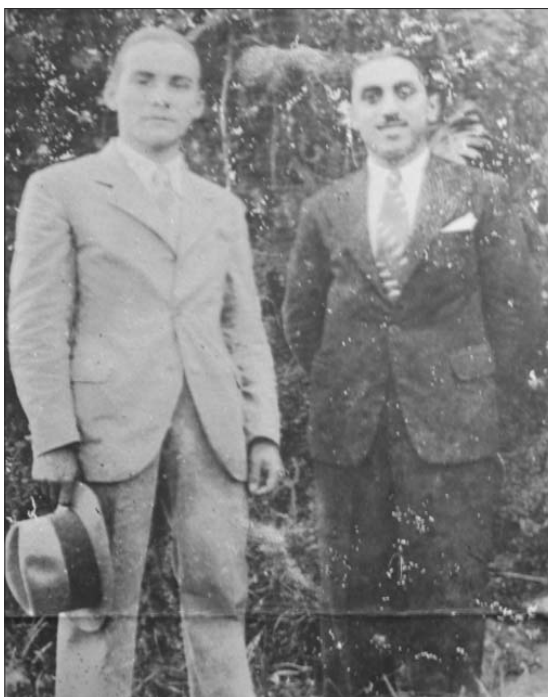
Botelhão solteiro na década de trinta do século passado em Manaus



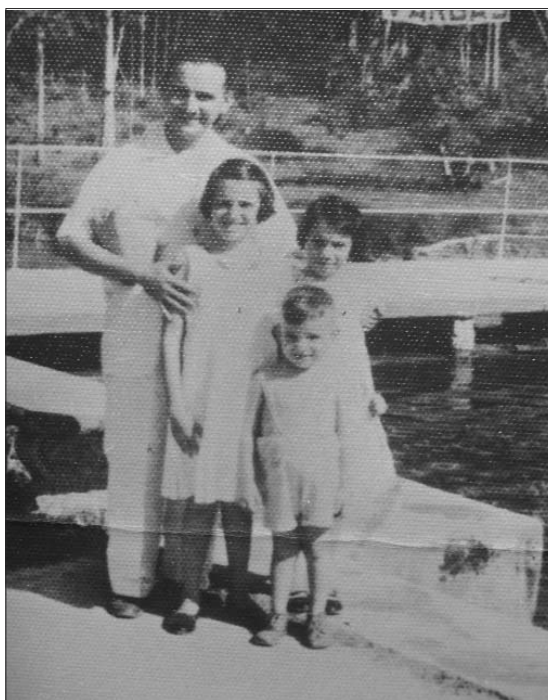
Botelhão casando em 1943 com a Elizoca em Manaus



Botelhão já casado e com a primeira filha com a família ascendente



Botelhão com um amigo em Manaus nos anos de 1940



Botelhão com os três primeiros filhos numa manhã de domingo ensolarado no Parque dez nos anos 1950



Botelhão com a família em Niterói nos anos de 1970



Botelhão com um amigo em Manaus nos anos de 1940



Botelhão nos anos 1980 em Manaus ao lado da Elizoca com todos os filhos e alguns netos



Botelhão e Elizoca com filhas e genros em Niterói celebrando a bisneta Gabriela



Botelhão com seus pares de religiosidade compondo mesa na inauguração de um espaço vertido à prática espírita





Botelhão com a Elizoca nos 1990 com filhos, netos e bisnetos no Rio de Janeiro



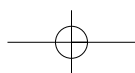
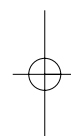
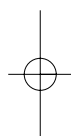
Botelhão nos anos de 2000 em Manaus ao lado da Elizoca com netas e bisnetos



Botelhão com a Elizoca no seu último ano de vida aos 64 anos de casados



Elizoca com os filhos, filhas e noras, já sem a presença do Botelhão nesta dimensão, no final de 2005



Homenagens

Botelhão, cumprida a sugestão que lhe ofereci em vida, de consolidar seus escritos sobre o Espiritismo, os quais demonstram sua espiritualidade. A missão, que começou anos atrás com a digitalização de um único texto – *Os Exilados da Capela*, foi finalizada após a sua partida, inclusive, de forma ampliada com suas cartas como expressões de sua cidadania. Estimo que tenha aprovado e gostado, pois toda sua descendência me acompanhou nesse projeto, homenageando-o.

Peço-lhe a bênção, desejando voltar a abraçá-lo e beijá-lo, num outro tempo e espaço, em qualquer que seja a dimensão.

Até lá!

Antônio José

TERRA

Eu nasci no Amazonas,
Terra, chão, solo, berço, morada;
Terra de meus avós, de meu pai e meus irmãos,
De meus filhos pelo sangue que corre em minhas veias
E pelo batismo no encontro de tuas águas;
Eu nasci no Amazonas,
Terra dos meus ancestrais:
Barés, Manáos, Ticunas, Tukanos e Tarianos,
Portugueses, espanhóis, negros e mulatos.
Orgulho da minha descendência, das minhas raízes;
Origem de minha brasilidade.

Eu nasci no Amazonas;
Terra, chão, solo, berço, morada;
Terra do Homem Amazônico;
Oriundo das Amazonas;
Herdeiro legítimo de teu solo;
Onde guardas conhecimentos, riquezas;
Segredos e mistérios;
Herdeiro legítimo da tua bravura;
Porque traz no sangue
A força e a coragem para te povoar;
E sobreviver em tuas terras continentais;
Herdeiro legítimo de tuas águas;
Porque na fragilidade das canoas, barcos e batelões;
Vence distâncias enormes e o isolamento;
Apazigua em seu coração a solidão;
Fruto da tua imensidão, mistérios e magia!

Eu nasci no Amazonas;
Terra, chão, solo, berço, morada;
Terra-mãe de um povo gigante e guerreiro;
Espalhado em tuas florestas e matas;
Onde tuas etnias vivem com suas culturas e línguas;
Teus filhos ribeirinhos e caboclos;

Habitam as margens de teus rios
E tu, Mãe-Terra ao dares a vida,
Dais também a sustentação de teus filhos;
Para a sobrevivência da vida;

Eu nasci no Amazonas,
Terra, chão, solo, berço, morada;
Terra avermelhada como o fogo,
Escura quando molhada pelas águas da chuva ou
Pelas enchentes do rio que te alaga, te penetra e te fecunda,
E no ato de amor exalas perfume exótico e sensual,
Vindo de tuas raízes, flores, folhas e frutos.
Inebrias o ar com tua volúpia
E convidas ao amor.

Eu nasci no Amazonas,
Terra, chão, solo, berço, morada;
Terra-mãe imensa, rica e generosa,
Teu útero fértil, quente e aconchegante,
Gera no milagre e no mistério da vida a floresta amazônica.
A cada dia, a renovas e a perpetuas;
Pelo renascimento em tuas entranhas
Das raízes de tuas árvores gigantes:
Seringueiras, castanheiras, pitombeiras, mangueiras,
Açaizeiros, pupunheiras, bananeiras,
Pitangueiras e tucumanzeiros,
Frutos da minha infância, alimentos de teus filhos;
Terra-mãe, tuas entranhas escondes riquezas imensuráveis,
Cobiça dos homens e das nações ricas, mas
Potencialidades amazônicas, autosustentação de tua gente.

Eu nasci no Amazonas,
Terra, chão, solo, berço, morada;
Terra maior, marco e símbolo para a humanidade;
Reserva de oxigênio, pulmão do mundo,
Santuário verde,

Ainda gigante adormecido, mas,
Patrimônio e propriedade de tua gente.

Eu nasci no Amazonas
Terra, chão, solo, berço, morada;
Templo verde ouro, onde Deus fez uma de suas moradas,
Ao te reencontrar eu retorno à fonte,
Gigante adormecido!
Pátria!
Terra!

Maria da Glória Botelho Battaglia,
Amazônida, nascida em Manaus.
Para o meu Pai, Sebastião Botelho Júnior. Rio de Janeiro,
07/04/2002.

Meu vizinho,

Tantas coisas que poderia mencionar nesse breve relato, no entanto, a primeira coisa que me vem à cabeça, quando lembro desse grande homem, é a frase:

Não vai comer a farofa? Ela está "ispecial"!

É uma frase simples, aparentemente sem grande importância, mas se perguntar de cada um de seus filhos ou netos, tenho certeza que eles vão afirmar que já escutaram esta frase mais de 50 vezes...

Era uma grande figura, um grande homem, conquistou várias coisas nessa existência, entre elas, o amor de todos os seus netos!

Meu avô estará sempre em meu coração, representando sempre, para a minha pessoa, um sinônimo de sucesso!

Carol!

Vovô Botelho

Sempre chamei e chamarei de “Vovô Botelho”. Foi um avô sempre presente, conversador, atento aos meus estudos, preocupado com meu futuro, no qual sempre retribuí com meus pequenos feitos ao longo da infância e juventude, até meu ingresso na escola de engenharia aqui no Amazonas, feito este bastante valorizado por meu avô. Evoluí como pessoa sempre com ele ao redor, percebendo e aconselhando.

Sempre foi e será um guia para mim, um eixo, um equilíbrio. E mesmo após sua passagem para outra dimensão, continuo com esse desejo de retribuir toda essa orientação, essa bondade, disciplina, respeito que ele tinha e que passou para toda uma família.

Lembro-me de nossa última conversa sobre a faculdade, assim como minha promessa de levá-lo para acompanhar uma obra de construção civil, logo após minha formatura. A idéia o cativou muito e eu tinha realmente esse desejo.

Meu grande Vovô Botelho, não só estarás em meu coração nesta obra, mas sim em minha vida. Admiração e saudades do seu neto.

Thiago Botelho
Manaus, 7 de Abril de 2006.

Saudades do teu filho

Escrever uma homenagem póstuma para o Botelhão à altura que merece não é uma tarefa tão simples quanto parece, pelo fato dele ter sido um homem muito especial.

Possui, sim, possui, já que vive em outra dimensão, características de personalidade incrustadas em seu espírito de elevadas qualidades, as quais sempre buscou melhorar e aperfeiçoar ao longo dessa vida contínua, transformando-a em aprendizado permanente. Até mesmo quando seu organismo físico estava muito cansado e debilitado, horas antes do seu desencarne atual, protegia e cuidava da sua esposa e companheira de mais de seis décadas.

Cumpriu integralmente sua missão terrena, digna e honradamente, como cidadão, irmão, filho, marido, pai, avô, bisavô, companheiro, amigo, profissional, transmissor e disseminador da sua fé inabalável na imortalidade do espírito, a qual abraçou por toda esta vida, tal como possuía em relação ao ser humano.

Desencarnou dormindo, em sua casa, em seu quarto, em sua cama ao lado de sua mulher, sem dor. Sem dúvidas, fez por merecer!

Recordo-me do excelente filme “Soldado Ryan” que narra o resgate de um soldado que tinha perdido quatro irmãos na guerra. Um comandante ao saber, ordenou a um tenente que o único sobrevivente da família fosse trazido vivo dos campos de batalha. A missão foi cumprida, porém o tenente morreu. Duas cenas e seus respectivos diálogos são muito emocionantes: o tenente agonizando chama o Ryan e diz “faça por merecer” e a outra é no início do filme quando o Ryan já em idade avançada visita a sepultura do tenente, com sua mulher, filhos e netos e diz para ela, muito emocionado: “Diga a ele que sou um homem honrado”.

Assim, acho que homenagear o nosso amado Botelhaço (assim eu o chamava também) é fazer por merecer ter sido seu filho, ainda em processo evolutivo, lembrando permanentemente de todos os seus ensinamentos e pensamentos progressistas e dos seus inúmeros bons exemplos, usando-os como balizadores e retificadores, aplicando-os para minimizar as falhas passíveis de

ocorrerem e finalmente transmitindo-os a seus netos, mantendo, dessa forma, a sua memória viva para que estes repassem a seus filhos...

A exemplo da minha mãe quando prestou sua última homenagem a ele, dizendo: "Meu marido, muito obrigada por tudo", faço também minhas palavras: Meu pai querido, obrigado por tudo.

Manaus, abril de 2006
Sebastião Botelho Neto

Escrever sobre o vovô é necessariamente esquecer de várias das dimensões da rica existência que ele teve. Quero, entretanto, me referir a dois aspectos de sua personalidade que sempre me chamaram atenção.

Um diz respeito à crença dele quase inabalável na possibilidade de avanço da humanidade: por isso, o vovô transcendia a oposição política tradicional entre partidos, perspectivas políticas, ou entre direita e esquerda. Sempre lembro do vovô defendendo o ponto de vista de que todos os atores políticos tinham direito de se representar e, assim, tentar melhorar o Brasil e o mundo.

Um outro viés dele era a capacidade que teve de, sendo o exemplo que sempre foi para a família Botelho, fazer com que todos o tivessem como centro de atenções. Ora, nas reuniões da família via que todos os presentes se preocupavam em falar de suas realizações, progressos ou erros fundamentalmente para o vovô. Enxergo como se todos estivessem ali prestando contas, ouvindo os afagos e mesmo as condenações dele. Desempenhou essa posição central na família, durante toda a sua vida, e mesmo com o seu falecimento, continuará representando um germe de amor, honestidade, equilíbrio e hombridade para nossas gerações futuras.

Como neto, e ciente que meus filhos não o conhecerão pessoalmente, carrego a missão de repassar a essência do que foi esse grande homem e avô muito amado por mim.

André Botelho

Vovô, o senhor sabe que eu te amo muito, mesmo que o senhor esteja no céu!

Sua neta Isabella Botelho

A morte das pessoas amadas tem sido, desde antes do aparecimento espécie Homo, a maior das tragédias. Desse modo, o choro pela morte já estava presente com os neandertalenses, em torno de 80.000 anos, que enterravam os mortos em cerimônias rituais. Como os corpos eram acompanhados de generosos pedaços de carne e artefatos para caça e pesca, supõe-se que eles acreditavam na vida após a morte.

O medo e a repulsa da morte, gerando a dor temida, são os mais importantes instrumentos que prolongam a vida e impulsionam a obstinada resistência à decomposição do corpo. Só é possível viver mais e manter a lembrança do próprio passado vivido e o desejo de pensar o futuro, condição *a priori* da vida em si mesma, se houver a revolta contra a morte.

Simultaneamente, a qualidade humana de possuir o privilégio de pensar a própria morte acompanhada do rito eloqüente para sepultar as pessoas amadas, partes da repulsa da morte, singular entre todos os seres vivos, estabeleceu a obrigatória reflexão da realidade finita, os valores e as razões da vida vivida.

Com o pressuposto de a morte humana, em si mesma, impor reverência à realidade última – apreensão de Deus –, pouco importando aos crentes o nome identificador da divindade (para os crentes das muitas religiões o seu Deus é sempre o único e verdadeiro), dominante nos quatro cantos do planeta, torna-se muito difícil dissociar das idéias e crenças religiosas o corpo morto putrefeito e desfigurado sem possibilidade de pensar o presente, o passado e o futuro. Por essas razões, os enfoques da morte envolvendo o morto e aquele que chora ou comemora o evento, estão atrelados às cosmogonias, teofanias e teogonias dispersas nos continentes. Certamente, esse fato de natureza muito complexa comportando muitas variáveis tem contribuído para alimentar o pessimismo quanto à validade de qualquer aproximação do tema dissociado da fé escatológica expressa nas religiões.

Para Mircea Eliade, um dos mais importantes historiadores das religiões, expôs no seu livro *Mefistófeles e o Andrógino*, a dificuldade da abordagem dos mistérios da morte como apreensão de Deus inter-relacionada ao conjunto dos ritos e mitos, por ele designado *coincidentia oppositorum*:

Resumindo, esses mitos, ritos e teorias que implicam a *coincidentia oppositorum* ensinam aos homens que a melhor via para se apreender Deus ou a realidade última é renunciar, mesmo que por alguns instantes, a pensar e imaginar a divindade em termos de experiência imediata; tal experiência só poderia perceber fragmentos e tensões.

Entre essas várias pontes, oriundas dos tempos da ontogenia, se destaca a do repetir coletivo em torno da mais singular de todas as crenças humanas – a vida após a vida – que torna os humanos únicos na natureza, estrutura o cerne do padrão neurológico para atenuar a dor frente à morte. Essa diferenciação é primordial na obra Deus e a Ciência do filósofo francês contemporâneo Jean Guilton, ao reconhecer a religião e a Ciência como os dois pilares que podem e devem pensar a morte:

Durante toda a minha vida, meu pensamento esteve ocupado pelo problema com o qual todos se defrontam: o sentido da vida e da morte. É, no fundo, a única questão contra a qual se choca desde a origem do animal pensante, o único que enterra seus mortos, o único que pensa na morte, que pensa sua morte. Para iluminar seu caminho nas trevas, para adaptar-se à morte, esse animal tão bem adaptado à vida só tem duas luzes: uma se chama religião, a outra se chama ciência.

Essa reflexão amalgama o quanto o Botelhão continua sendo importante para todos nós, não só por ele ter sido pai, amigo e o incansável médico assistente da Elizoca, a nossa mãe igualmente presente e plena de generosidade, mas, sobretudo pelos exemplos transmitidos no cotidiano da família, em mais de sessenta anos.

O Botelhão acreditava, sem jamais duvidar, em Deus e na vida após a morte.

João Bosco Lopes Botelho

Ricas Lembranças

Com a intenção de organizar uma coletânea com os escritos de papai, o nosso Botelinho teve a significativa idéia de anexar a este trabalho, algumas palavras de cada um dos filhos e netos como uma especial e merecida homenagem.

Achei uma idéia maravilhosa. Fiquei muito contente com esta proposta.

Eu saí cedo da casa dos meus pais, pois me casei aos 18 anos. Hoje me parece tão curto o convívio que tive com ele, especialmente numa fase mais adulta, uma vez que eu vim morar no Rio de Janeiro e meus pais ficaram em Manaus.

Curiosamente me vem à mente, a vontade de escrever muita coisa, mas como não tenho hábito de escrever, me sinto um pouco em dificuldade para realizar esta tarefa tão importante – a de transmitir sentimentos sobre esta pessoa boa e humana que foi o pai, o avô, o filho, o esposo, o amigo e o chefe de nossa Família.

Vou tentar, expressando-me através de pequenas frases, que penso saber fazer, e que marquem as lembranças que tenho dele.

Papai foi um grande homem, exemplo de ser humano muito simples, sério, correto, bondoso, amoroso, perseverante, religioso, disciplinado, generoso e muito ponderado.

Pelo o que ele próprio contava, a sua vida começou muito cedo. Com a perda de seu pai quando ele era ainda muito jovem, e sendo o filho mais velho, teve que assumir sua família – mãe e irmãos – ajudando-os na sobrevivência. Vindo do interior para estudar e trabalhar em Manaus, enfrentou todas as dificuldades e ultrapassando todos os obstáculos para obter o seu sustento e de todos os seus.

Admirável a sua dedicação, o seu empenho como responsável pela sua própria família. Tudo isso o tornou um autodidata e também um filho exemplar. Foi um vencedor!

Guardei de meu pai a visão de uma pessoa de grande força interior, um batalhador, educado, dinâmico, com uma imensa capacidade de trabalho e coragem, fazendo sempre boas ações em prol do próximo.

Guardo sobretudo um sentimento mesmo de gratidão e admiração pelo fato de que ele e minha mãe, um casal bem jovem, desde cedo, tenham dedicado as suas vidas para formar e estruturar sua família, educando seus filhos baseados nos valores fundamentais. Eles são sem dúvida um grande exemplo para todos nós.

Essa admiração pelo meu pai, pelo homem organizado que ele foi e pela especial dimensão que deu ao valor "Família", dedicando passo a passo a sua vida, diariamente no convívio familiar – se torna um bem precioso para todos nós.

Lembro na minha infância do zelo, do carinho, do cuidado e da proteção com as correntes de ar, e assim evitar resfriados, gripes, pneumonias. Eram seus cuidados com todos.

Meu pai estava sempre presente com o famoso "Emulsão de Scott" – óleo de fígado de bacalhau, o mais completo suplemento alimentar da época para tornar mais rica em vitaminas a nossa alimentação.

Havia também em abundância o leite Ninho. Várias vezes, eu era encontrada atrás dos móveis da sala de jantar com a boca cheia de leite em pó grudado no céu da minha boca. Era tão bom! Valia a pena ser repreendida...

Preocupava-se com a minha caligrafia, estimulando-me como fazer exercícios diários, o que fez com que a minha letra ficasse mais legível. Estudava várias vezes comigo, fazendo longos ditados, e quando eu errava as palavras, os castigos era copiá-las várias vezes. Argüia-me em História, Geografia e em todas as matérias. E havia ainda a tabuada...

Foi o meu primeiro professor e ainda me acordava muito cedo para que eu não chegasse atrasada no meu querido colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Meus pais me proporcionaram uma infância bem vivida. Lembro que brinquei muito de boneca, de pular corda, de bambolê com as colegas vizinhas. Andei de patins e de bicicleta. Joguei muito vôlei na praça em frente a nossa casa na Luiz Antony.

Guardo com o maior carinho as lembranças dos passeios que com ele fazíamos aos domingos, nos banhos do Parque Dez, do Bancrevea. E foi assim que ele me ensinou a mergulhar, a respirar, a boiar e a nadar. Era uma felicidade!

Minhas recordações, com imensa gratidão, culminam com a minha inesquecível festa de 15 anos, na qual meu pai dançou a valsa comigo sendo meu primeiro par, e a de debutante no Ideal Clube. Hoje avalio o imenso esforço que ele e mamãe fizeram para me dar aquela alegria que perdurou no meu coração até hoje. Foi tudo maravilhosamente lindo!

Agora que estou concluindo este texto, vejo como foi bom escrevê-lo. Como foi bom recordar! E como é bom perceber que os curtos 18 anos de maior convívio com meu pai, foram maravilhosamente intensos e ricos de emoções e de amor.

Obrigada meu Deus, pelo pai que eu tive e que hoje vejo como um ser humano que cumpriu suas missões de filho, irmão, cidadão, esposo, pai, avô, bisavô e amigo, alinhadas ao caminho espiritual que fez e que lhe deram a passagem, dos que têm mérito e que com certeza o conduziram às mãos de Deus para ficar a brilhar como as estrelas e os Anjos no Céu, e que nos inspira a trilhar os nossos caminhos. Meu pai ficará eternamente na minha memória e no meu coração.

Conceição – filha mais velha
Abril de 2006

O que falar do meu avô!?? Bom.. o único avô que tive a felicidade de conviver!

O seu jeito de demonstrar carinho e felicidade era um pouco diferente, porém, mesmo com um jeito não apegado, impossível não perceber o grande coração que tinha, seja quando ele comprava um livro, ou quando ria dos netos gastando "água desnecessária", ou não dava bronca quando os netos quebravam alguma coisa, por exemplo, sua cama.

Lembro que sempre colocava música alta quando estava bem, ou dizia que a vovó estava precisando de visitas, apesar de sempre achar que era ele quem queria nossa companhia.

Suas frases mais marcantes:

"Menina, corte esse seu cabelo. Pra que esse cabelo desse tamanho?"

"Você tem que ficar mais forte, tá muito magrinha!"

O que achava mais lindo nele era o carinho que cuidava da vovó até o final de sua vida. Dentre outros gestos, o que me chamou mais atenção, foi o fato de todo dia à noite ele se levantar para pegar um copo de leite para sua mulher.

Espero terminar minha vida assim, com a mesma paz.

Catharina, neta

Para Meu Avô Botelhão,

Sempre que penso em você vem imediatamente à minha mente: Botelhão. Sinônimo de serenidade, família e segurança. Não há como também não se orgulhar de ser uma BOTELHO e também ter-lhe dado dois bisnetos BOTELHINHOS.

Pena a distância e o ritmo da vida moderna não terem permitido que meus filhos convivessem com você, para sentirem aquele sorriso farto e carinhoso, para ouvirem que, apesar do avançar da idade, você continuava tentando entender toda a revolução tecnológica no seu entorno.

Nos nossos encontros sempre perguntava: “Como vão as telecomunicações, Renata? Como é que funciona o telefone celular?” Sempre ouvia atentamente todas as minhas tentativas de explicar como era possível a voz seguir caminho pelo ar...

É Botelhão... Você definitivamente deixa saudades, mas ao mesmo tempo deixa uma família sólida, unida e encaminhada. Novamente é com muito orgulho que digo: SOU UMA BOTELHO!

Amo-te muito.

Um beijo saudoso e enorme nesta carequinha,

Renata, Alessandro, Gabriela e João Pedro.

Meu avô lindo, assim o chamava, uma forma carinhosa de me referir a uma pessoa séria mas cativante, carinhosa, atenciosa, e o principal, sempre preocupado com seus filhos, netos e os mais recentes, os bisnetos.

O Botelhão, apesar de ter ficado longe de mim por 7 anos, nunca ficou ausente na minha vida, sempre participando das minhas conquistas e de sonhos que pretendia realizar... este era o meu avô que amo tanto!

Eu, mesmo conseguindo, com muito sacrifício, ganhar alguns quilinhos, meu avô nunca estava satisfeito, sempre falava para minha avó: Eliza, esta menina está muito magra, só pele e osso, tá precisando comer mais feijão, fala pra Dayse dar comida a ela... ai que saudades da minha carequinha, sempre coberta pelo seu "chapéu" inseparável.

É impossível falar ou escrever sobre meu avô, lindo, sem deixar cair uma lágrima de tristeza, de saudades, mas acima de tudo de saber que ele e minha avó conseguiram estruturar uma família sólida e unida, a família BOTELHO, de forma digna. Tenho um orgulho enorme de você e sei que estarás sempre comigo, ao meu lado, participando agora de um outro sonho que vou realizar, ser médica!

Amo-te muito!!!!

Um grande beijo na carequinha da sua neta saudosa

Raquel BOTELHO

Todas as vezes que penso no meu avô lembro do homem forte que era, pela sua independência, que manteve até o último dia, pela sua lucidez e pelo chefe de família que foi.

Não esqueço do ar sereno que manteve em sua despedida e isso decerto se deve à certeza de ter vivido dignamente e voltado ao bem-estar de sua família, sempre buscando mantê-la em segurança e é justamente essa determinação o maior exemplo que tento seguir.

Flávia

Vô:

Meu avô, tenho certeza que você estava a frente do seu tempo. Tentando recapitular todas as nossas conversas, lembro da nossa despedida por telefone, da última bênção (peço a Deus que eu tenha a mesma serenidade perante a morte que você teve) e das nossas conversas aqui nas tuas férias no Rio de Janeiro...

Lembro de quanto você pediu para que eu me esforçasse nos estudos, que eu percebesse a importância da educação, que eu me tornasse "um grande engenheiro". Porque só com o esforço e com uma boa formação eu poderia sobreviver no mercado de trabalho. Como preanunciando a competitividade do mercado de trabalho brasileiro você sempre me fazia relatar a minha vida acadêmica e sempre pedia empenho. Eu pensava, lá vem o vovô com o papo dos estudos de novo. Não entendia a importância da educação e do esforço pessoal no mundo atual. De uma maneira ou de outra acho que aprendi a lição e eu só tenho a agradecer.

Lembro das infinitas discussões sobre política tuas com meu pai e comigo, das tuas declarações polêmicas e do teu riso de satisfação quando a situação ficava inflamada. Foi você, meu avô, que me apresentou ao mundo da política, que me fez entender os meandros da democracia. – Serginho, você viu no jornal; – Não vô...; – Você tem de ler... – E esse prefeito, Serginho, o que você acha? O pulo da política brasileira para a situação social da Itália foi rápido, né vô? Com a minha experiência com a cultura italiana eu pude satisfazer a sua curiosidade, a curiosidade de uma pessoa que sempre queria entender todos os meandros da sociedade mundial. E as comparações com o Brasil? Difícil, né meu avô?

E agora, que eu quero trocar idéias, você não está mais aqui...

Vô, tenho muita saudade das nossas conversas. Espero que possamos continuá-las no futuro. Peço a sua bênção e a sua proteção. Pode deixar que eu vou cuidar da minha mãe como você pediu.

Um beijo...

Sérgio Botelho Bataglia

Meu Avô Botelho

É claro que tenho mil idéias e lembranças para registrar sobre o "vô Botelho" (como eu o chamava).

Tem uma, no entanto, que eu acho bem legal e que expressa bem sua personalidade.

Todos os que conheceram, acredito, vão reconhecer no curtíssimo diálogo que transcrevo abaixo (e que se repetiu inúmeras vezes) o seu jeitão de ser: um misto de cordial formalidade e humor velado.

Segue o diálogo:

– Oi, vô! Tudo bem? Sou eu, Luiza.

– Oh, princesa! Como vai?

Bacana, não? Qual menina, moça ou mulher que não gosta de ser princesa?

Maria Luiza – neta e afilhada.

Sobre o Vovô...

Eu, José Eduardo Botelho Augusto de Castro, neto do Vovô Botelho, filho de sua filha primogênito, brasileiro, casado e advogado, apresenta as minhas considerações sobre o Dr. Sebastião Botelho, patriarca da Família Botelho.

Vovô foi uma pessoa alegre que gostava de conversar e de perguntar sobre a nossa vida e sobre a política, eu lembro que ele me perguntava: “e a faculdade?”

Ele foi muito atencioso e dedicado a sua família e muito responsável.

Mesmo estando distante de mim, dos meus pais e dos meus irmãos, ele morando em Manaus-AM e nós morando no Rio de Janeiro-RJ, ele ligava para nós, para saber de cada um.

Ele adorava ler livros, estudar e escrever.

Dos sete (7) netos homens, eu fui o seu seguidor, na profissão de advogado.

José Eduardo Botelho Augusto de Castro
Rio de Janeiro, 18 de abril de 2006

Meu avo Botelho!

O que falar dele? São muitas as boas memórias e as engraçadas também. A memória principal que eu tenho dele é que ele amava a minha mãe muito. Eu sempre podia ver isso muito claro nos olhos dele. E eu adorava isso, me fazia gostar dele quase que automaticamente.

Eu tive o privilégio de passar três meses com ele e com a vovó em Manaus quando tinha quatorze anos. Passei momentos muito legais com eles. Ele foi muito bacana comigo e estava sempre preocupado com o meu bem-estar. Queria até tirar minha carteira de identidade em Manaus. Mas eu, carioca, disse: 'não vô, eu quero tirar a minha carteira de identidade no Rio'. Não sei porque eu me lembro disso até hoje. Eu acho que a gente chegou até ir ao lugar onde se faziam as carteiras de identidade e eu não última hora decidi de não fazer.

Uma outra memória que eu tenho dele e que me dá muito orgulho e que ele era um cara muito integro, responsável e totalmente dedicado à família. Ele ajudou a todos na família, de maneira concreta. Eu nunca me esqueço da máquina de escrever que ele me deu quando eu estava para entrar na faculdade porque ele sabia que eu queria estudar jornalismo. Essa máquina acabou me ajudando a conseguir a minha bolsa de estudos nos Estados Unidos. Foi com ela que eu escrevi todo os meus pedidos de bolsa para as universidades, as quais me ofereceram bolsa de estudos.

Eu também me lembro que ele ajudava várias pessoas em necessidade.

A outra memória que eu tenho dele é que ele era de uma certa maneira a imagem do perfeito avô – aquele cara velhinho, maneiro, tranqüilo, que usava boina. Uma vez eu me lembro que ele e a vovó foram assaltados em Niterói. Levaram a bolsa deles. Eu me perguntei – puxa, como alguém pode ser cruel com dois velhinhos assim tão bacanas?

Eu gostava que ele sempre se mostrava interessado nas coisas da minha vida e sempre tinha uma opinião política para debater.

Eu também nunca esqueço que ele me mandou livros do Allan Kardec para Nova Iorque, depois dos ataques de 11 de setembro, para me ajudar a superar um momento tão difícil.

As memórias engraçadas que sempre me vem a cabeça são dele assistindo o jornal nacional ao máximo (e ninguém podia interrompê-lo durante) e dele brincando com a vovó Eliza... ele dizia: 'Mas a Eliza, a gente não pode abrir a boca, que ela...' e a vovó respondia: 'Sabaaaaaaaa...' Era muito gozado.

Eu me lembro que com o passar do anos, ele foi ficando cada vez mais cauteloso com o tempo. Quando eu voltei de Manaus para o Rio, ele teve que me entregar nas mãos do pessoal da Varig. Só que ele me levou para aeroporto umas cinco horas antes do meu vôo. Resultado, me colocaram numa sala com centenas de caixas de vídeo-cassete e fiquei lá esperando, com as caixas, horas, até eu ser entregue ao comandante do avião.

Também achava gozada a estória da bênção. Quando eu era pequeno, eu me falava: 'pô, não quero beijar essa mão tão velha...'

Enfim, eu tenho muito orgulho, mas orgulho mesmo, de ter tido ele como meu avô materno. Ele foi um cara nota 10. Que Deus o tenha e eu sei que ele está agora num lugar maravilhoso olhando por todos nos.

A bênção, vô!
Augusto César, neto.

Amado vovô, você fez parte de muitos momentos especiais na minha vida, onde um simples obrigado não reflete em nada o que essas situações significaram para mim. Sou muito grato por tudo, principalmente pelos ensinamentos e o apoio que você sempre me deu. A sua presença, a cada ida ao Rio, sempre foi motivo de muita festa, em compensação às suas voltas a Manaus, que continham um fundo de tristeza que era sempre superado por saber que no ano seguinte você retornaria.

Avô, inúmeros são os motivos que tenho para agradecê-lo, mas gostaria de ressaltar a sua grande força para com a nossa família. Um homem digno que buscou sempre o melhor para seus filhos e seus netos, sendo fundamental em nossas vidas. Fonte de inspiração para nós, tenho certeza de que todos almejam ser grande como você, em nobreza em espírito, em dedicação, em força, em amor e inúmeros outros adjetivos que o tornaram especial. Por isso, meu avô, você é eterno e descansa imortalizado em nossos corações.

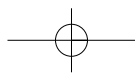
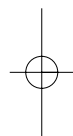
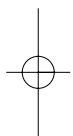
A saudade é enorme, mas logo estarei ao seu lado, pois terei muito o que aprender ainda.

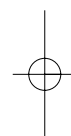
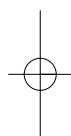
Te amo, um beijo.
Leonardo

Quando penso no meu avô, a primeira lembrança é sempre a sua preocupação em relação à educação. Um dos grandes orgulhos em relação aos netos. Ele dizia: "Todos os meus netos estão se formando engenheiros, advogados, etc."

Esse interesse me incentivava e acredito que a toda minha família, inclusive a voar mais alto. Sempre beijei a mão do meu avô, quando nos encontrávamos, porque meu respeito pela sua obra é muito grande, uma família bonita, alegre, íntegra e que passa respeito a todos que com ela convive.

Com carinho
Ulysses





Este livro foi impresso na cidade de Manaus/AM, em outubro de 2006, pela Gráfica Novo Tempo. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Swis721 Lt BT no corpo 10. O projeto gráfico - miolo e capa - foi feito pela Editora Travessia.

